



Análise da Organização das Comunidades - 2024

Análise da Organização das Comunidades - 2024

*Processo IBAMA nº 02022.002921/2009-21
Contrato Petrobras nº5900.0116052.20.2
Revisão 00
6 de novembro/2024*

Sumário

1. Introdução	7
2. Metodologia	10
2.1. <i>Análise das Organizações Comunitárias (2022)</i>	11
2.2. <i>O tema no Relatório Anual de 2023</i>	12
2.3. <i>As comissões de base</i>	13
2.4. <i>As organizações comunitárias nos registros de atividade</i>	18
2.5. <i>Atividades com tema sobre Organização Comunitária</i>	19
2.6. <i>OFPC sobre organizações comunitárias (julho de 2024)</i>	20
3. Situação das organizações comunitárias nas comunidades	23
3.1. <i>Meso RJ</i>	23
3.1.1. Microterritório Angra/Conceição de Jacareí	23
Conceição de Jacareí	23
Garatuaia	24
Monsuaba	26
Ponta Leste	27
Tararaca	28
Vila Velha	30
3.1.2. Microterritório Angra/Gipóia	31
Maresia (Canal da Josefa)	31
Praia das Flechas	32
Praia do Recife	33
Praia Vermelha - Perequê	35
Vila Histórica de Mambucaba	37
3.1.3. Microterritório Ilha Grande Leste	38
Enseada das Palmas	38
Enseada do Abraão	40
Freguesia de Santana	41
Japariz	43
Praia de Fora	45
Saco do Céu	46
Vila de Dois Rios	48
3.1.4. Microterritório Ilha Grande Oeste	49
Araçatiba	49
Aventureiro	51
Bananal	52
Matariz	53
Parnaioça	54

Praia da Longa.....	56
Praia Vermelha (Ilha Grande)	57
Provetá.....	58
Sítio Forte	60
3.1.5. Microterritório Mangaratiba.....	61
Centro de Mangaratiba	61
Ilha de Itacuruçá	62
Ilha de Jaguanum.....	63
Muriqui	65
Praia do Sahy	66
Quilombo da Marambaia.....	68
3.2. Meso Inter.....	69
3.2.1. Microterritório Centro-Sul de Paraty	69
Centro (Ponta/Chácara)	69
Ilha do Algodão	70
Paraty-Mirim.....	71
Ponta Grossa	72
Trindade.....	73
3.2.2. Microterritório Costeira	75
Calhaus e Praia Grande da Cajaíba	75
Martim de Sá/Cairuçu das Pedras/Saco das Anchovas.....	76
Ponta da Juatinga	78
Ponta Negra.....	78
Pouso da Cajaíba.....	79
Praia do Sono	80
Saco Claro/Saco da Sardinha.....	82
Saco do Mamanguá.....	83
3.2.3. Microterritório Norte de Paraty.....	84
Ilha do Araújo.....	84
Ilha do Cedro	85
Praia Grande.....	87
São Gonçalo	88
Tarituba.....	89
3.2.4. Microterritório Norte de Ubatuba	90
Camburi/Quilombo do Camburi.....	90
Félix	91
Picinguaba	92
Praia da Almada	94
Praia da Justa/Praia do Ubatumirim.....	95
Praia do Estaleiro.....	97
Prumirim.....	98

Puruba	99
Quilombo da Fazenda	101
3.2.5. Microterritório Sul de Ubatuba	102
Barra Seca	102
Enseada	103
Ilha dos Pescadores/Barra dos Pescadores	104
Lázaro	106
Maranduba	107
Peres/Oeste	108
Praia da Fortaleza	109
Praia Grande do Bonete	110
Quilombo da Caçandoca	111
Saco da Ribeira	112
3.3. Meso SP	113
3.3.1. Microterritório Armação-Itapecirica	113
Praia da Armação - Praia do Pinto	113
Curral	114
Itapecirica - Simão	115
Portinho	116
Saco do Indaiá/Santa Teresa	117
São Pedro	117
Taubaté	118
Bonete	118
3.3.2. Microterritório Baía dos Castelhanos	120
Canto da Lagoa	120
Canto do Ribeirão	121
Figueira	122
Guanxumas - Saco do Eustáquio	123
Guanxumas de Búzios	124
Ilha Vitória	124
Porto do Meio - Ilha de Búzios	125
Praia da Fome	125
Praia da Serraria	127
Praia Mansa	127
Praia Vermelha (Ilhabela)	128
Sombrio	129
3.3.3. Microterritório Norte de São Sebastião e Caraguatatuba	130
Araçá	130
Camaroeiro	132
Cocanha	133
Enseada (São Sebastião)	134

Pontal da Cruz	135
Porto Novo	136
São Francisco	137
Tabatinga	138
3.3.4. Microterritório Sul de São Sebastião	139
Barequeçaba	139
Barra do Sahy	139
Barra do Una	140
Boiçucanga	141
Boracéia	143
Camburi (São Sebastião)	144
Ilha do Montão de Trigo	145
Juqueí	146
Maresias	147
Paúba	148
Santiago	149
ToqueToque Grande	150
ToqueToque Pequeno	151
4. Organizações comunitárias de abrangência macroterritorial	152
4.1. Coletivos de Apoio à Educação Diferenciada (CAED)	152
4.1.1. CAED/Paraty	152
4.1.2. CAED/Angra dos Reis	153
4.1.3. Coletivo Educação Solidária/Ilha Grande	155
4.1.4. CAED/Ubatuba	156
4.1.5. CAED/Ilhabela	157
4.1.6. CAED/Mangaratiba	159
4.1.7 CAED/Caraguatatuba e São Sebastião	160
5. Conclusão	162
Referências bibliográficas	164

1. Introdução

Considerando que o Projeto Redes é um Projeto de Educação Ambiental (PEA) referenciado na Linha de Ação A da Nota Técnica do Ibama (2010), o papel das organizações comunitárias assume um lugar central na construção do projeto. A Linha de Ação A se apresenta nos seguintes termos

4.1. Linha de Ação A – **Organização comunitária para a participação na gestão ambiental, no âmbito do licenciamento ambiental:** desenvolver processos formativos junto ao público prioritário definido pelas diretrizes pedagógicas do IBAMA, a ser identificado na região por meio de diagnósticos participativos.

4.1.1. Justificativa: necessidade de **desenvolver processos formativos para subsidiar a intervenção qualificada de determinados grupos sociais em processos decisórios de distribuição de custos/benefícios a partir da exploração de recursos naturais.** Considerando a complexidade do processo de licenciamento ambiental de uma maneira geral e, em particular, da cadeia produtiva do petróleo, podemos afirmar que o **estímulo à organização dos segmentos sociais que costumam ter pouca interferência na gestão ambiental** das áreas em que vivem e desenvolvem suas atividades é fundamental para a **democratização do processo de licenciamento ambiental** e, em última análise, da **gestão das ações de transformação da realidade local.**”

4.1.2. Observações: (i) **Os processos formativos deverão ser elaborados com foco no licenciamento ambiental de petróleo e gás. Tendo em vista o direcionamento para o desenvolvimento da organização comunitária,** este foco favorecerá a participação qualificada dos grupos sociais envolvidos em futuros processos de licenciamento.

Com essa compreensão, em sintonia com a Linha de Ação A prevista na Nota Técnica 01/2010 e de acordo com a intencionalidade que já estava em curso na Fase I do PEA Costa Verde, o objetivo geral da Fase II (Projeto Redes) é, conforme o Plano de Trabalho:

Desenvolver processo educativo envolvendo as comunidades tradicionais de pescadores e pescadoras artesanais com vistas ao fortalecimento de processos organizativos que buscam a permanência nos territórios sustentáveis e saudáveis em que vivem e trabalham, por meio de uma rede de formação que promova a construção de conhecimento, o diálogo de saberes e a valorização dos meios de vida e do trabalho comunitário e tradicional.

A análise da organização das comunidades, portanto, é um documento relevante tanto para entender a situação de partida do projeto, expressa como diagnóstico, quanto para avaliar os resultados a partir do desenvolvimento dos

processos educativos, evidenciando os avanços obtidos no fortalecimento das organizações comunitárias a partir das ações desenvolvidas.

Numa perspectiva histórica, pode-se situar pelo menos três momentos correspondentes a ciclos de luta de ação coletiva, tal como propõe Faro (2021) para o caso de Paraty. A organização dos pescadores e dos caiçaras foi feita através das colônias de pescadores, que atuavam como entidades de classe, muito voltadas para questões da regulamentação do trabalho da pesca (WALM, 2012), e dos sindicatos rurais, que organizavam as lutas pela terra entre as décadas de 1960 e 1980 (FEITOSA E SILVA, 2015). Cada colônia e sindicato rural tem uma abrangência territorial que cobre várias comunidades, às vezes um município inteiro. Essas formas de organização já surgiram num contexto ambíguo de controle estatal sobre a organização política comunitária (WALM, 2012 apud Cardoso, 2001). No contexto da ditadura militar, a Pastoral da Terra acabou assumindo o papel de apoio à organização das comunidades na luta pela terra, pois era mais independente em relação ao Estado (FEITOSA E SILVA, 2015).

Posteriormente, as associações de pescadores e moradores emergiram como organizações mais locais e com maior capilaridade, de certa forma até em oposição às antigas estruturas (WALM, 2012). As associações trazem pautas mais abrangentes em relação a direitos territoriais e acesso a serviços públicos, com menor peso para as questões trabalhistas. Ribeiro (2007) analisa esse momento de crescimento das associações de moradores em Angra dos Reis nos anos 1980, Faro (2021) analisa o mesmo processo em Paraty no início dos anos 2000.

Uma tendência mais recente são as organizações marcadas por identidades coletivas étnicas, territoriais, ambientais, de gênero ou orientadas a pautas específicas como educação, saneamento, desastres, dentre outros, constatação que resulta da experiência política direta, mas que se coaduna com a tendência dos novos movimentos sociais e movimentos de luta por território (Porto-Gonçalves, 2006). No macroterritório, destaca-se o caso emblemático do Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba, que reúne caiçaras, quilombolas e indígenas, que é criado em 2007. Relacionado ao FCT, ainda os Coletivos de Apoio à Educação Diferenciada, criado em 2015 em Paraty e depois desdobrado em outros municípios. O Coletivo Mulheres da Terra, em

Paraty, vinculado ao FCT, e o recém-criado Coletivo de Mulheres da Ilha Grande. O FCT possui ainda um Núcleo Jovem e diversas frentes de atuação. No litoral norte de São Paulo se constituiu em 2019 o Coletivo Caiçara. E em 2023, no contexto da tragédia-crime ocorrida em São Sebastião se constituiu a União dos Atingidos. Em 2016, foi criado o Fórum de Pescadores Artesanais da Baía de Sepetiba, do qual participam algumas organizações de Mangaratiba. No caso de Angra dos Reis, cabe um destaque para a Sociedade Angrense de Proteção Ecológica (SAPÊ), que surge no início dos anos 1980, com a pauta ambientalista e antinuclear, sendo um dos movimentos pioneiros no Brasil com essa pauta.

A partir desse panorama, nota-se uma pluralidade de organizações que coexistem no tempo atual. Com o passar dos anos as tendências organizacionais se modificam, em face das demandas, identidades e modos de se apresentar os conflitos. Processos organizativos se acumulam e se somam, através das memórias de luta e resistência, mas se modificam de acordo com as necessidades objetivas e as construções subjetivas de cada tempo.

Outra questão importante é considerar as diversas escalas de organização, que não se limitam à escala local das comunidades, mas incluem organizações de diferentes escalas de abrangência e atuação. Essa articulação entre escalas permite incidir sobre níveis mais ampliados de gestão ambiental e do território, em contextos municipais, estaduais, regionais e nacionais. Além disso, estimula a formação de redes de movimentos sociais, em especial de pescadores e pescadoras e de comunidades tradicionais.

Organizações comunitárias são grupos formados por membros de uma comunidade que se unem para alcançar objetivos comuns, geralmente focados em melhorar as condições de vida locais. Elas desempenham um papel crucial no fortalecimento das comunidades em que atuam, em diversos âmbitos, como na relação com o poder público, na reivindicação e garantia de direitos, na organização social, com diversas formas de cooperação, e em muitos casos têm importância econômica na geração de renda.

Há uma discussão sobre os limites da atuação independente e autônoma das organizações comunitárias, frente a diferentes formas de captura e desgaste em relação à representatividade. É um debate em aberto ao qual sempre se deve estar atento. Geralmente há ciclos de luta e organização em que novos processos,

mais ou menos espontâneos, vão gerando suas formas de organização, que podem se estruturar de forma mais coesa e duradoura ou se dissolver nos momentos seguintes.

2. Metodologia

A análise da organização das comunidades passou por diversas etapas até a conclusão deste relatório.

A primeira etapa consistiu na revisão dos diagnósticos participativos das fases anteriores do PEA e do relatório prévio sobre organizações comunitárias entregue em 2022. A partir dos limites encontrados no material acumulado, principalmente a inexistência de uma base de dados por comunidade, elaborou-se o passo-a-passo para a presente pesquisa.

A segunda etapa consistiu em realizar uma varredura nos relatórios mensais buscando menções a associações e associativismo nas atividades realizadas pelo Projeto Redes. Em paralelo, foi-se aprimorando os registros sobre as comissões de base, a partir do levantamento feito pelos coordenadores de campo em setembro de 2023, analisado previamente no relatório anual de 2024, e atualizado em junho de 2024, a partir do compartilhamento da planilha de monitoramento de comunidades, em que foram incluídas não só a composição atualizada das comissões de base como também as organizações comunitárias atuantes em cada comunidade.

A terceira etapa foi o levantamento das atividades que tiveram como tema principal Organização Comunitária, identificando as comunidades envolvidas nas atividades e as mapeando, de modo a comparar a distribuição espacial dos anos III e IV (out/22 a set/24).

A quarta etapa consistiu no levantamento do total de organizações citadas como participantes de atividades realizadas pelo Projeto Redes. Esta informação foi introduzida como um campo próprio no formulário de registro de atividades de 2024.

Por fim, uma etapa participativa foi realizada em julho de 2024, uma Oficina de Formação e Planejamento Continuado (OFPC), uma em cada meso, reunindo toda a equipe. O principal resultado foi a síntese de cada uma das 111

comunidades, que qualifica os indicadores apresentados (disponíveis no Relatório de Monitoramento e Avaliação e na tabela Monitoramento de Comunidades 2024) e resume a situação das organizações das comunidades, o papel do Projeto Redes e as perspectivas de desenvolvimento do projeto no processo de fortalecimento das organizações comunitárias. Esses resultados estão apresentados caso a caso e alguns parâmetros estão na metodologia da OFPC (ponto 2.6).

Uma outra abordagem foi feita para tratar as organizações de abrangência meso e macrorregional relevantes no contexto da região abarcada pelo Projeto Redes, em seu conjunto de comunidades. Foram realizados entrevistas e levantamento de fontes secundárias para produzir um resumo sobre essas organizações. Como faltou uma etapa de validação dos textos junto às organizações, os textos referentes a essas organizações serão apresentados até o fim da Fase 2, com exceção dos resumos sobre os Coletivos de Apoio à Educação Diferenciada, que foram elaborados a partir de reuniões de blocos temáticos e contatos diretos com membros que os compõem.

2.1. Análise das Organizações Comunitárias (2022)

Foi elaborado um relatório de análise das organizações comunitárias pelo Projeto Redes entre setembro/2021 e setembro/2022. A metodologia foi apresentada no 1º Relatório Anual do Projeto Redes (outubro/2021) e o resultado do primeiro levantamento foi apresentado no 2º Relatório Anual (2022).

A análise se baseou no questionário de percepção dos educadores sobre as organizações comunitárias aplicado na Fase 1 do PEA Costa Verde. Utilizou quatro instrumentos: 1) Relatório Mensal por Mesoterritório - o relatório produzido pelos mesoterritórios a partir do Relatório de Atividade por Comunidade; 2) Planilha de Fortalecimento das Organizações Comunitárias - atualizada pelos Coordenadores de Campo; 3) Questionário de Percepção da Equipe de Campo - estruturado com base no modelo aplicado na Fase I e aplicado por meio do *Google Forms* e 4) oficinas de avaliação coletiva. Após a aplicação do questionário, a análise e organização dos dados obtidos, foram realizadas três oficinas de avaliação coletiva da organização comunitária (uma em cada Mesoterritório), com

objetivo de socializar os dados e promover um debate coletivo acerca das informações coletadas e a metodologia aplicada.

O questionário foi organizado em três grandes eixos, sendo eles 1) a inserção do Projeto Redes nas comunidades e a formação das comissões de base; 2) a identificação de aspectos e formas de organização comunitária; e 3) as contribuições do Projeto Redes no fomento às organizações e mobilizações comunitárias.

Os resultados preliminares da pesquisa, apresentados em 2022, apontaram a dificuldade na realização dos trabalhos de campo em algumas comunidades, por conta ainda do período de pandemia. Foram registradas algumas contribuições do Projeto Redes em diferentes comunidades, relacionadas à formalização de associações ou cooperativa; estímulo e articulação para a comercialização de produtos da comunidade através da inserção em redes, associações e cooperativas; estímulo à participação em organizações populares (movimentos sociais, fóruns e coletivos); e no conhecimento e reivindicação de direitos no/sobre o território.

2.2. O tema no Relatório Anual de 2023

No 3º Relatório Anual, o tema das organizações comunitárias aparece no monitoramento e avaliação das atividades do Projeto Redes, com o detalhamento das ações por comunidade, e no monitoramento e avaliação das audiências públicas da Etapa 4 do Pré-sal, quando foi analisada a participação das organizações comunitárias a partir das listas de presença das audiências.

Para o 3º Relatório Anual, foi apresentada uma síntese sobre a situação das comissões de base numa planilha e num texto explicativo, elaborados a partir do levantamento das comissões de base por comunidade junto aos coordenadores de campo e aos educadores, que resultou numa planilha detalhada sobre a composição das comissões de base por comunidade, entregue em setembro de 2023. Com essa base preliminar de informações, relacionando as características pré-existentes em cada comunidade e a atuação do Projeto Redes, foi possível chegar a uma síntese sobre a situação das organizações

comunitárias em cada comunidade para ser discutida e validada pelos educadores.

No perfil do público participante, foi possível indicar os representantes de organizações comunitárias, mas para especificar quais foram as organizações que tiveram que abrir uma coluna específica e buscar as informações nos textos descritivos. Das 527 atividades registradas entre outubro de 2022 e setembro de 2023, apenas 62 não tiveram qualquer envolvimento com alguma organização, mas em 279 não se conseguiu identificar qual organização participou. Somente em 186 registros é que se conseguiu chegar a identificar as organizações participantes. Foram ao todo 106 organizações, sendo 71 organizações comunitárias, de atuação local, regional ou nacional. Desse total, 1 tem atuação em mais de um meso – o FCT – e as outras 6 ou são de fora da região ou não tiveram identificadas sua localização.

No levantamento sobre as comissões de base, foram identificadas 48 organizações comunitárias. Considerando a soma de organizações comunitárias com registro nas atividades de outubro de 2022 a setembro de 2023 e as indicadas nas comissões de base, chegou-se a um total de 98 organizações comunitárias – excluindo-se as que são coincidentes nos dois registros.

Tabela 1: Organizações comunitárias em interação com o Projeto Redes, por Meso (2023)

Organizações comunitárias			
	Em atividades	Em Comissão de Base	Total
Meso RJ	22	25	35
Meso Inter	25	8	29
Meso SP	17	15	26
Vários/Outros	7	0	7
Total	71	48	98

Fonte: Planilha de monitoramento das atividades do Projeto Redes (out/22 a set/23) e lista de comissões de base (set/2023)

2.3. As comissões de base

As comissões de base estão previstas no Plano de Trabalho revisto (abril/2021). Segundo o Plano de Trabalho:

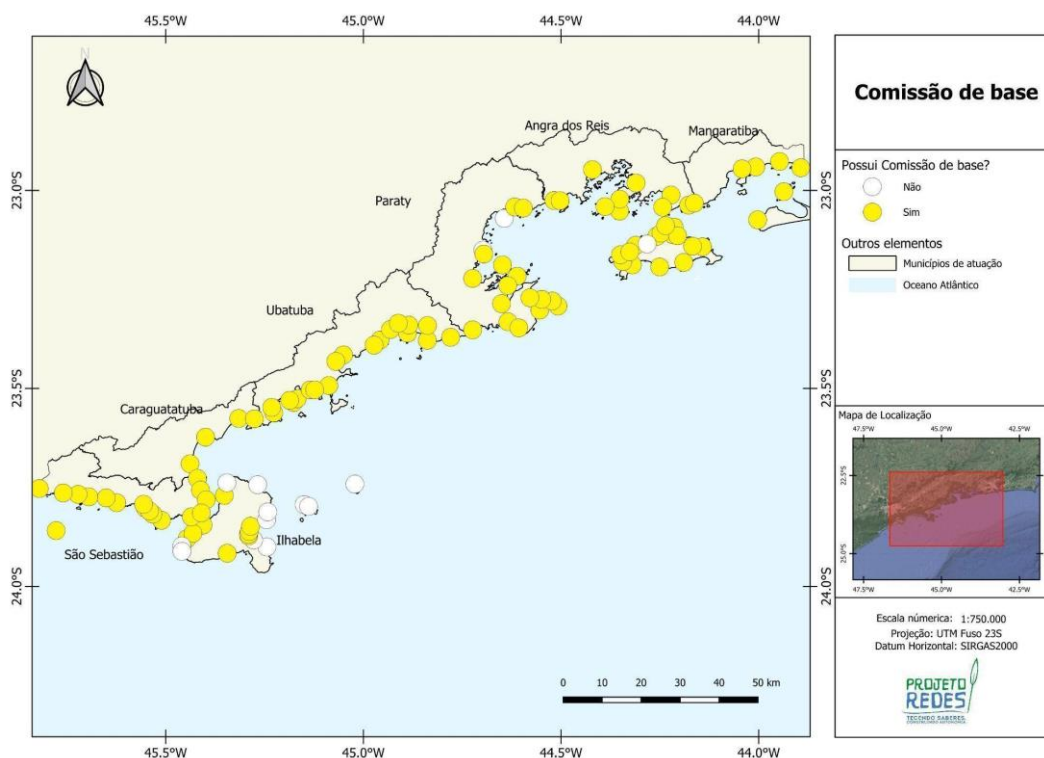
As reuniões de Comissão de base serão realizadas nas 111 comunidades de abrangência do PEA Costa Verde, sendo composta pelo grupo de comunitários mais envolvidos nas atividades do PEA. Nelas construiremos reflexões conjuntas sobre as problemáticas da comunidade e os acordos para o andamento das atividades do projeto, incluindo a elaboração e organização das Ações Formativas e Intercâmbios. A quantidade de membros da comissão varia de acordo com a comunidade sendo, normalmente, composta por até 10 comunitários mais a equipe de educadores (pg. 18).

Com as especificidades próprias de cada comunidade, as comissões de base deveriam reunir as pessoas mais engajadas na organização comunitária. Pode ser formalizada como um grupo fixo ou ser composta apenas pela indicação de pessoas de referência a serem mobilizadas em face dos processos organizativos nos quais o Projeto Redes se envolve. Em alguns casos, foram apontadas não pessoas, mas organizações comunitárias atuantes na comunidade e envolvidas com as ações do Projeto Redes.

Em 2022, o relatório de pesquisa indicava que a comissão de base era compreendida como um grupo composto por comunitários mais envolvidos na articulação com o Redes, onde há a construção de reflexões conjuntas sobre as problemáticas das comunidades e acordos para o andamento das atividades. Notou-se que esse instrumento vinha assumindo características fluidas que fugiam de formatos rígidos ou previamente estipulados. Em muitos casos as organizações comunitárias (principalmente, as associações) assumiam a centralidade das articulações, sendo entendidas pelos educadores como a comissão de base.

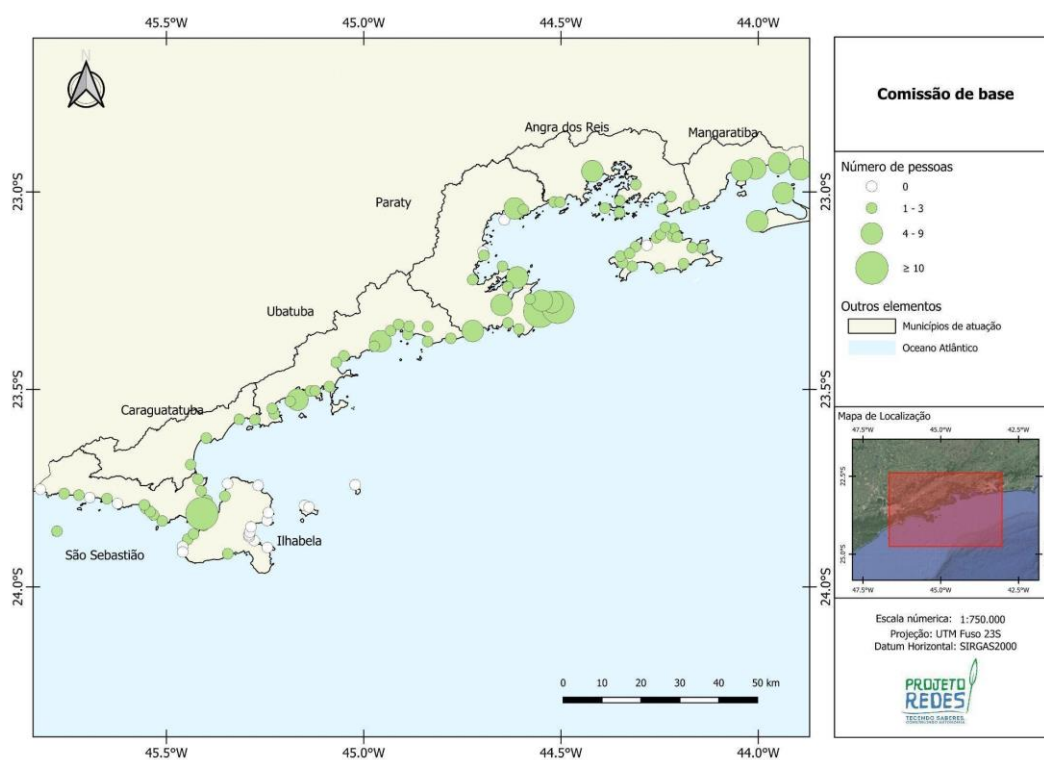
Foi feito um novo levantamento sobre a composição das comissões de base por comunidade, finalizado em setembro de 2023. Esse levantamento gerou informações sobre as 111 comunidades e havia ainda 14 comunidades que não apresentaram comissões de base constituídas até então. Ao todo, foram registradas 246 pessoas e 48 organizações comunitárias diferentes, sem contar os educadores de base que atuam em cada comunidade. São 75 pessoas no Meso RJ, 120 no Meso Inter e 51 no Meso SP. O número menor no Meso SP se explica não só por ter menos comunidades com comissões de base, mas também porque em 6 comunidades só se registrou o número de organizações e não de pessoas.

Mapa 1: Comissões de base levantadas em setembro/2023



Fonte: Levantamento feito pelos coordenadores em setembro/2023

Mapa 2: Número de pessoas nas comissões de base levantadas em setembro/2023



Fonte: Levantamento feito pelos coordenadores em setembro/2023

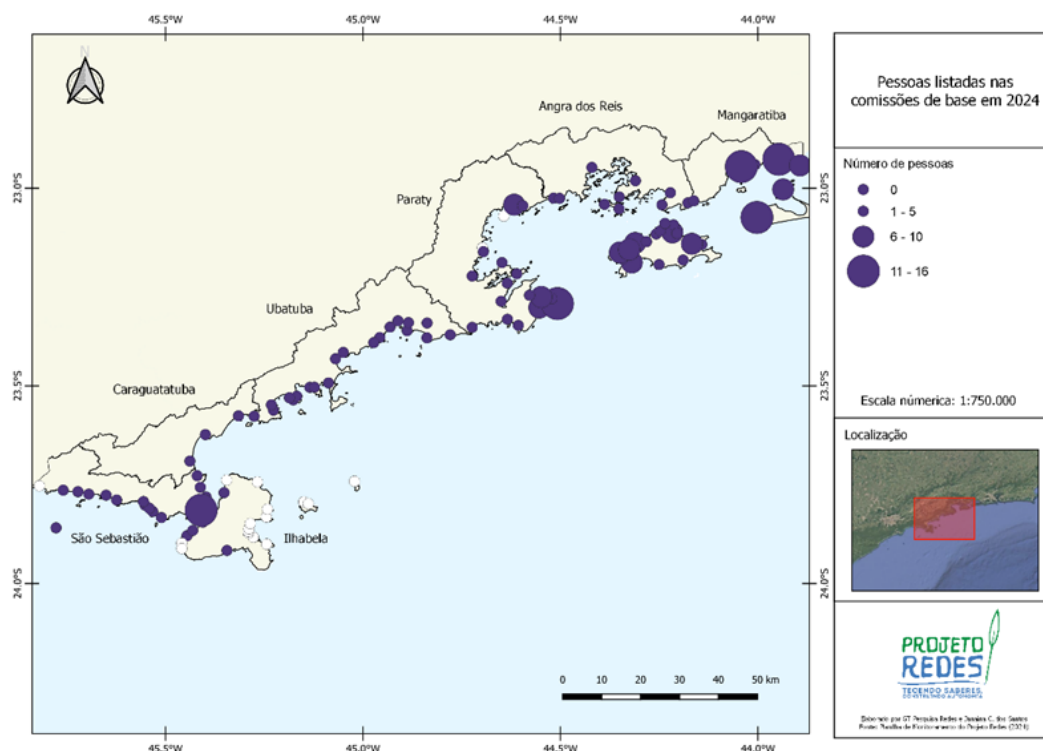
Cabe ressaltar que os registros feitos sobre comissão de base em setembro de 2023 são bastante desiguais. Em alguns casos houve efetivamente comissões constituídas, que acompanham diversas atividades do Projeto Redes, enquanto em outros casos eram apenas nomes de pessoas que foram contactadas, cuja participação é ainda muito incipiente.

O levantamento sobre as comissões de base chamou atenção para a importância de se orientar sua criação, composição e acompanhamento. É importante registrar na composição das comissões de base tanto os nomes das pessoas quanto as organizações que elas representam. O Plano de Trabalho prevê que os educadores sejam parte das comissões de base, o que resultaria em mais pessoas envolvidas.

Em 2024, houve um avanço considerável no número de pessoas envolvidas, mas a grande maioria em comunidades onde já havia comissões de base. A listagem passou de 247 nomes listados para 342 nomes. A comunidade do Sítio Forte, em Angra dos Reis, foi a única onde não havia ainda comissão de base e que foi acrescentada ao longo do ano. Com isso se atingiu a totalidade das 33 comunidades do Meso RJ, 35 das 37 comunidades do Meso Inter e 30 das 41 comunidades do Meso SP, sendo que destas 30, em 5 só há indicação de organização comunitária que compõe a comissão de base. Ou seja, 98 das 111 comunidades do Projeto Redes estão com comissões de base indicadas.

O Mapa 3 apresenta o número de pessoas mobilizadas como comissões de base em cada comunidade. Nota-se grandes concentrações em Mangaratiba e Ilha Grande, no Meso RJ, em algumas comunidades da Península da Juatinga, no Meso Inter, e em Araçá, no Meso SP. A porção leste de Ilhabela, onde está a Baía dos Castelhanos e entorno, é a parte que apresenta maior dificuldade, embora tenham sido indicadas lá associações como parte da comissão de base.

Mapa 3: Pessoas listadas nas comissões de base do Projeto Redes, por comunidade (2024)



Fonte: Planilha de Monitoramento de Comunidades/GT Pesquisa (2024)

Comparando os Indicadores Territoriais de Comissão de Base dos Anos III e IV, observa-se que a principal alteração ocorreu no número de comunidades que se considera com alto índice, ou seja, que listam pelo menos 3 participantes, que passou de 25 para 53 comunidades, crescendo sobretudo em relação às comunidades com índices médio-alto e alto.

Tabela 2: Indicador Territorial de Comissão de Base (setembro/23)

ICB23	Meso RJ	Meso Inter	Meso SP	Total Geral
Alto	10	14	1	25
Médio-alto	7	12	8	27
Médio	10	4	10	24
Baixo	5	5	11	21
Inexistente	1	2	11	14
Total Geral	33	37	41	111

Fonte: Planilha de monitoramento das comunidades do Projeto Redes (out/22 a set/23)

Na comparação entre os três mesos, continua a maior dificuldade na consolidação das comissões de base no Meso SP, onde se observa

aproximadamente 22 das 41 comunidades com índice Baixo ou Inexistente, mas com aumento no número de comunidades com índice Alto (de 1 para 8).

Tabela 3: Indicador Territorial de Comissão de Base (julho/24)

ICB24	Meso RJ	Meso Inter	Meso SP	Total Geral
Alto	19	26	8	53
Médio-alto	11	3	6	20
Médio	1	1	5	7
Baixo	2	5	11	18
Inexistente	0	2	11	13
Total Geral	33	37	41	111

Fonte: Planilha de monitoramento das comunidades do Projeto Redes (out/23 a set/24)

A composição das comissões de base deve ser revista a partir da listagem dos inscritos e selecionados nos cursos temáticos realizados em 2024. Pois 21 das 31 comunidades listadas com índices Baixo e Inexistente tiveram inscritos e selecionados para os cursos da Rede de Formação Socioambiental e devem ser incorporados como participantes das comissões de base de suas comunidades.

2.4. As organizações comunitárias nos registros de atividade

Em 2024, foi modificado o formulário de registro das atividades, incluindo um campo para indicar as organizações participantes das atividades. O levantamento do período de outubro de 2023 a setembro de 2024 (Ano IV) identificou 308 organizações diferentes citadas nos registros, quase o triplo das 106 identificadas no Ano III, que deve ser creditado não só ao aumento efetivo das interações do Projeto Redes com outras organizações, mas também à melhoria nos registros.

Tabela 4: Número de organizações identificadas na tabela de registros de atividades (out/23 a set/24)

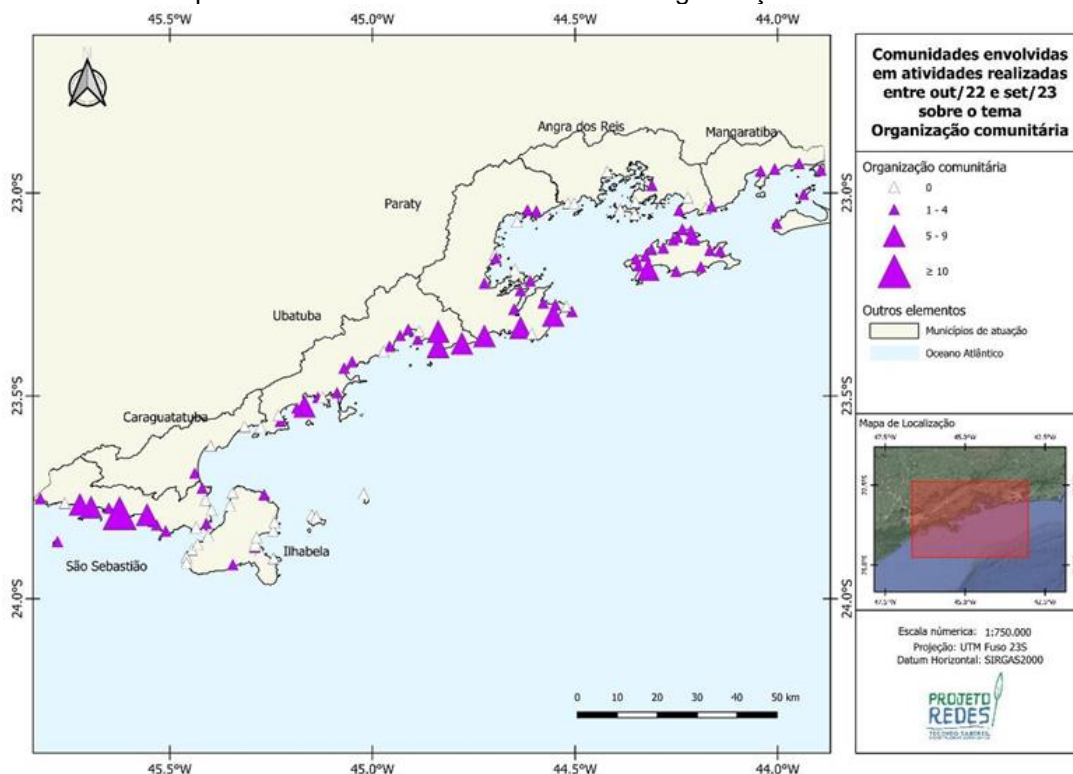
Meso	Total	Comunitárias
Meso RJ	80	48
Meso Inter	75	47
Meso SP	95	38
Outras	67	15
Total	308	146

Fonte: Planilha de monitoramento de atividades do Projeto Redes (2024)

2.5. Atividades com tema sobre Organização Comunitária

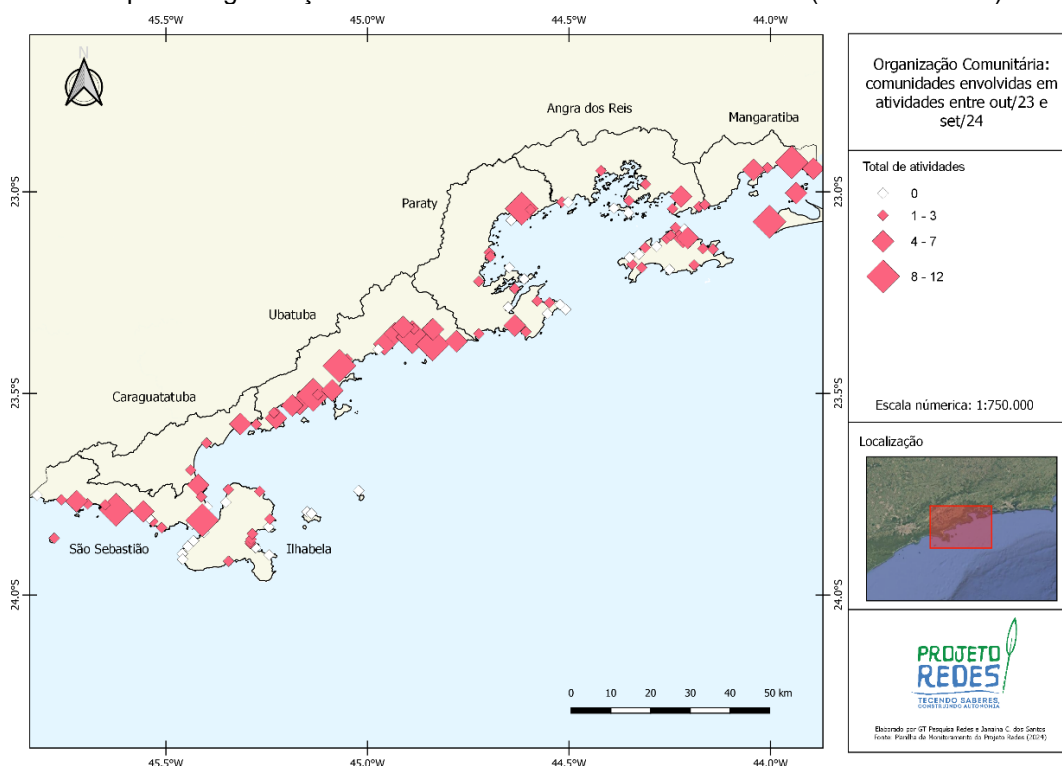
Outro dado importante apresentado em 2023 foi o mapa indicando as comunidades envolvidas em atividades cujo tema esteve relacionado a organizações comunitárias. Nota-se uma prevalência das comunidades da Ilha Grande, do Sul de Paraty, Norte de Ubatuba e Sul de São Sebastião. Em 2024, o número total de atividades com o tema aumenta de 179 para 285, mantendo a prevalência do Meso Inter, seguido pelo Meso RJ e Meso SP, nesta ordem, mas com aumento em todos os mesos. O mapa de 2024 indica novas áreas de aumento do interesse no tema, como Mangaratiba, no Meso RJ, São Gonçalo e Sul de Ubatuba, no Meso Inter, e Araçá, no Meso SP.

Mapa 4: Atividades realizadas com tema Organização Comunitária



Fonte: Planilha de monitoramento das comunidades do Projeto Redes (out/22 a set/23)

Mapa 5: Organização Comunitária: comunidades envolvidas (out/23 a set/24)



Fonte: Planilha de monitoramento das comunidades do Projeto Redes (2024)

2.6. OFPC sobre organizações comunitárias (julho de 2024)

A oficina teve por finalidade reunir os educadores e coordenadores de campo para analisar e qualificar os dados da pesquisa sobre organizações comunitárias, trazendo da experiência de campo as informações referentes às comissões de base e à relação entre o Projeto Redes e as organizações comunitárias existentes ou criadas ao longo do projeto.

O principal objetivo foi buscar subsídios para a elaboração do relatório de análise das organizações comunitárias. Com isso, buscou-se checar a composição das comissões de base existentes em cada comunidade; levantar quais são as organizações comunitárias atuantes em cada comunidade, micro e mesoterritório, a partir do levantamento prévio feito pelo GT Pesquisa na tabela de formulários; analisar qual tem sido a contribuição do Projeto Redes, através de suas diversas atividades, para o fortalecimento das organizações comunitárias; e identificar possíveis processos organizativos a serem estimulados nos diferentes contextos territoriais.

A OFPC foi conduzida pela equipe do GT Pesquisa e teve como participantes os coordenadores e educadores de campo, divididos por Mesoterritório, para garantir um melhor aproveitamento do tempo e uma troca entre os educadores em seu próprio mesoterritório. Essa divisão se mostrou adequada para uma maior eficiência no uso do tempo dos educadores. Embora a equipe do GT Pesquisa tenha se desdobrado em 3 turnos de 4h, além das reuniões preparatórias, o tempo demandado às equipes de campo foi somente de 4h, prezando pela objetividade da atividade.

Mais do que a produção de um relatório sobre as organizações comunitárias, o processo de pesquisa-ação passa pelo diálogo entre a pesquisa, com o levantamento de dados e referências bibliográficas, e a ação conduzida pelos educadores em campo. A oficina contribuiu para retomar o entendimento da importância das organizações comunitárias num Projeto de Educação Ambiental de Linha de Ação A, de modo a entender os sujeitos da educação educativa em sua dimensão coletiva e organizada. Além disso, pode-se situar a experiência dos educadores dentro de um quadro histórico e político sistematizado pela equipe de pesquisa.

A programação se repetiu nos 3 dias, na mesma sequência. A proposta original, presencial, ocuparia um dia inteiro de trabalho. Mas no remoto foi possível condensar a atividade em 4 horas.

Tabela 5: Programação da OFPC sobre organizações comunitárias (julho/2024)

<i>Dia 10 (Meso RJ), 12 (SP) e 17 (Inter)</i>	
<i>Horário</i>	<i>Atividade</i>
14h-14h20	Chegança e Memória das Lutas
14h20-15h	O papel das organizações comunitárias no Redes
15h-16h30	Grupos de Microterritórios
16h30-17h30	Debate geral sobre resultados dos MTs
17h30-18h	Avaliação e encaminhamento

Foi colocado o questionamento: “Quais são as formas de fortalecimento das organizações comunitárias a partir do projeto Redes?”, a pergunta orientadora

da discussão realizada posteriormente por microterritório. Nesse sentido, foram pautados alguns elementos:

- Desenvolvimento de temas geradores: qual é o tema que mobiliza a comunidade? Como iniciar uma mobilização em torno do tema?
- Criação de organizações locais gerais (associações) e/ou movimentos por questões de interesse (Ex: educação, mulheres, saneamento, cultura etc.)
- Composição de diretorias das organizações
- Formalização de associações (CNPJ)
- Construção e manutenção de sedes
- Formação política para lideranças e comunidade
- Apoio para incidir na gestão ambiental e territorial (Ex: Conselhos de UC, Plano Diretor, licenciamentos etc.)
- Apoio para participação em editais e projetos
- Registro da memória

Também foram apresentadas algumas questões orientadoras, como por exemplo:

- Quais os processos de luta e organização principais na comunidade?
- Quais as organizações comunitárias atuantes na comunidade?
- Que ações do Projeto Redes ajudaram a fortalecer as organizações comunitárias? Lembrar da lista anterior.
- Quais ações potenciais podem ser realizadas até o ano que vem em cada comunidade?

A partir destas questões orientadoras, a ideia foi identificar as comunidades que de alguma forma o projeto conseguiu contribuir em relação aos processos organizativos, para posteriormente se refletir sobre os caminhos de potencialização destes trabalhos. Após esse momento, encaminhou-se para a segunda parte da oficina, que consistiu na subdivisão do grupo de acordo com os micros territórios, com um representante do GT Pesquisa em cada grupo/microterritório. Este momento teve como objetivo aprofundar a discussão

por comunidade, tendo em vista as provocações realizadas anteriormente no contexto do mesoterritório reunido. Encaminhando para a finalização da oficina, houve um momento de trocas sobre o que tinha sido debatido e identificado em cada microterritório. Tendo em vista a diferença na quantidade de comunidades abarcadas por cada micro, alguns não conseguiram finalizar a coleta de dados, sendo encaminhado com tarefa a ser finalizada no contexto pós-oficina.

A oficina permitiu agregar análises qualitativas e contextualizadas aos dados levantados anteriormente pelo registro de atividades, relatórios mensais e comissões de base. A partir da oficina e da revisão posterior com coordenadores e educadores foram elaborados os resumos sobre cada comunidade, os quais seguem no capítulo 3.

3. Situação das organizações comunitárias nas comunidades

3.1. Meso RJ

3.1.1. Microterritório Angra/Conceição de Jacareí

Conceição de Jacareí

A comunidade de Conceição de Jacareí, em Mangaratiba, é uma área urbanizada, cortada pela BR-101, com presença minoritária de pescadores artesanais. Enfrenta desafios relacionados à atividade pesqueira tradicional. Um dos principais problemas está no intenso tráfego de embarcações turísticas em direção à Ilha Grande, que impacta diretamente as atividades dos pescadores locais.

A principal organização comunitária atuante na região era a *Associação de Moradores, Pescadores e Agropecuaristas de Garatucaia*. No entanto, esta associação enfrentava dificuldades em atender efetivamente às necessidades de seus diversos grupos de associados. Recentemente, houve uma mudança de foco, com a associação ampliando seu escopo de atuação, mas mantendo uma atenção especial aos pescadores. Esta mudança reflete um esforço de adaptação às necessidades da comunidade, embora ainda enfrente desafios em sua eficácia.

Um dos obstáculos enfrentados pela organização comunitária é a influência política local, com casos de assessores de vereadores envolvidos na associação,

o que pode desviar o foco das reais necessidades da comunidade pesqueira. Além disso, tentativas de parceria com a Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro (FIPERJ) para realização de estatísticas pesqueiras enfrentaram dificuldades na coleta e organização de dados cruciais para a gestão da pesca local.

A comunidade conta com algumas figuras de referência na pesca, que são reconhecidas por sua expertise em pesca de cerco, como é o caso de um pescador que possui seu cerco próximo à Ilha Grande. Sua participação como convidado em partilhas em outras comunidades contribui com a valorização do conhecimento tradicional e geram intercâmbio entre comunidades pesqueiras. O Projeto Redes tem apoiado iniciativas como esta, fortalecendo as redes de solidariedade entre os pescadores.

É considerada com um nível médio de consolidação do trabalho de base. A comissão de base contava até 2024 com um único nome. Não houve procura para os cursos. O principal tema da comunidade até 2023 era a pesca, já em 2024 houve participação em atividades de cultura e organização comunitária, principalmente.

Olhando para o futuro, o projeto pode atuar no apoio à reestruturação da associação local; contribuir na cobrança pelo monitoramento do tráfego de embarcações turísticas e seu impacto na pesca local; trabalhar nos diálogos entre a comunidade pesqueira, operadores de turismo e poder público local, para melhorar o uso compartilhado do espaço marítimo; e, trabalhar na valorização e disseminação dos conhecimentos tradicionais de pesca.

Garatuaia

A comunidade de Garatuaia, em Angra dos Reis, é uma área urbanizada cortada pela BR-101. Enfrenta desafios relacionados à atividade pesqueira e à gestão do espaço costeiro, como a perda de espaço na faixa de areia devido ao comércio e ao veraneio, o que tem impactado diretamente os pescadores locais. Além disso, a comunidade sofreu com um derramamento de óleo no passado, o que gerou demandas por compensação financeira.



A organização comunitária em Garatucaia tem enfrentado dificuldades. Embora exista uma associação local na comunidade vizinha, sua atuação é bastante limitada. A comunidade é frequentemente considerada em conjunto com Conceição de Jacaré, o que por vezes complica a gestão de questões específicas de Garatucaia. Duas famílias em Garatucaia são particularmente ativas na pesca de cerco, e interagem com o grupo de pescadores na comunidade vizinha, Conceição de Jacaré.

O Projeto Redes tem realizado diversas ações para fortalecer as organizações comunitárias. Uma iniciativa importante foi a organização de uma reunião com um oceanógrafo, que atraiu muitos pescadores e abordou questões cruciais como a gestão da faixa de areia. O projeto também tem apoiado a participação de lideranças locais em ações e reuniões fora da comunidade, incluindo encontros com a Secretaria Estadual de Pesca e discussões sobre a regulamentação do cerco.

É considerada com um nível médio de consolidação do trabalho de base. Os principais temas trabalhados foram a pesca, os impactos do petróleo e gás e a organização comunitária. A comissão de base foi composta por duas pessoas. Não houve procura para os cursos.

O Projeto Redes tem trabalhado em conjunto com a Frente de Pesca Artesanal do FCT, realizando atividades específicas para o setor pesqueiro. No entanto, o projeto enfrenta dificuldades desde a Fase 1, por conta de uma demanda de compensação financeira por um derramamento de óleo ocorrido. Como o PEA não é um projeto de compensação, as expectativas geradas acabavam levando à frustração. Olhando para o futuro, uma prioridade pode ser o foco na regularização da pesca de cerco, tema que tem potencial para agregar a comunidade pesqueira. Outra ação importante seria o desenvolvimento de um programa de gestão participativa da faixa de areia, através de diálogos entre a comunidade pesqueira, comerciantes, veranistas e poder público local. Também é importante o fortalecimento da organização comunitária local, seja revitalizando a associação existente ou apoiando a criação de uma nova entidade mais focada nos interesses dos pescadores. Embora o PEA não seja um projeto de compensação, pode auxiliar os pescadores na busca por direitos em caso de serem afetados por derramamento, com assessoria jurídica e acesso à

informação qualificada. Por fim, o Projeto Redes pode trabalhar na valorização e disseminação dos conhecimentos tradicionais de pesca, especialmente relacionados ao cerco.

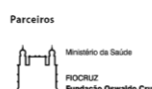
Monsuaba

A comunidade de Monsuaba, em Angra dos Reis, é uma comunidade urbanizada, localizada entre a BR-101 e o mar, cercada por encostas. Tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, evidenciada pela presença de uma associação bastante ativa e engajada em diversas frentes, principalmente na pesca, na infraestrutura local e no problema dos desastres ambientais.

Um dos conflitos principais enfrentados pela comunidade é a presença de traineiras que realizam pesca de arrasto, causando danos significativos ao ecossistema marinho e levando ao desaparecimento de algumas espécies de peixes. Em resposta a essa situação, a comunidade tem buscado implementar soluções como a instalação de arrecifes artificiais e a construção de um deque. Essas iniciativas, no entanto, têm enfrentado obstáculos burocráticos, com a prefeitura local relutante em liberar as autorizações necessárias.

Outro processo de luta importante está relacionado à melhoria da infraestrutura local, incluindo a renovação da sede da Associação de Pescadores e a construção de uma rampa de acesso. A comunidade tem buscado parcerias para viabilizar esses projetos, incluindo negociações com a Transpetro. Além disso, há um esforço para obter um Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) para a área da rampa, o que garantiria o direito de uso do espaço pelos pescadores.

A principal organização comunitária atuante em Monsuaba é a Associação de Moradores e Amigos de Monsuaba, que está em processo de formalização para que se torne também uma associação de pescadores. O Projeto Redes tem apoiado a criação da associação de pesca, incluindo auxílio na elaboração do estatuto e outros aspectos legais. Esta assistência é fundamental para garantir que a associação tenha uma base sólida e possa atuar de forma efetiva na defesa dos interesses da comunidade.



Por conta de um recente desastre ocorrido por deslizamentos em 2022, que resultou em perdas humanas e materiais, o Projeto Redes tem buscado trabalhar esse tema, realizando oficinas de gestão de risco para fomentar um plano comunitário de contingência e gestão de riscos, em parceria com o OTSS, a Fiocruz e o IEAR/UFF.

Monsuaba tem um alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e atuante, alunos nos cursos da Rede de Formação Socioambiental e alta participação em atividades do Projeto Redes.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar o processo de formalização da associação de pesca, incluindo a regularização do CNPJ. Outra ação importante seria o desenvolvimento de um programa de documentação e registro das atividades de pesca artesanal na região. Pode trabalhar no desenvolvimento de um plano de manejo sustentável para a pesca local, incluindo estratégias para combater a pesca predatória, com ações formativas sobre legislação pesqueira, técnicas de pesca sustentável e monitoramento ambiental. Por fim, trabalhar na promoção de diálogos entre a comunidade, o poder público local e empresas como a Transpetro, buscando soluções para questões de infraestrutura como a construção do deque, a instalação de arrecifes artificiais e a melhoria da estação de tratamento de esgoto.

Ponta Leste

A comunidade de Ponta Leste, em Angra dos Reis, é uma comunidade urbanizada que está situada próxima ao terminal petrolífero, com casas de veranistas, trabalhadores e pescadores artesanais. Enfrenta desafios relacionados à atividade pesqueira e à representação comunitária. Um dos principais problemas é a pesca predatória de arrasto, que tem impactado severamente a capacidade dos pescadores locais de exercerem sua atividade tradicional. Esta situação tem levado alguns pescadores a venderem seus barcos, indicando uma crise profunda no setor pesqueiro local.

Ponta Leste possui uma associação local, formada recentemente, chamada *Associação de Moradores e Amigos da Ponta Leste e Maciéis*. No entanto, esta associação enfrenta dificuldades e têm interagido pouco com o Projeto Redes.



O Projeto Redes enfrenta desafios específicos em Ponta Leste devido à limitada interação com a associação local. Uma das ações do projeto foi a tentativa de dar retorno sobre uma reunião realizada com a Secretaria de Pesca em Mangaratiba, demonstrando um esforço para manter a comunidade informada sobre questões relevantes para o setor pesqueiro.

Historicamente, Ponta Leste e Monsuaba realizavam reuniões conjuntas, indicando uma proximidade e possivelmente interesses compartilhados entre as duas comunidades. Atualmente, muitos pescadores de Ponta Leste participam de atividades em Monsuaba, possivelmente porque esta comunidade vizinha oferece um espaço de organização e luta mais estruturado.

Ponta Leste tem um médio nível de consolidação de trabalho de base, com duas pessoas na comissão de base, baixo número de atividades e nenhuma procura pelos cursos oferecidos.

Apesar das dificuldades, o projeto tem mantido um canal de comunicação com a comunidade, reconhecendo a importância de Ponta Leste no contexto regional da pesca artesanal. O fato de pescadores de Ponta Leste participarem de atividades em Monsuaba também indica que o projeto tem conseguido alcançar, ainda que indiretamente, membros desta comunidade.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode buscar fortalecer a associação local, abordar a questão da pesca de arrasto, através de estudos, monitoramento e diálogos com órgãos de fiscalização. Também trabalhar reforçando a integração entre Ponta Leste e Monsuaba, com mobilizações envolvendo ambas as comunidades.

Tararaca

A comunidade de Tararaca, localizada na Grande Japuíba, em Angra dos Reis, tem como principais temas a pesca e a organização comunitária. A comunidade mudou de nome devido aos interesses políticos, atualmente é conhecida como Vila Nova. Está próxima ao Aeroporto de Angra dos Reis, também localizado na Grande Japuíba. Um dos principais problemas é o desaparecimento do marisco, um recurso tradicionalmente importante para a economia local. Esta situação tem impactado diretamente a subsistência de



muitas famílias e representa uma ameaça à continuidade das práticas tradicionais da comunidade. Entretanto, a comunidade vive diversas violações de direitos pelo poder público e econômico de Angra dos Reis, como impactos ambientais da abertura da estrada para a implementação do Parque da Cidade e a dragagem do rio para a ampliação do Aeroporto de Angra dos Reis.

A Associação de Moradores da Vila Nova desempenhava um papel crucial na organização e representação dos interesses locais, principalmente durante a Campanha Cuidar é Resistir do FCT. No entanto, recentemente, com a criação e estruturação do Coletivo Mães d'Água, o Projeto Redes passou a desenvolver mais atividades junto a este coletivo de mulheres marisqueiras. Isso ocorreu devido ao estreitamento de interesses relativos à implementação de uma educação diferenciada, aos temas relativos à preservação ambiental e ações formativas sobre o sumiço do Marisco.

Quanto à Associação local, houve mudanças na liderança da associação após um processo eleitoral, o que parece ter alterado a dinâmica de participação e engajamento comunitário. A nova gestão, sob um novo presidente, aparentemente não manteve o nível de atividade e envolvimento com as questões comunitárias, o que teve repercussão também na diminuição da participação da comunidade em atividades do Redes em 2024.

O Coletivo Mães d'Água tem se mostrado cada vez mais atuante na comunidade. Entretanto, há indícios de conflito entre este coletivo e a associação, o que pode estar fragmentando os esforços de organização comunitária e dificultando a abordagem conjunta dos desafios enfrentados por Tararaca. Isso indica que as transições de liderança podem impactar a continuidade de iniciativas importantes.

Tararaca tem um nível médio-alto de consolidação do trabalho de base, com duas pessoas na comissão de base e alta procura para os cursos. O Projeto Redes tem realizado ações para fortalecer as organizações comunitárias em Tararaca, através da participação de uma liderança local e membro do Coletivo Mães d'Água no curso Maré de Saberes, onde ela trouxe à tona a questão da educação como um tema relevante para a comunidade.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a promoção do diálogo entre a Associação e o Coletivo de Mães d'Água. Outra ação importante seria

retomar e fortalecer a discussão sobre educação na comunidade. O projeto pode promover uma investigação participativa sobre as causas do desaparecimento do marisco e possíveis estratégias de recuperação deste recurso, como o monitoramento ambiental; ainda auxiliar na promoção de diálogo entre o poder público e a comunidade sobre os conflitos relativos ao Parque da Cidade e do Aeroporto de Angra dos Reis.

Vila Velha

A comunidade de Vila Velha, em Angra dos Reis, tem como principal tema a questão do saneamento básico. A Associação de Moradores da Vila Velha tem sido a principal organização comunitária atuante. As reclamações sobre vazamentos e problemas na estação de tratamento foram formalmente protocoladas no Ministério Público. O Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) se comprometeu a realizar obras de melhoria, mas o processo tem enfrentado obstáculos, incluindo a necessidade de um censo comunitário e a relutância de alguns moradores em colaborar.

Além do saneamento, a comunidade também enfrenta problemas relacionados ao abastecimento de água e tem demandas específicas do setor pesqueiro, como a necessidade de um rancho para as canoas utilizadas na pesca.

A associação de moradores está legalmente constituída e tem sido ativa na representação dos interesses da comunidade. No entanto, enfrenta desafios relacionados à participação comunitária, por conta da baixa mobilização de pessoas para as tarefas cotidianas da associação existente.

Vila Velha tem um médio-alto nível de consolidação do trabalho de base, com duas pessoas na comissão de base, inscritos e selecionados nos cursos da Rede de Formação Socioambiental, com participação nas atividades do Redes. O Projeto Redes atuou em parceria com a associação de moradores desde a Fase 1. Uma das principais contribuições tem sido o apoio à associação no tema do saneamento básico. Isso inclui o acompanhamento das reuniões com o SAAE e o suporte na articulação das demandas comunitárias. O Projeto Redes tem buscado continuar este trabalho a partir do estímulo à busca de estratégias para aumentar o engajamento dos moradores, especialmente na questão do

desenvolvimento de um censo comunitário necessário para as obras de saneamento.

Durante o Maré de Saberes no final do ano de 2022, foi demandada por uma cursista e integrante da Associação de Moradores da Vila Velha uma atividade sobre plantas medicinais e saúde na sua comunidade. A Ação Formativa Mulheres e Plantas Medicinais contou com a presença de convidadas de Mangaratiba, Ilha Grande e de Paraty, que também integravam o curso Maré de Saberes. Apesar do tema focado em plantas medicinais, as discussões levaram a reflexões sobre o território espremido pelas casas de veraneio em Vila Velha e a necessidade de usar as plantas medicinais como resistência ao processo de urbanização e apagamento das tradições caiçaras.

Olhando para o futuro, o tema do saneamento básico segue sendo importante. O projeto pode auxiliar para fortalecer a posição da comunidade nas negociações com o SAAE e outros órgãos públicos. Devem ser considerados ainda o tema do abastecimento de água e as necessidades do setor pesqueiro, e sobre os conflitos relativos à especulação imobiliária no local. Além disso, é importante retomar o tema de plantas medicinais e saúde.

3.1.2. Microterritório Angra/Gipóia

Maresia (Canal da Josefa)

A comunidade de Maresia, também conhecida como Canal da Josefa, está situada na Ilha da Gipóia, em Angra dos Reis. Ela enfrenta desafios relacionados ao impacto do turismo de massa. Durante a alta temporada, a comunidade experimenta situações que afetam diretamente a qualidade de vida dos moradores locais. Problemas como o uso inadequado de espaços públicos por turistas, incluindo o acesso restrito a banheiros e restaurantes, têm se tornado questões centrais na organização comunitária.

A principal organização comunitária atuante em Maresia é a Associação de Moradores da Ilha da Gipóia, que abarca também a Praia das Flechas. A Associação tem se mostrado bastante ativa, articulando demandas da comunidade, especialmente no tema da gestão do turismo local.

O Projeto Redes tem tido uma presença limitada na comunidade recentemente. Há um participante na comissão de base e não houve procura para os cursos da Rede de Formação Socioambiental, além de ter tido um número baixo de atividades. Uma iniciativa importante foi a articulação com a Rede Nhandereko para discutir o Turismo de Base Comunitária (TBC), para se buscar uma alternativa ao turismo de massa.

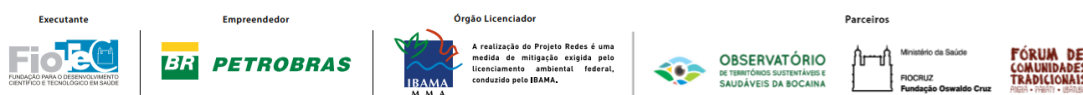
Além disso, a Sociedade Angrense de Proteção Ecológica (SAPE) realizou um trabalho importante de cadastramento das trilhas locais. Esta iniciativa pode ser vista como um passo importante para a organização e potencial regulamentação do turismo na região, contribuindo para um melhor controle e gestão dos fluxos turísticos. O Projeto Redes deve apoiar o prosseguimento dessa importante iniciativa da comunidade.

Outra contribuição relevante foi a pesquisa realizada por um dos alunos da pós-graduação em Gestão de Territórios e Saberes (Teresa/UFF) sobre a pesca de buraco, que representa um esforço para documentar e valorizar as práticas tradicionais da comunidade. Esta pesquisa tem o potencial de fortalecer a identidade cultural local e fornecer informações valiosas para a gestão sustentável dos recursos pesqueiros.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a realização de uma devolutiva da pesquisa sobre pesca de buraco à comunidade. Esta ação não apenas valoriza o conhecimento tradicional local, mas também poderia servir como base para discussões sobre a preservação das práticas pesqueiras e a gestão sustentável dos recursos marinhos. Outra ação importante seria desenvolver o Turismo de Base Comunitária, a partir de ações formativas sobre o tema buscando auxiliar a comunidade a desenvolver alternativas ao turismo de massa que atualmente causa transtornos; outro ponto é a realização de ações formativas sobre associativismo. Além disso, buscar o diálogo entre agências de turismo, poder público e a comunidade.

Praia das Flechas

A comunidade em questão, também na Ilha da Gipóia, apresenta uma dinâmica única em termos de organização e luta comunitária. Esta área é



caracterizada por uma população extremamente reduzida, com apenas duas famílias residentes permanentes. Estas famílias estão diretamente ligadas a uma atividade econômica específica: trabalham em uma fazenda de criação de coquiles, que é propriedade de uma pessoa externa à comunidade.

Com uma população tão pequena, as questões de organização coletiva tradicional são naturalmente limitadas. As principais preocupações e lutas estão centradas nas condições de trabalho e vida dessas duas famílias, bem como na sua relação com o proprietário da fazenda de coquiles.

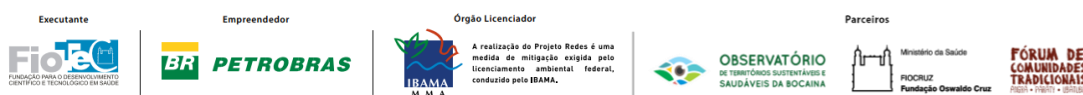
Em termos de organizações comunitárias atuantes, a estrutura extremamente reduzida da comunidade assim, não há uma organização formal estabelecida. As duas famílias residentes atuam de maneira informal para representar seus interesses e necessidades, mas Associação de Moradores da Ilha da Gipóia também abarca a comunidade.

O Projeto Redes teve um envolvimento limitado com esta comunidade, que apresenta média consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participação nos cursos, mas com número reduzido de participação em atividades.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode realizar um diagnóstico detalhado da situação dessas duas famílias, compreendendo suas necessidades, desafios e aspirações específicas; organizar ações formativas sobre direitos trabalhistas e legislação aplicável à sua situação específica; ações formativas sobre empreendedorismo rural ou técnicas de cultivo complementares que pudessem ser implementadas em paralelo ao trabalho na fazenda de coquiles; explorar a possibilidade de conectar esta pequena comunidade com outras comunidades próximas, como a própria Maresia, para criar uma rede de apoio mútuo.

Praia do Recife

A comunidade da Praia do Recife apresenta um cenário complexo de luta e organização, marcado por uma forte conexão histórica e cultural com o Quilombo de Santa Rita do Bracuí. Esta relação tem sido fortalecida através de iniciativas como o Projeto Povos, que contribuiu para a caracterização da



comunidade e o desenvolvimento de uma cartografia social, agora exibida com orgulho nos restaurantes locais e utilizado como material didático na escola municipal que atende a comunidade.

Um dos principais processos de luta da comunidade está centrado na questão ambiental, especificamente no desaparecimento dos mariscos, que tradicionalmente desempenham um papel crucial na economia e cultura locais. Esta mudança ecológica tem forçado a comunidade a adaptar suas práticas econômicas, com muitos moradores agora se dedicando à gestão de restaurantes.

Praia do Recife apresenta um índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e alta participação nos cursos da RFS, incrementada pelos cursistas do Quilombo de Santa Rita do Bracuí.

Em termos de organização comunitária, a Praia do Recife está formalmente vinculada à Associação de Moradores da Gamboa do Bracuí. No entanto, há uma percepção de que esta associação não representa adequadamente os interesses específicos da comunidade da Praia do Recife. Esta situação sugere a necessidade de uma organização mais focada nas demandas locais.

O Projeto Redes tem contribuído para fortalecer a organização comunitária através de diversas ações. A Praia do Recife sediou uma importante atividade que teve como objetivo a exibição de um filme produzido por alunas da Pós-Graduação em Gestão de Territórios e Saberes (Teresa/UFF) sobre o sumiço do Marisco nas comunidades de Tararaca e Praia do Retiro. A ação formativa possibilitou uma importante troca entre as três comunidades, reflexões sobre a causa do sumiço do marisco e encaminhamentos como a produção de um vídeo-curta na Praia do Recife com mestres e com a juventude visa documentar a história da comunidade, desde a época da produção de mariscos até a atual realidade dos restaurantes. Este projeto não apenas preserva a memória local, mas também fortalece a identidade comunitária.

Além disso, o Projeto Redes tem facilitado a participação de membros da comunidade em ações formativas em Saco do Céu na Ilha Grande, onde ainda a prática de catar mariscos faz parte do cotidiano da comunidade. A inclusão da Praia do Recife no projeto de cartografia social também foi uma ação importante,

proporcionando uma ferramenta visual para a comunidade afirmar sua identidade e território.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio à formação de uma organização comunitária específica para a Praia do Recife, que possa representar mais efetivamente os interesses locais; outra ação importante seria o incentivo ao desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC). A comunidade já demonstra potencial para esta atividade, com seus restaurantes geridos por comunitários e a presença de uma praia de mangue, que pode ser um atrativo turístico diferenciado. O projeto também pode trabalhar na promoção de um estudo participativo sobre o desaparecimento dos mariscos. Ainda, envolver parcerias com instituições de pesquisa. Além disso, o Projeto Redes poderia facilitar um diálogo entre a comunidade da Praia do Recife e os moradores do loteamento próximo, buscando resolver os conflitos existentes e promover uma convivência mais harmoniosa. Por fim, investir na realização e divulgação do vídeo-curta sobre a história da comunidade.

Praia Vermelha - Perequê

A comunidade da Praia Vermelha, localizada no Perequê, enfrenta processos de luta e organização centrados principalmente na regulamentação e monitoramento da atividade pesqueira. Um dos principais desafios atuais é a renovação dos termos de compromisso relacionados à pesca, que já venceram. Isso demonstra a necessidade contínua de negociação e articulação com as autoridades competentes para garantir os direitos e a sustentabilidade da atividade pesqueira local.

A principal organização comunitária atuante na Praia Vermelha parece ser a Associação de Moradores e Amigos da Praia Vermelha (AMA), embora os detalhes sobre sua estrutura e funcionamento não estejam completamente claros. Atualmente, essa associação está passando por um processo de regularização, com esforços sendo feitos para verificar e possivelmente atualizar seu CNPJ. Esta ação indica uma preocupação com a formalização e fortalecimento da representação comunitária.



Praia Vermelha – Perequê apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura pelos cursos da RFS. Teve participação em atividades do projeto, em número crescente de 2023 para 2024, principalmente no tema de pesca e Unidade de Conservação. A área de pesca da comunidade tem algumas partes que se sobrepõem à Estação Ecológica Tamoios, o que originou o estabelecimento de termos de compromisso para regularizar a atividade de pescadores artesanais nas áreas protegidas.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento das organizações comunitárias através de diversas ações. Uma contribuição importante tem sido o apoio à consultoria para o monitoramento dos termos de compromisso relacionados à pesca. Esta iniciativa é crucial para garantir que os acordos estabelecidos sejam cumpridos e que a comunidade tenha uma base sólida para defender seus direitos.

Além disso, o projeto tem auxiliado no desenvolvimento do Plano da Pesca Compromissada, que será anexado aos termos de compromisso. Esta ação demonstra um esforço para estabelecer práticas de pesca sustentáveis e acordadas entre a comunidade e as autoridades reguladoras.

O Projeto Redes também tem trabalhado na criação de um protocolo de monitoramento da pesca, uma iniciativa que já está em andamento na Praia Vermelha e em Tarituba. Este protocolo é uma ferramenta importante para a gestão sustentável dos recursos pesqueiros e para fortalecer a posição da comunidade em negociações futuras.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio à finalização do processo de regularização da associação local, incluindo a resolução de quaisquer questões pendentes relacionadas ao CNPJ. Outra ação importante seria a expansão do protocolo de monitoramento da pesca para incluir outros segmentos da atividade pesqueira local. O projeto também pode trabalhar no desenvolvimento de um programa de capacitação em gestão pesqueira sustentável. Além disso, facilitar diálogos entre a comunidade da Praia Vermelha e outras comunidades pesqueiras da região, como Tarituba, para promover a troca de experiências e o fortalecimento de uma rede de apoio mútuo. Por fim, explorar possibilidades econômicas como o Turismo de Base Comunitária (TBC) ou a agregação de valor aos produtos pesqueiros.



Vila Histórica de Mambucaba

A Vila Histórica de Mambucaba enfrenta processos de luta e organização complexos, principalmente centrados na relação entre a comunidade e a Estação Ecológica (ESEC) Tamoios. Este conflito, que remonta ao diagnóstico inicial da área, tem sido um ponto focal para a mobilização e organização comunitária. A comunidade tem buscado ativamente o diálogo, participando do Conselho da ESEC e envolvendo-se nas oficinas de elaboração do Plano de Manejo realizadas no ano passado.

Um aspecto peculiar da organização comunitária em Vila Histórica de Mambucaba é o perfil diversificado dos pescadores locais. Diferentemente de outras comunidades pesqueiras tradicionais, os moradores não dependem exclusivamente da pesca para sua subsistência. Esta característica cria desafios específicos na busca por reconhecimento e direitos, especialmente no contexto das negociações para o termo de compromisso com a ESEC Tamoios.

A principal organização comunitária atuante parece ser a Associação de Moradores e Amigos de Mambucaba (AMAM) liderada pelo vice-presidente, que tem sido muito ativo desde o início da fase atual do projeto. Esta liderança tem desempenhado um papel crucial na representação dos interesses da comunidade, especialmente nas interações com a ESEC Tamoios e em outras instâncias de decisão.

Vila Histórica de Mambucaba apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e procura e seleção de aluno para curso na RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de Unidade de Conservação. A área de pesca da comunidade tem algumas partes que se sobrepõem à Estação Ecológica Tamoios, o que originou o estabelecimento de termos de compromisso para regularizar a atividade de pescadores artesanais nas áreas protegidas.

O Projeto Redes tem contribuído para fortalecer a organização comunitária através de ações como o apoio à participação da comunidade nas oficinas de elaboração do Plano de Manejo da ESEC Tamoios, o que tem sido fundamental



para garantir que as vozes e interesses da comunidade sejam considerados no planejamento e gestão da área protegida.

Além disso, o projeto tem auxiliado a comunidade na busca por soluções para o reconhecimento dos pescadores locais como pescadores de subsistência. Este esforço é crucial, considerando que muitos moradores não possuem a documentação formal necessária para serem reconhecidos como pescadores profissionais.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a realização de ações formativas sobre direitos das comunidades tradicionais e legislação pesqueira, bem como assistência na obtenção da documentação necessária. Outra ação importante é oferecer ações formativas sobre técnicas de pesca sustentável, gestão de recursos pesqueiros e agregação de valor aos produtos da pesca. O projeto também pode trabalhar na promoção de alternativas econômicas complementares à pesca. Além disso, facilitar a criação de um fórum de diálogo permanente entre a comunidade e a gestão da ESEC Tamoios. Por fim, investir no fortalecimento da capacidade de gestão da organização comunitária local.

3.1.3. Microterritório Ilha Grande Leste

Enseada das Palmas

A comunidade da Enseada das Palmas enfrenta desafios significativos em seus processos de luta e organização, principalmente relacionados à estruturação e manutenção de uma associação comunitária efetiva. O principal obstáculo tem sido a desmobilização da comunidade, que resultou na desativação da associação existente e na dificuldade de estabelecer uma nova organização.

A antiga associação, que era a principal organização comunitária atuante, enfrentava problemas burocráticos e financeiros, incluindo dívidas acumuladas. Estes desafios administrativos e financeiros parecem ter contribuído para o enfraquecimento da organização e, conseqüentemente, para a diminuição da capacidade de mobilização e representação dos interesses da comunidade.

Houve uma tentativa de criar outra associação para substituir a anterior, mas esta iniciativa não prosperou devido à falta de engajamento e mobilização

dos membros da comunidade. Esta situação reflete um desafio mais amplo de participação e envolvimento comunitário nas questões coletivas.

Como foi percebido em visita de convivência do Projeto Redes, mesmo sem uma associação formalizada, alguns moradores juntamente com outros moradores temporários vem se organizando de forma autônoma para resolver as questões (principalmente de infraestrutura) que surgem na comunidade. A exemplo disso: o conserto do cais e a implementação de um ecoponto para separação de lixo. Agora se organizam para fazer um ofício para tratar questões como a poda de árvores e para refazer a ponte que liga à trilha que vai para o Abraão. Somando a isso, também é uma demanda elaborar placas para ajudar no turismo na região. O Projeto Redes irá ajudar nessas demandas assim como na reativação da associação para que as demandas da comunidade sejam mais facilmente atendidas pelo poder público.

O Projeto Redes tem realizado ações importantes para tentar fortalecer a organização comunitária na Enseada das Palmas. Uma das principais iniciativas tem sido a oferta de ações formativas sobre associativismo. Estas formações visam capacitar os membros da comunidade nos princípios e práticas de gestão associativa, fornecendo ferramentas e conhecimentos essenciais para a criação e manutenção de uma organização comunitária eficaz.

Além disso, o projeto tem acompanhado as assembleias comunitárias, demonstrando um compromisso contínuo com o processo de organização local. Este acompanhamento é crucial para identificar desafios, oferecer suporte e incentivar a participação ativa dos membros da comunidade.

Enseada das Palmas apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação crescente em atividades do projeto, principalmente nos temas de cultura e turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a realização de ações formativas sobre liderança comunitária, resolução de conflitos e comunicação efetiva, visando criar um núcleo de lideranças capacitadas e motivadas. Além disso, o projeto pode facilitar intercâmbios com outras comunidades que tenham associações bem-sucedidas. Estas trocas de experiências poderiam inspirar e motivar os moradores da Enseada das Palmas, além de fornecer exemplos

práticos de como superar desafios semelhantes. Por fim, investir na formação de jovens lideranças, oferecendo ações formativas específicas e oportunidades de engajamento em projetos comunitários.

Enseada do Abraão

A Enseada do Abraão enfrenta processos de luta e organização centrados principalmente na preservação e fortalecimento da pesca artesanal, uma atividade fundamental para a identidade e economia local. Um marco importante nesse processo foi a criação da organização nomeada Rampa Caiçara, que possibilitou a conquista de um espaço dedicado à manutenção dos barcos de pesca artesanal. Atualmente, a Rampa Caiçara se tornou o ponto focal da organização comunitária relacionada ao Projeto Redes.

Apesar da existência de quatro associações na Enseada do Abraão, nenhuma delas mantém uma relação direta com o Projeto Redes. Isso sugere que a organização comunitária ligada ao projeto se desenvolveu de forma independente das estruturas associativas formais existentes. A principal organização comunitária atuante no contexto do Projeto Redes é a comissão de base formada pelos pescadores artesanais que compõem a Rampa Caiçara.

Esta organização, embora não formalizada legalmente, tem desempenhado um papel crucial na articulação dos interesses dos pescadores artesanais e na gestão deste espaço para a pesca artesanal. O fato de não possuir uma sede própria, operando apenas no pequeno espaço delimitado na faixa de areia, demonstra tanto os desafios enfrentados quanto a resiliência e determinação deste grupo.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para fortalecer esta organização comunitária através de diversas ações. A principal delas foi o apoio à criação e manutenção da organização Rampa Caiçara assim como espaço conquistado, que se tornou um lugar vital para a continuidade da pesca artesanal na região. Este apoio não apenas fortaleceu a infraestrutura necessária para a atividade pesqueira, mas também criou um ponto de encontro e organização para os pescadores locais.

Além disso, o projeto tem facilitado a articulação entre a comissão de base e o Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) para buscar soluções para a formalização da Rampa Caiçara, como a elaboração de um Termo de Autorização de Uso (TAUS). Esta ação demonstra um esforço para garantir a segurança jurídica e a continuidade deste espaço essencial para a comunidade pesqueira. Enseada do Abraão apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alta procura e participação nos cursos da RFS. Teve também alta participação em atividades do projeto, principalmente nos temas de educação e cultura.

Olhando para o futuro, uma prioridade é a mobilização de uma articulação de pescadores entre todas as comunidades da Ilha Grande, a fim de reunir demandas e criar uma rede para fortalecer sua coesão social. Outra ação deve ser o apoio jurídico oferecido pelo FCT para a formalização da Rampa Caiçara e para a aquisição de um espaço físico, como um rancho de pesca. O Projeto Redes também pode realizar ações formativas sobre elaboração de projetos, captação de recursos e administração de organizações comunitárias, trabalhar na promoção de diálogos entre a comissão de base e as quatro associações existentes na Enseada do Abraão. Por fim, apoiar a realização de estudos sobre os estoques pesqueiros locais, ações formativas sobre técnicas de pesca sustentável e a elaboração de estratégias para agregar valor aos produtos da pesca artesanal.

Freguesia de Santana

A comunidade da Freguesia de Santana, na Ilha Grande, tem uma rica história de organização e luta comunitária. A Associação de Moradores e Pescadores da Enseada das Estrelas (AMPEE) desempenha um papel fundamental na representação e defesa dos interesses locais. Há uma liderança local, membro da diretoria da AMPEE, uma figura proeminente na comunidade, atuando como porta-voz e defensora dos direitos dos moradores.

A vila, reconhecida como a mais antiga da Ilha Grande, preserva sua identidade cultural através de sua igreja histórica, que não apenas simboliza a herança dos antigos moradores, mas também se tornou um atrativo turístico.



Apesar da diminuição populacional, a comunidade mantém viva suas tradições, com mestres artesãos e conhecedores da medicina tradicional à base de plantas. O artesanato caiçara é um elemento vital da cultura local, com a produção de barcos de madeira e cestos utilizando materiais da floresta. Estes artesãos são verdadeiros guardiões do conhecimento tradicional, reconhecidos e valorizados pelo Projeto Redes por sua importância cultural e econômica.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para o fortalecimento das organizações comunitárias. A equipe de campo da Ilha Grande tem incentivado encontros de mulheres que provocaram a criação da Coletiva de Mulheres da Ilha Grande, incluindo forte participação da liderança local da Freguesia de Santana. E através de ações formativas, como as que ocorreram no curso de Defensores dos Territórios Tradicionais e no curso de Gestão de Risco, o qual teve participação da liderança local. Essas iniciativas não apenas empoderaram os moradores com conhecimentos cruciais, mas também fortalecem a capacidade de autogestão e defesa dos interesses da comunidade.

Somando a isso, o projeto tem apoiado o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, uma alternativa econômica sustentável que valoriza a cultura local. O roteiro turístico em Freguesia de Santana, conduzido pela liderança local, é um exemplo concreto desse apoio, permitindo que os visitantes conheçam a história local e desfrutem das belezas naturais e conheçam as denúncias de Freguesia Santana sobre as diversas violações de direitos que têm atravessado a comunidade. Uma delas é a questão da escola abandonada, já há 15 anos e a especulação imobiliária que vem crescendo em cima das terras tradicionais. Importante mencionar que os roteiros turísticos foram elaborados a partir do financiamento da Fundação Biodiversidade para o Desenvolvimento (Funbio) que possibilitou o projeto Enseada das Estrelas e suas Raízes liderando pela Associação de Moradores e Pescadores da Enseada das Estrelas (AMPEE).

O curso de Defensores e Defensoras dos Territórios Tradicionais possibilitou formar as lideranças em Defensores dos Territórios Tradicionais e integrantes da Rede de Defensoras e Defensores dos Territórios Tradicionais, o que as coloca em um canal de comunicação direto com a ouvidoria e defensorias públicas estaduais (Rio de São Paulo) e federal. As demandas da Freguesia de Santana já estão sendo articuladas com apoio da Defensoria Pública do Rio de

Janeiro. A ideia da liderança local é transformar o espaço abandonado em um centro de convivência comunitário.

Freguesia de Santana apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participação em curso da RFS. Teve também um aumento expressivo na participação em atividades do projeto, principalmente no tema de cultura.

Olhando para o futuro, apoiar a iniciativa de uso do espaço de educação para um centro comunitário, visto a impossibilidade de reativar a escola municipal; ampliar suas ações formativas, focando no tema do artesanato e do Turismo de Base Comunitária. Por fim, facilitar parcerias entre a comunidade e instituições de pesquisa para documentar e preservar o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e técnicas artesanais.

Japariz

A comunidade de Japariz, representada pela Associação de Moradores e Pescadores da Enseada das Estrelas (AMPEE), enfrenta desafios significativos relacionados ao saneamento básico. Um dos comunitários e membro da diretoria da AMPEE, tem sido uma voz ativa na luta por melhorias na infraestrutura local, especialmente considerando a importância turística da região.

O processo de organização e luta na comunidade de Japariz tem se concentrado principalmente na questão do saneamento. A localidade, que recebe um grande fluxo de turistas devido aos seus restaurantes populares, enfrenta problemas de poluição das águas da Praia de Japariz. Isso ocorre porque muitos estabelecimentos não possuem caixas de gordura adequadas, resultando no despejo inadequado de resíduos.

A AMPEE tem desempenhado um papel crucial como organização comunitária atuante, trabalhando para representar os interesses dos moradores e pescadores locais. Através de sua atuação, a associação tem buscado soluções para os problemas de saneamento e tem sido um canal importante de comunicação entre a comunidade e as autoridades competentes.

Japariz apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura por curso na RFS. Teve

também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de Unidade de Conservação - a comunidade tem áreas de sobreposição com o Parque Estadual da Ilha Grande.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para fortalecer as organizações comunitárias em Japariz. Uma de suas ações mais relevantes tem sido o acompanhamento de um projeto inovador, fruto da cooperação técnica entre a AGEVAP (Associação Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul) e o SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto). Este projeto visa a implementação de biodigestores não apenas nos restaurantes, mas também nas residências da comunidade.

Esta iniciativa representa um passo importante na busca por soluções sustentáveis para o problema do saneamento em Japariz. Os biodigestores oferecem uma alternativa ecológica e eficiente para o tratamento de resíduos, podendo reduzir significativamente a poluição das águas locais.

No entanto, o projeto tem enfrentado desafios na sua implementação. Alguns moradores têm se mostrado relutantes em assinar o termo que autoriza a realização das obras em seus terrenos, o que tem dificultado a execução do projeto. Em resposta a essa situação, o SAAE tomou uma medida mais drástica em setembro de 2024, entrando com um pedido de reintegração de posse.

Olhando para o futuro, uma das prioridades é a intensificação do diálogo entre os moradores, a AMPEE e as autoridades envolvidas no projeto dos biodigestores. O Projeto Redes pode organizar ações formativas e partilhas de experiências para esclarecer dúvidas e demonstrar os benefícios dos biodigestores, buscando aumentar a aceitação e participação da comunidade. Além disso, o Projeto Redes pode oferecer auxílio na compreensão dos termos legais envolvidos no projeto e mediando as negociações entre os moradores e o SAAE. Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa de Turismo de Base Comunitária em Japariz. Isso poderia incluir a capacitação dos proprietários de restaurantes em práticas sustentáveis, não apenas em relação ao saneamento, mas também em aspectos como gestão de resíduos e eficiência energética.

Praia de Fora

A comunidade da Praia de Fora tem demonstrado um forte processo de organização e luta, principalmente através da atuação da Associação de Moradores e Pescadores da Enseada das Estrelas (AMPEE). Esta associação tem sido fundamental na representação dos interesses locais e na promoção de iniciativas que visam o desenvolvimento sustentável da região.

Liderança local e membro da diretoria da AMPEE representa a comunidade da Praia de Fora e tem desempenhado um papel crucial nesse processo de organização. Sua participação ativa em cursos como o de Defensores dos Territórios Tradicionais e o de Saneamento Ecológico demonstra o compromisso da comunidade em buscar conhecimento e ferramentas para enfrentar seus desafios.

O Projeto Redes tem sido um importante aliado no fortalecimento das organizações comunitárias da Praia de Fora. Através da oferta de cursos e capacitações, o projeto tem contribuído para a formação de lideranças locais mais preparadas e conscientes de seus direitos e responsabilidades. A participação desta liderança nesses cursos é um exemplo concreto de como o Projeto Redes tem ajudado a empoderar os membros da comunidade.

Além disso, o Projeto Redes tem promovido Visitas de Convivência, que têm se mostrado uma ferramenta valiosa para identificar as necessidades e aspirações da comunidade. Durante uma dessas visitas, surgiu uma demanda específica por formações voltadas para os artesãos locais, evidenciando o papel do artesanato como uma importante expressão cultural e econômica da região. Além disso, a necessidade de aproximar os pescadores artesanais da localidade com as ações do Projeto Redes. Importante mencionar, que um dos temas da localidade é o TBC, e a comunidade tem um roteiro também elaborado pela AMPEE a partir do projeto Enseada das Estrelas e Suas Raízes, que também é fruto do processo de mobilização e organização do Projeto Redes.

Praia de Fora apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente nos temas de educação e cultura.



Olhando para o futuro, uma das prioridades é a organização e integração dos pescadores locais a outros pescadores da Ilha Grande, reunindo as demandas em comum dessa categoria. Outra ação importante é a realização de ações formativas específicas para os artesãos e o apoio da Campanha Territórios Vivos do FCT na realização do Festival de Artesãos e Artesãos solicitado pela comunidade. Este festival não apenas valorizaria o trabalho dos artesãos locais, mas também poderia se tornar um atrativo turístico, promovendo o Turismo de Base Comunitária na região. O fortalecimento da AMPEE também deve ser uma prioridade.

Saco do Céu

A comunidade do Saco do Céu tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, centrada em três temas principais: o Turismo de Base Comunitária (TBC), a pesca e a educação diferenciada. Estes processos de luta e organização refletem os esforços da comunidade para preservar seu modo de vida tradicional, ao mesmo tempo em que busca alternativas econômicas sustentáveis e uma educação que respeite e valorize sua cultura.

No âmbito do TBC, a comunidade desenvolveu quatro roteiros de base comunitária no âmbito da Enseada das Estrelas, evidenciando um compromisso com um modelo de turismo que beneficia diretamente os moradores locais e preserva os valores culturais e ambientais da região. Este processo de organização em torno do turismo demonstra a capacidade da comunidade de se adaptar às mudanças econômicas de forma criativa e sustentável.

A principal organização comunitária atuante no Saco do Céu é a Associação de Moradores e Pescadores da Enseada das Estrelas (AMPEE), que, embora não possua uma sede física, tem demonstrado uma atuação e articulação muito forte. Esta associação passou por um processo de transformação, incluindo em seu nome a palavra "pescadores" após uma atividade do Projeto Redes, o que sugere uma evolução em sua identidade e propósitos alinhados com as necessidades atuais da comunidade.

Um aspecto particularmente notável da organização comunitária no Saco do Céu é o envolvimento profundo da associação na construção do coletivo de

educação diferenciada de Angra. Este engajamento reflete o compromisso da comunidade com uma educação que respeite e valorize suas tradições e modo de vida, um elemento crucial para a preservação da cultura local e o empoderamento das futuras gerações.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel fundamental no fortalecimento da organização comunitária no Saco do Céu. Uma contribuição significativa tem sido o auxílio no processo de formalização da AMPEE. Este apoio é crucial para garantir que a associação tenha uma base legal sólida, aumentando sua capacidade de representar efetivamente os interesses da comunidade e de acessar recursos e oportunidades.

Além disso, o projeto tem facilitado atividades que levaram a mudanças significativas na estrutura e identidade da associação, como evidenciado pela mudança de nome. Estas ações demonstram o papel do Projeto Redes não apenas como um suporte técnico, mas como um catalisador de reflexões e transformações dentro da organização comunitária.

Saco do Céu apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com muitas pessoas mobilizadas em comissão de base e participações nos cursos da RFS. Teve também altíssima participação em atividades do projeto, principalmente nos temas de cultura e turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, uma prioridade é o apoio contínuo à consolidação e expansão dos roteiros de Turismo de Base Comunitária. Outra ação importante é o apoio à criação da Articulação de Pescadores da Ilha Grande. O projeto também pode intensificar seu apoio ao coletivo de educação diferenciada, a partir do apoio às formações continuadas de professores junto ao Programa Escolas no Território. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar na capacitação da associação em gestão de projetos e captação de recursos, como já havia sido feito para a realização do projeto Enseada das Estrelas e Suas Raízes. Por fim, apoiar a busca por um espaço físico para a associação. Isso poderia incluir a elaboração de um projeto para construção ou adaptação de um local que possa servir como sede, bem como a articulação com potenciais parceiros para viabilizar esta iniciativa.

Vila de Dois Rios

A comunidade da Vila de Dois Rios tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, centrada em quatro temas principais: o Turismo de Base Comunitária (TBC), a reativação do cerco de pesca, o fortalecimento da cultura caiçara e a defesa do direito à moradia. Estes processos de luta e organização refletem os esforços da comunidade para preservar seu modo de vida tradicional, ao mesmo tempo em que busca alternativas econômicas sustentáveis e a garantia de seus direitos fundamentais.

A principal organização comunitária atuante na Vila de Dois Rios é a Associação de Moradores da Vila de Dois Rios (AMVDR), que se destaca por sua estrutura bem estabelecida, incluindo uma sede formalizada. Possuem como maior denúncia questões relativas ao conflito vivenciado com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que possui um de seus *campi* no local. Existem denúncias que a AMVDR não tem representado de fato os interesses dos comunitários, muitas vezes utilizando a associação para benefício próprio. São muitos conflitos envolvendo a comunidade de Dois Rios.

Atualmente, o Projeto Redes tem articulado com três mulheres da localidade que compõem a Coletiva de Mulheres da Ilha Grande, cuja demandas nada têm em comum com a AMVDR. O principal tema da Coletiva está relacionado ao direito das mulheres, luta comunitária, artesanato, plantas medicinais, cozinha das tradições etc. Por outro lado, a AMVDR além de ter como principal tema a questão da moradia, tem também como demandas a reativação do cerco e o TBC. Entretanto, podemos considerar que a comissão de base do Projeto Redes é composta por membros da diretoria da AMVDR e da Coletiva de Mulheres.

A presença da comissão de base do Redes na diretoria da associação sugere um trabalho contínuo de capacitação e apoio às lideranças locais. Além disso, o projeto tem oferecido suporte nas iniciativas relacionadas aos temas centrais da comunidade, como o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, a reativação do cerco de pesca e as ações de fortalecimento da cultura caiçara, o direito à moradia. Este apoio inclui ações formativas, assessoria técnica e facilitação de diálogos com outras instâncias relevantes. Além disso, o

projeto Redes articula junto à Frente de Pesca do FCT para a reativação do cerco de pesca e ações que preservem o conhecimento tradicional como a costura de redes de pesca; articula também junto à assessoria jurídica do FCT para solucionar o conflito com a UERJ relativo à moradia.

Vila de Dois Rios apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de pesca.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio contínuo ao desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária. Outra ação importante é continuar o suporte à reativação do cerco de pesca junto à articulação com a Frente de Pesca do FCT e continuar a articulação com FCT para o apoio jurídico para a questão da moradia. O Projeto Redes pode realizar ações formativas sobre técnicas de pesca sustentável e gestão coletiva de recursos pesqueiros. O projeto também pode intensificar suas ações de fortalecimento da cultura caiçara. Isso pode envolver a organização de eventos culturais, o apoio à produção de materiais de registro e divulgação da cultura local, e a promoção de intercâmbios com outras comunidades caiçaras. Por fim, trabalhar no fortalecimento da Coletiva de Mulheres.

3.1.4. Microterritório Ilha Grande Oeste

Araçatiba

A comunidade de Araçatiba tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, centrada em três temas principais: o fortalecimento da cultura local, do associativismo, e o apoio aos artesãos da região. Existe a proposta de fazer uma feira de artesanato local na Igreja da comunidade. Estes processos de luta e organização refletem os esforços da comunidade para preservar e valorizar sua identidade cultural, ao mesmo tempo em que busca fortalecer suas estruturas organizativas e apoiar as atividades econômicas tradicionais.

Um marco significativo na organização comunitária de Araçatiba foi a reativação da associação de moradores, um processo liderado pelo coletivo de mulheres local. Este fato destaca o papel crucial das mulheres na mobilização e

articulação comunitária, demonstrando sua capacidade de liderança e organização.

A principal organização comunitária atuante em Araçatiba é a Associação de Moradores de Araçatiba (AMAR) recentemente reativada. Esta associação, embora formalizada, ainda não possui uma sede própria, o que pode representar um desafio para suas operações. A comissão de base do Projeto Redes participa ativamente desta associação, indicando uma integração efetiva entre a organização comunitária e as iniciativas do projeto.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento da organização comunitária em Araçatiba. Uma contribuição significativa tem sido a participação ativa da comissão de base do projeto na associação de moradores. Esta presença provavelmente tem facilitado o acesso a recursos, conhecimentos e redes de contatos que fortalecem a capacidade organizativa da comunidade.

Além disso, o projeto tem mantido uma boa aproximação com a AMAR, mesmo que atualmente não haja uma formalização política através da rede. Esta relação próxima sugere um apoio contínuo às iniciativas locais, possivelmente através de assessoria técnica, facilitação de diálogos e suporte em projetos específicos.

Araçatiba apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura pelos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de cultura.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio à formalização da cultura local. Outra ação importante é o fortalecimento do associativismo local. Além disso, pode auxiliar na busca por um espaço físico para servir como sede da associação, elemento crucial para a consolidação de suas atividades. O projeto também pode intensificar seu apoio aos artesãos locais. Além disso, facilitar a participação dos artesãos em feiras e eventos, ampliando as oportunidades de exposição e venda de seus produtos. Por fim, trabalhar no fortalecimento da Coletiva de Mulheres da Ilha Grande.

Aventureiro

A comunidade do Aventureiro está engajada em diversos processos de luta e organização, demonstrando uma notável capacidade de articulação e mobilização. Um dos principais processos em andamento é a construção do plano de manejo da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), evidenciando o envolvimento da comunidade na gestão de seu território. Além disso, a comunidade está incluída no plano municipal de redução de riscos e participa de treinamentos com a defesa civil, demonstrando uma preocupação ativa com a segurança e resiliência local.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) emerge como um tema central para o Aventureiro, com iniciativas em curso para capacitar moradores locais como condutores turísticos. A gestão de riscos e desastres também se destaca como uma questão prioritária para a comunidade. Outro processo importante é a regularização da documentação dos pescadores, indicando um esforço para fortalecer e formalizar a atividade pesqueira tradicional.

As principais organizações comunitárias atuantes no Aventureiro incluem o Conselho da RDS e a AMAV (Associação de Moradores do Aventureiro), que é descrita como bastante atuante. Além disso, algumas mulheres da comunidade participam da Coletiva de Mulheres da Ilha Grande, indicando uma articulação que transcende os limites locais. A Rede Marangatu também está presente, atuando na comunidade e possivelmente contribuindo para a articulação regional.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento destas organizações comunitárias através de diversas ações. Uma contribuição importante tem sido o apoio às iniciativas de TBC, incluindo a organização de uma ação formativa sobre o tema programada para novembro. O projeto também tem apoiado os esforços de regularização da documentação dos pescadores, facilitando mutirões e articulando parcerias com instituições como a FIPERJ.

Aventureiro apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente nos temas de cultura e turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio contínuo ao desenvolvimento do TBC. O projeto pode também continuar facilitando a integração entre o curso de condutores do INEA e as iniciativas de TBC, garantindo uma abordagem coerente e complementar. Outra ação importante é manter o fortalecimento da capacidade da comunidade em gestão de riscos e desastres. O projeto também pode intensificar seu apoio ao processo de construção do plano de manejo da RDS. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar no fortalecimento da AMAV. Por fim, promover uma maior integração entre o Aventureiro e outras comunidades da Ilha Grande e da região.

Bananal

A comunidade do Bananal tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, centrada principalmente em dois processos fundamentais: a valorização da cultura local e a mobilização da juventude para dar continuidade às lutas comunitárias. Estes esforços refletem uma preocupação profunda com a preservação da identidade cultural e a sustentabilidade das conquistas da comunidade a longo prazo.

A principal organização comunitária atuante no Bananal é a Associação de Moradores, Barqueiros e Pescadores da Praia do Bananal (AMPB), que possui uma sede formalizada. No entanto, é importante notar que, apesar da existência desta estrutura física, a manutenção ativa da associação tem enfrentado desafios. Esta situação sugere que há espaço para fortalecimento e revitalização da organização comunitária.

Um aspecto positivo da organização local é a presidente da AMPB, que trabalha no Projeto Redes como educadora de base e coordena as atividades na comunidade. Esta conexão direta entre a liderança comunitária e o projeto indica um potencial significativo para ações integradas e eficazes.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento da organização comunitária no Bananal, principalmente através da atuação da educadora de base. Sua posição como coordenadora local e membro do projeto tem facilitado a implementação de iniciativas alinhadas com as

necessidades da comunidade, especialmente no que diz respeito à valorização cultural e à mobilização juvenil.

Além disso, o projeto tem contribuído para a formalização da sede da associação, um passo importante para a estruturação da organização comunitária, mesmo que a manutenção ativa ainda seja um desafio.

Bananal apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de cultura.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o desenvolvimento de um programa robusto de valorização cultural. Outra ação importante é oferecer ações formativas sobre história local, direitos das comunidades tradicionais e técnicas de organização comunitária. O projeto também pode trabalhar na revitalização da associação local. Por fim, oferecer ações formativas sobre gestão de empreendimentos turísticos comunitários e auxiliar no desenvolvimento de roteiros culturais.

Matariz

A comunidade de Matariz tem demonstrado uma notável capacidade de revitalização em seus processos de luta e organização, evidenciada pela recente reativação de sua associação após 15 anos de inatividade. Este renascimento organizacional é um testemunho direto do impacto positivo das atividades do Projeto Redes na mobilização e fortalecimento comunitário.

Os principais focos de luta e organização em Matariz centram-se no mapeamento do território e na valorização da cultura local. Um aspecto particularmente relevante é a atenção dedicada às questões de alagamentos e desastres, indicando uma preocupação com a resiliência e segurança da comunidade frente aos desafios ambientais.

A principal organização comunitária atuante em Matariz é a recém reativada Associação de Moradores de Matariz (AMOMATARIZ). Embora esta associação tenha alcançado sua formalização legal, um desafio significativo permanece: a ausência de uma sede física. Esta situação pode limitar a capacidade da associação de realizar suas atividades de forma plena e contínua.

O Projeto Redes desempenhou um papel crucial no fortalecimento da organização comunitária em Matariz, sendo o catalisador direto para a reativação da associação local após um longo período de inatividade. Esta conquista demonstra o potencial transformador do projeto em revitalizar estruturas comunitárias dormentes e reacender o espírito de organização coletiva.

Além de impulsionar a reativação da associação, o projeto tem oferecido suporte nas iniciativas de mapeamento territorial e valorização cultural. Este apoio pode incluir a facilitação de ações formativas, a provisão de recursos técnicos e a articulação com outras instâncias relevantes para abordar questões como alagamentos e desastres.

Matariz apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de cultura.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio à consolidação da associação recém-reativada. Outra ação importante é oferecer suporte técnico e metodológico para a realização de um mapeamento participativo detalhado, que não apenas identifique as áreas de risco de alagamentos e desastres, mas também os recursos culturais e naturais da comunidade. O projeto também pode intensificar suas ações de valorização cultural. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar na capacitação da comunidade para lidar com alagamentos e desastres. Por fim, auxiliar na busca por um espaço físico para servir como sede da associação.

Parnaioca

A comunidade de Parnaioca, apesar de seu tamanho reduzido, está envolvida em processos de luta e organização que refletem sua busca por representação e participação nas decisões que afetam seu território. Um dos principais processos em andamento é a revisão do plano de manejo do Parque Estadual da Ilha Grande, no qual a comunidade está inserida. Esta revisão representa uma oportunidade crucial para a comunidade influenciar as políticas de gestão do território que diretamente impactam suas vidas.



Outro processo importante é a participação da comunidade no Conselho da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Aventureiro, demonstrando um esforço de articulação com comunidades vizinhas e envolvimento nas questões ambientais regionais. Além disso, as mulheres da comunidade têm se envolvido em atividades em outras localidades, principalmente no Aventureiro, e participam do encontro de mulheres da Ilha Grande, indicando um processo de empoderamento feminino e articulação regional.

A principal organização comunitária atuante em Parnaioça é a Associação dos Moradores Originários da Parnaioça. Esta associação desempenha um papel crucial na representação dos interesses da comunidade, especialmente considerando o contexto de uma população reduzida dentro de uma área de proteção ambiental.

O projeto tem enfrentado dificuldades em alcançar diretamente a comunidade, possivelmente devido ao seu tamanho reduzido e localização. Apesar disso, o projeto tem contribuído indiretamente ao envolver mulheres da comunidade em atividades com o objetivo de elaborar uma Farmacopeia da Parnaioça, ou seja, um livro com conhecimentos medicinais da comunidade.

Parnaioça apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser intensificar os esforços para estabelecer uma presença mais direta na comunidade. Outra ação importante é o apoio à participação efetiva da comunidade no processo de revisão do plano de manejo do Parque Estadual da Ilha Grande, visto os diversos conflitos que existem entre a comunidade e a unidade de conservação que restringe o uso dos recursos naturais pela comunidade, afetando o modo de vida caiçara. Importante refletir sobre propostas que estejam de acordo com as necessidades e aspirações da comunidade a serem incluídas no plano de manejo. O projeto também pode trabalhar no fortalecimento da Associação dos Moradores Originários da Parnaioça. Somando isso, intensificar o apoio à participação das mulheres de Parnaioça em atividades regionais, como nos encontros da Coletiva de Mulheres da Ilha Grande. O projeto também pode explorar o potencial para o desenvolvimento de iniciativas de Turismo de Base Comunitária em Parnaioça,

considerando sua localização dentro do Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG. Por fim, continuar o trabalho da elaboração da Farmacopeia da Parnaíoca.

Praia da Longa

A comunidade da Praia da Longa demonstra uma notável capacidade de organização e luta, centrada principalmente em torno da preservação cultural e do fortalecimento da atividade pesqueira. Estes processos de luta e organização refletem o compromisso da comunidade em manter suas tradições e garantir sua subsistência econômica.

A principal organização comunitária atuante na Praia da Longa é a Associação de Moradores, Barqueiros e Pescadores da Praia da Longa (AMBPL), que se destaca por sua intensa atividade e engajamento nas questões locais. Esta associação tem ampliado seu escopo de atuação, abordando também questões fundiárias, demonstrando uma visão abrangente dos desafios e oportunidades da comunidade. Recentemente, arrecadaram recursos para a regularização (criação de CNPJ).

Um aspecto significativo da organização comunitária é a composição da diretoria da associação, formada por membros da comissão de base do Projeto Redes. Esta integração indica uma forte sinergia entre a organização local e o projeto, potencializando as ações de desenvolvimento comunitário.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel fundamental no fortalecimento da organização comunitária na Praia da Longa. A presença de membros da comissão de base do projeto na diretoria da associação sugere um trabalho contínuo de capacitação e apoio às lideranças locais. Esta colaboração próxima provavelmente tem facilitado a implementação de iniciativas alinhadas com as necessidades da comunidade, especialmente nas áreas de cultura e pesca.

Além disso, o projeto tem contribuído para a ampliação da agenda da associação, incluindo temas como questões fundiárias. Este apoio na diversificação das áreas de atuação demonstra o papel do Projeto Redes em auxiliar a comunidade a abordar de forma mais abrangente seus desafios e oportunidades.



Praia da Longa apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participação nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de cultura.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio à obtenção de uma sede para a associação. A falta de um espaço físico próprio pode limitar a capacidade de atuação da organização. Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa de formação de novas lideranças. A preocupação com a continuidade da associação indica a necessidade de preparar a próxima geração de líderes comunitários. O projeto também pode intensificar seu apoio às iniciativas culturais e pesqueiras. Em relação às questões fundiárias, apoiar na realização de estudos sobre a situação fundiária local, ações formativas sobre direitos territoriais e a facilitação de diálogos com órgãos públicos relevantes. Por fim, trabalhar no desenvolvimento do potencial turístico da comunidade.

Praia Vermelha (Ilha Grande)

A comunidade da Praia Vermelha demonstra uma notável capacidade de organização e luta, centrada em quatro temas principais: saneamento, gestão de risco, turismo de base comunitária e agroecologia. Estes processos de luta e organização refletem uma abordagem holística para o desenvolvimento sustentável da comunidade, abrangendo aspectos ambientais, econômicos e sociais.

A principal organização comunitária atuante na Praia Vermelha é a Associação de Moradores da Praia Vermelha (AMPRAVER), que se destaca por sua força e efetividade. Um aspecto particularmente notável desta associação é sua composição predominantemente feminina, com 99% de seus membros sendo mulheres. Esta característica não apenas demonstra o empoderamento feminino na comunidade, mas também sugere uma abordagem possivelmente mais inclusiva e diversificada na gestão das questões locais.

A associação tem demonstrado uma visão de longo prazo, focando na formação de futuros líderes. Esta estratégia é crucial para garantir a continuidade e o fortalecimento da organização comunitária ao longo do tempo. Além disso, a

associação desempenha um papel central na vida cultural da comunidade, sendo responsável pela organização de festas locais, o que contribui para a coesão social e a preservação das tradições.

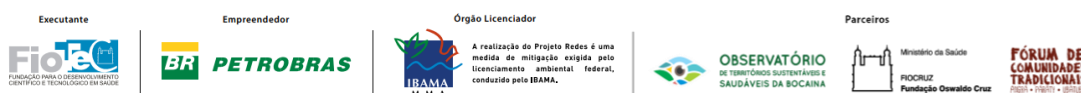
O Projeto Redes tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento da organização comunitária na Praia Vermelha. A participação massiva da comunidade nas atividades do projeto sugere um alto nível de engajamento e uma boa aceitação das iniciativas do projeto. Esta participação ativa provavelmente tem contribuído para o desenvolvimento de capacidades locais e para o fortalecimento da associação. O Turismo de base comunitária é um tema importante, alguns moradores vão participar da Partilha de TBC que acontecerá em novembro no Aventureiro.

Praia Vermelha (Ilha Grande) apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, com procura pelos cursos da RFS, mas sem aluno selecionado. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio contínuo ao programa de formação de futuros líderes já iniciado pela associação. Outra ação importante é o apoio às atividades do Plano Municipal de Redução de Riscos e do acordo de cooperação entre o SAAE e a AGEVAP. O projeto também pode intensificar seu apoio ao desenvolvimento do turismo de base comunitária. Além disso, pode auxiliar na criação de uma rede de turismo comunitário com outras comunidades da região. Em relação à agroecologia, o Projeto Redes pode trabalhar no fortalecimento das práticas locais agroecológicas, a partir da realização de ações formativas sobre técnicas agroecológicas avançadas e o apoio à criação de um banco de sementes comunitário. Por fim, apoiar a participação das lideranças nas ações formativas com a Coletiva de Mulheres da Ilha Grande sobre direitos das mulheres, empreendedorismo feminino e participação política.

Provetá

A comunidade de Provetá enfrenta desafios únicos em seus processos de luta e organização. Diferentemente de outras localidades, Provetá não possui uma



associação de moradores formalmente estabelecida, o que torna o processo de mobilização e representação comunitária mais complexo. Neste contexto, a Igreja Assembleia de Deus exerce uma influência significativa na dinâmica social local, ocupando um espaço que em outras comunidades seria preenchido por organizações comunitárias seculares.

Apesar da ausência de uma associação de moradores formal, existem esforços emergentes de organização comunitária. A equipe do Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial nesse sentido, trabalhando ativamente para organizar grupos específicos dentro da comunidade, com foco particular nas mulheres e nos pescadores locais. Estes esforços representam os primeiros passos na construção de uma rede de apoio e ação comunitária em Provetá.

O Projeto Redes, embora tenha encontrado dificuldades em estabelecer uma presença mais robusta na comunidade devido à forte influência da igreja local, tem persistido em seus esforços de fortalecimento comunitário. A atuação da equipe da Ilha Grande do Projeto Redes, focada na organização de mulheres e pescadores, é uma das principais ações que têm contribuído para iniciar um processo de fortalecimento das estruturas comunitárias em Provetá. Essas iniciativas, ainda que em estágio inicial, representam sementes importantes para o desenvolvimento de uma organização comunitária mais sólida no futuro.

Provetá apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de educação.

Olhando para o próximo ano, uma abordagem importante é buscar um diálogo construtivo com a liderança da Igreja Assembleia de Deus, explorando possíveis áreas de cooperação que beneficiem a comunidade como um todo. Além disso, o Projeto Redes pode intensificar seus esforços na formação de lideranças locais, oferecendo cursos e partilhas sobre gestão comunitária, direitos básicos e desenvolvimento sustentável. Outra ação potencial é a promoção de um programa de um Turismo de Base Comunitária em Provetá. Por fim, trabalhar na criação de espaços de diálogo e cooperação entre diferentes grupos da comunidade, incluindo membros da igreja, pescadores, mulheres e jovens.

Sítio Forte

A comunidade do Sítio Forte encontra-se em um estágio inicial de organização e luta, dado que sua integração ao projeto é recente. Embora as informações sejam limitadas, é possível identificar que um dos processos de luta e organização na comunidade está centrado na preservação e promoção da cultura local, evidenciado pela existência de uma ciranda cultural. Esta manifestação cultural não apenas representa uma forma de expressão artística, mas também pode ser vista como um meio de fortalecer os laços comunitários e preservar as tradições locais.

No que diz respeito às organizações comunitárias atuantes, o cenário atual do Sítio Forte é marcado pela ausência de uma associação formal ativa. Esta situação sugere que a comunidade ainda está em processo de estruturação de suas formas de representação e organização coletiva.

Dado o caráter recente da inclusão do Sítio Forte no projeto, as ações específicas do Projeto Redes para fortalecer as organizações comunitárias ainda não são claramente identificáveis. No entanto, o próprio processo de inclusão da comunidade no projeto pode ser considerado uma ação inicial de fortalecimento, pois abre caminho para futuras intervenções e apoios.

Sítio Forte apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura pelos cursos da RFS. Teve também um aumento expressivo na participação em atividades do projeto.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a realização de um diagnóstico participativo detalhado da comunidade. Outra ação importante seria o apoio à formação de uma associação comunitária. O projeto Redes também pode trabalhar no fortalecimento e expansão da ciranda cultural existente. Além disso, o Projeto Redes pode iniciar um processo de mapeamento participativo do território do Sítio Forte. Por fim, começar a explorar o potencial para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Sítio Forte.

3.1.5. Microterritório Mangaratiba

Centro de Mangaratiba

A comunidade do Centro de Mangaratiba, especificamente na região de Junqueira, está passando por um processo significativo de organização e luta, centrado na regularização de sua principal organização comunitária. O foco atual dos esforços coletivos está na formalização da Associação de Moradores e Amigos de Junqueira, demonstrando um movimento importante em direção à estruturação legal e fortalecimento da representação comunitária.

Este processo de regularização da associação pode ser visto como uma manifestação concreta da vontade da comunidade em estabelecer uma voz oficial e legalmente reconhecida para defender seus interesses e promover o desenvolvimento local. A busca pela regularização indica que a comunidade reconhece a importância de ter uma entidade formalmente constituída para interagir com o poder público, buscar recursos e implementar projetos em benefício dos moradores.

A Associação de Moradores e Amigos de Junqueira é a principal, senão a única, organização comunitária atuante na região. O fato de estar em processo de regularização sugere que ela já existe de fato, provavelmente atuando informalmente na articulação das demandas e iniciativas comunitárias.

As ações específicas do Projeto Redes para fortalecer esta organização comunitária não são explicitamente mencionadas no texto fornecido. No entanto, considerando o escopo típico do projeto, é possível que o Redes esteja oferecendo algum tipo de suporte no processo de regularização, seja através de orientação jurídica, apoio administrativo ou facilitação de diálogos com órgãos competentes.

Centro de Mangaratiba apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de educação.

Olhando para o futuro, uma prioridade clara deve ser o apoio contínuo ao processo de regularização da Associação de Moradores e Amigos de Junqueira. Outra ação importante seria a realização de um diagnóstico participativo da

comunidade, uma vez que a associação esteja regularizada. O projeto também pode oferecer uma série de ações formativas para fortalecer a capacidade de gestão e liderança dos membros da associação. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar na promoção de intercâmbios entre a Associação de Moradores e Amigos de Junqueira e outras associações comunitárias bem-sucedidas da região. Por fim, auxiliar a associação na elaboração de um plano de ação comunitário, identificando prioridades de curto, médio e longo prazo para o desenvolvimento local.

Ilha de Itacuruçá

A comunidade da Ilha de Itacuruçá tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, evidenciada por dois processos significativos. O primeiro é a criação do Conselho das Ilhas, que engloba Itacuruçá, Quilombo da Marambaia, Jaguanum e Muriqui. Este conselho surgiu como um desdobramento do curso Maré de Saberes, indicando o impacto positivo das iniciativas educacionais na mobilização comunitária. As principais pautas deste conselho incluem a regularização da associação local e a melhoria da comercialização do pescado, refletindo as preocupações econômicas e organizacionais da comunidade.

O segundo processo importante é a formação do Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada de Mangaratiba. Este coletivo já alcançou conquistas significativas, como a implementação do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Itacuruçá e a iniciativa de revisão do Plano Municipal de Educação de Mangaratiba. Estas ações demonstram um forte compromisso da comunidade com a educação e o desenvolvimento local.

As principais organizações comunitárias atuantes na Ilha de Itacuruçá incluem a Associação de Moradores e Pescadores da Ilha de Itacuruçá - AMAI (em processo de regularização), o Conselho das Ilhas e o Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada de Mangaratiba. A Associação de Moradores do Recanto da Gamboa (Amorega) também atua junto ao Projeto Redes. Estas organizações representam diferentes aspectos das necessidades e aspirações da comunidade, desde questões econômicas até educacionais.



O Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento destas organizações comunitárias. A realização do curso Maré de Saberes, que levou à criação do Conselho das Ilhas, é um exemplo claro de como o projeto tem catalisado a organização comunitária. Além disso, o apoio do projeto tem sido fundamental para as iniciativas do Coletivo de Educação Diferenciada.

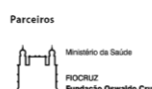
Ilha de Itacuruçá apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de educação.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio contínuo ao processo de regularização da associação local. Outra ação poderia ser oferecer ações formativas sobre técnicas de beneficiamento do pescado. Além disso, pode auxiliar na criação de parcerias com mercados locais e regionais para ampliar as oportunidades de venda. O projeto também pode intensificar seu apoio ao Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada e o apoio técnico na elaboração de propostas para o Plano Municipal de Educação. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar no fortalecimento do Conselho das Ilhas, oferecendo ações formativas. Por fim, explorar o potencial para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária na Ilha de Itacuruçá.

Ilha de Jaguanum

A Ilha de Jaguanum tem demonstrado um processo de luta e organização comunitária bastante ativo, focado principalmente em questões cruciais para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida dos moradores. Em 2024, a comunidade elegeu o saneamento básico como tema prioritário, evidenciando a preocupação com as condições sanitárias e ambientais da ilha.

A Associação de Moradores e Pescadores da Ilha de Jaguanum (AMPIJ) destaca-se como a principal organização comunitária atuante na ilha. Esta associação tem desempenhado um papel fundamental na representação dos interesses dos moradores e pescadores locais, servindo como um canal de comunicação entre a comunidade e as autoridades competentes.



Além de sua atuação local, a Ilha de Jaguanum participa ativamente do Conselho das Ilhas, uma iniciativa que reúne outras comunidades insulares como Itacuruçá, Marambaia e Muriqui. Este conselho tem se dedicado a temas cruciais como economia solidária, pesca (com foco no acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE) e associativismo, demonstrando uma abordagem colaborativa e estratégica para enfrentar desafios comuns.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para fortalecer as organizações comunitárias na Ilha de Jaguanum. Uma ação notável foi a realização do curso de formação "Transformando Ideias em Ação", iniciado em 16 de junho na sede da AMPIJ. Este curso teve como objetivo capacitar líderes comunitários com ferramentas essenciais para buscar recursos legais junto aos órgãos competentes, visando gerar renda e promover a autonomia na gestão dos espaços comunitários.

Esta iniciativa do Projeto Redes demonstra um compromisso em empoderar a comunidade com conhecimentos práticos e estratégicos. Ao fornecer essas habilidades, o projeto não apenas fortalece a AMPIJ, mas também contribui para o desenvolvimento de uma liderança local mais preparada e eficaz na busca por melhorias para a comunidade.

Ilha de Jaguanum apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de educação.

Olhando para o futuro, uma prioridade poderia ser o desenvolvimento de um programa específico de capacitação em saneamento básico, alinhado com o tema escolhido pela comunidade para 2024. Outra ação importante é o apoio na implementação de projetos de economia solidária, conforme discutido no Conselho das Ilhas. No que diz respeito à pesca, o Projeto Redes pode auxiliar na criação de um programa de Turismo de Base Comunitária que valorize a cultura pesqueira local. Adicionalmente, o projeto pode organizar uma série de partilhas de experiências entre as ilhas participantes do Conselho das Ilhas. Por fim, trabalhar no desenvolvimento de um plano de ação comunitário de longo prazo, auxiliando a AMPIJ e outros líderes locais a estabelecer metas claras e estratégias para alcançá-las.



Muriqui

A comunidade de Muriqui tem demonstrado um processo de luta e organização comunitária focado principalmente no fortalecimento do associativismo e na articulação com outras comunidades da região. Em 2024, a comunidade elegeu o associativismo como tema prioritário, evidenciando a importância dada à organização coletiva para o desenvolvimento local.

A principal organização comunitária atuante em Muriqui é a Associação de Pescadores e Maricultores de Muriqui (APEMAM). Esta associação tem desempenhado um papel crucial na representação dos interesses dos pescadores e maricultores locais, além de ser um ponto focal para as iniciativas de desenvolvimento comunitário. Em alguns momentos, a AMAM (Associação de Moradores de Muriqui) também contribui com ações do Projeto Redes.

Além de sua atuação local, Muriqui participa ativamente do Conselho das Ilhas, uma iniciativa que reúne outras comunidades como Ilha de Jaguanum, Itacuruçá e Marambaia. Este conselho tem se dedicado a temas cruciais como economia solidária, pesca (com foco no acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE) e associativismo, demonstrando uma abordagem colaborativa para enfrentar desafios comuns.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para fortalecer as organizações comunitárias em Muriqui através de diversas ações. Em janeiro de 2024, o projeto facilitou uma reunião da Comissão de Microterritório, que incluiu participantes de Muriqui, Praia da Gamboa e Quilombo da Ilha da Marambaia. Esta reunião teve como objetivo dar continuidade ao trabalho integrado dos cursistas do Maré de Saberes, focando no fortalecimento das associações locais.

Em março de 2024, o Projeto Redes organizou uma Reunião de Comissão de Base na APEMEM, em Muriqui, focada no tema do associativismo e na renovação da presidência da associação. Esta ação demonstra o compromisso do projeto em apoiar a governança democrática das organizações comunitárias.

Outra ação importante ocorreu em maio de 2024, quando o Projeto Redes realizou uma reunião de comissão de base em Muriqui, focada na regularização e fortalecimento da APEMAM. Nesta ocasião, a equipe do projeto se colocou à

disposição para auxiliar no processo de reestruturação da associação, demonstrando um apoio prático e direto às organizações locais.

Em julho, o Projeto Redes facilitou uma reunião com representantes da APEMAM para discutir a construção de um plano de revitalização da organização e a articulação de ações conjuntas com outras associações. Esta iniciativa demonstra o compromisso do projeto em promover não apenas o fortalecimento interno das organizações, mas também a criação de redes de cooperação entre diferentes associações.

Muriqui apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de organização comunitária.

Olhando para o futuro, uma prioridade pode ser o desenvolvimento de um programa de capacitação em gestão associativa, oferecendo ações formativas sobre temas como governança, planejamento estratégico e captação de recursos. O Projeto Redes também pode oferecer apoio para atualização dos estatutos da APEMAM, regularização de documentação e orientação sobre obrigações legais das associações. Outra ação importante é o apoio na implementação de projetos de economia solidária, conforme discutido no Conselho das Ilhas. No que diz respeito à pesca, o Projeto Redes pode auxiliar a APEMAM na elaboração de um plano de acesso ao PNAE, incluindo a capacitação dos pescadores sobre os requisitos do programa e o apoio na criação de uma estrutura logística adequada. Adicionalmente, o projeto pode trabalhar no desenvolvimento de um programa de turismo de base comunitária em Muriqui, valorizando a cultura pesqueira e maricultora local. Isso não apenas diversificaria as fontes de renda da comunidade, mas também ajudaria a preservar as tradições locais.

Praia do Sahy

A comunidade da Praia do Sahy demonstra uma notável capacidade de organização e luta, evidenciada pela presença de múltiplas organizações comunitárias ativas. Os processos de luta e organização na comunidade parecem estar centrados principalmente em torno das questões relacionadas à pesca e ao

desenvolvimento local, com uma forte ênfase na representação dos interesses dos pescadores e moradores.

As organizações comunitárias atuantes na Praia do Sahy incluem a ASSOPESCA, a Pescando Soluções e a Associação de Moradores do Vale do Sahy. A ASSOPESCA, que abrange tanto o Sahy quanto a Praia Pequena, é apontada como a organização mais ativa no momento, sugerindo um forte engajamento da comunidade pesqueira. A Pescando Soluções, ainda em fase de construção, é uma iniciativa do presidente da ASSOPESCA, indicando uma expansão das atividades organizativas no setor pesqueiro. A Associação de Moradores do Vale do Sahy, recentemente reativada, conta com a participação de lideranças locais, além de ter conexões com o poder público através do atual secretário municipal de Meio Ambiente.

As ações específicas do Projeto Redes para fortalecer estas organizações comunitárias têm desempenhado um papel importante no apoio e fortalecimento dessas iniciativas. O fato de haver múltiplas organizações ativas e em desenvolvimento sugere um ambiente propício à organização comunitária, que tem sido nutrido pelas ações do Projeto Redes.

Praia do Sahy apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participação nos cursos da RFS. Teve também participação em atividades do projeto, principalmente no tema de pesca.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser o apoio contínuo à ASSOPESCA, dado seu papel central na comunidade. Outra ação importante seria o suporte ao desenvolvimento da Pescando Soluções. Para a Associação de Moradores do Vale do Sahy, o projeto pode focar no fortalecimento de sua capacidade de articulação com o poder público. O Projeto Redes também pode trabalhar na promoção de uma maior integração entre as três organizações. Além disso, o projeto pode explorar o potencial para o desenvolvimento do turismo de base comunitária na Praia do Sahy. Por fim, trabalhar no desenvolvimento de um programa de formação de novas lideranças comunitárias, visando garantir a continuidade e renovação das organizações locais.

Quilombo da Marambaia

O Quilombo da Marambaia está envolvido em processos significativos de luta e organização, centrados principalmente na questão fundiária e no direito ao território quilombola. Um dos processos mais importantes é a denúncia feita à Comissão e Corte Interamericana de Direitos Humanos sobre o conflito fundiário entre o Quilombo e a Marinha do Brasil. Esta ação demonstra a determinação da comunidade em buscar reconhecimento e proteção de seus direitos territoriais em instâncias internacionais. A principal associação atuante é a ARQIMAR (Associação dos Remanescentes do Quilombo da Ilha da Marambaia). Há ainda a APEMIM (Associação de Pescadores e Maricultores da Ilha da Marambaia), mas está inativa.

Além da luta pelo território, a comunidade está engajada em processos de fortalecimento educacional, buscando a implementação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Ensino Médio no Quilombo. Esta iniciativa reflete o compromisso da comunidade com a educação e o desenvolvimento local. Outro processo importante é a participação de estudantes do Quilombo na Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, indicando um movimento de formação de lideranças e profissionais qualificados dentro da própria comunidade.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento das organizações comunitárias do Quilombo da Marambaia através de diversas ações. Uma contribuição significativa tem sido o apoio logístico e pedagógico à denúncia feita à Comissão e Corte Interamericana de Direitos Humanos, demonstrando um compromisso com a luta fundiária da comunidade.

Além disso, o projeto realizou um processo formativo sobre Turismo de Base Comunitária (TBC) no Quilombo, envolvendo representantes das organizações comunitárias locais e de outras ilhas como Itacuruçá e Jaguanum. Esta ação não apenas fortaleceu as capacidades locais, mas também promoveu a articulação regional entre comunidades.

Quilombo da Marambaia apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com muitas pessoas mobilizadas, com comissão de base constituída e participações nos cursos da RFS. Teve também altíssima participação em



atividades do projeto, principalmente nos temas de organização comunitária e educação.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a continuidade do apoio à luta fundiária. Outra ação importante é o apoio à implementação da EJA e do Ensino Médio no Quilombo. O projeto também poderia intensificar as ações relacionadas ao Turismo de Base Comunitária, aproveitando o processo formativo já realizado. Além disso, o Projeto Redes pode trabalhar no fortalecimento da participação dos estudantes quilombolas na LEC. Por fim, promover a articulação do Quilombo da Marambaia com outras comunidades quilombolas e tradicionais da região.

3.2. Meso Inter

3.2.1. Microterritório Centro-Sul de Paraty

Centro (Pontal/Chácara)

A comunidade do Centro (Pontal/Chácara), em Paraty, está focada na defesa dos direitos dos pescadores locais e na preservação de seus territórios tradicionais. A mobilização comunitária tem sido particularmente intensa em torno da proteção do rancho de pesca no Rio Perequê Açu, um recurso vital para 15 canoas de pesca e, conseqüentemente, para a subsistência de diversas famílias da região.

Embora não exista uma associação formal, a organização comunitária tem sido liderada por figuras-chave como uma ex-aluna do programa Maré de Saberes, que tem desempenhado um papel crucial na mobilização e articulação dos moradores nas áreas do Pontal, Ilha das Cobras, Jabaquara e Mangueira. Esta liderança emergente demonstra como os processos de formação podem fortalecer a organização comunitária de base.

Uma das ações mais impactantes foi a realização de uma Ação Formativa Agrupada (AFA), em 2023, que destacou as violações de direitos enfrentadas pelos pescadores locais. Esta atividade não apenas aumentou a conscientização sobre os desafios enfrentados pela comunidade, mas também serviu como catalisador para ações futuras.

O projeto também tem incentivado ações de visibilidade, como o "canaço" que ocorreu como uma AFA durante o Encontro Internacional de Territórios e Saberes (EITS). Esta iniciativa visou chamar a atenção para as questões enfrentadas pelos pescadores, utilizando formas criativas e culturalmente relevantes de protesto e expressão.

Além disso, o Projeto Redes tem apoiado a comunidade na busca por soluções legais para proteger seus territórios tradicionais. Um exemplo disso é o planejamento para a obtenção de um Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS), um instrumento legal que pode oferecer maior segurança aos pescadores em relação ao uso de suas áreas tradicionais.

Apresenta uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e alunos nos cursos da RFS, além de crescente envolvimento nas atividades (de 14 para 37, entre 2023 e 2024), principalmente nos temas de pesca e turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, o projeto deve continuar a apoiar a elaboração e implementação do TAUS, oferecendo suporte técnico e jurídico necessário. Isso pode incluir a organização de ações formativas sobre o processo de obtenção do TAUS e seus benefícios para a comunidade. Outra ação importante é a mobilização contra violações de direitos.

Ilha do Algodão

A Ilha do Algodão enfrenta desafios significativos em sua organização comunitária e acesso a serviços básicos. A comunidade, predominantemente pesqueira, luta para preservar suas atividades tradicionais de pesca de arrastão e de polvo, ameaçadas pela pesca industrial e pela concessão descontrolada de águas para aquicultura. Além disso, a falta de serviços públicos essenciais, como educação e saúde, tem sido uma preocupação constante desde o fechamento da escola local há 29 anos, o que provocou a saída de muitos moradores, especialmente jovens.

Atualmente, não há organizações comunitárias formalmente ativas na ilha. A Associação de Moradores da Ilha do Algodão está inoperante após um processo de desestruturação. No entanto, existe um movimento emergente para reativar

essa associação e fortalecer a comissão de base local, demonstrando o desejo da comunidade de se reorganizar e enfrentar coletivamente seus desafios. Com índice médio-alto de consolidação, tem uma comissão de base constituída e teve cursista nos cursos da RFS, embora tenha um número relativamente baixo de participação em atividades.

O Projeto Redes realizou uma Ação Formativa Agrupada (AFA), incluindo a comunidade vizinha do Saco da Velha, o que ajudou a identificar questões críticas relacionada aos conflitos da pesca artesanal com empreendimentos de aquicultura. Está apoiando a elaboração de um dossiê sobre os problemas relacionados à concessão de águas para aquicultura. A cartografia social do projeto Povos também tem sido uma ferramenta valiosa para a comunidade.

Para fortalecer ainda mais a comunidade no próximo ano, o projeto Redes pode auxiliar na reativação da Associação de Moradores e no fortalecimento da comissão de base local. Realizar uma AFA específica sobre a questão da escola, conforme solicitado pela comunidade, seria crucial. Continuar o apoio à elaboração e divulgação do dossiê sobre a concessão de águas para aquicultura e promover diálogos com autoridades locais para discutir o retorno de serviços públicos essenciais são ações importantes. Desenvolver estratégias para atrair jovens de volta à comunidade e buscar parcerias para resolver a questão do acesso à energia elétrica e apoiar a comunidade na defesa de seus direitos de pesca tradicional são também iniciativas fundamentais.

Paraty-Mirim

Na comunidade do Paraty-Mirim, os processos de luta e organização na comunidade são marcados pela presença de duas associações de moradores ativas, que, apesar de enfrentarem conflitos políticos entre si, têm conseguido mobilizar a comunidade em torno de questões cruciais. Um exemplo significativo disso foi a ocupação de um espaço anteriormente utilizado por órgãos ambientais, demonstrando a determinação da comunidade em reivindicar e utilizar espaços para benefício coletivo.

As organizações comunitárias atuantes na comunidade incluem as duas associações de moradores mencionadas, sendo que a mais antiga possui sede

própria, atualmente cedida para abrigar o segundo segmento do ensino fundamental da escola local. Estas associações têm se engajado ativamente em diversas frentes, como a participação no Conselho da Área de Proteção Ambiental do Cairuçu (APA Cairuçu) e a construção de uma sala multimídia com recursos provenientes de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) da Chevron. Essas iniciativas demonstram a capacidade das organizações de articular parcerias e captar recursos para projetos comunitários.

Paraty-Mirim possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, cursistas nos cursos da RFS e alta e crescente participação em atividades, principalmente nos temas de educação e cultura. O Projeto Redes tem desempenhado um papel fundamental no fortalecimento dessas organizações comunitárias através de diversas atividades. A contribuição do Projeto Redes para a cartografia social do Projeto Povos também foi significativa, ajudando a comunidade a mapear e visualizar seu território e recursos. Uma das principais contribuições tem sido a participação nos cursos da RFS. Uma questão recente que ganhou importância é o empreendimento do Hotel Spa Emiliano, que está em processo de licença de instalação e prevê impactos na infraestrutura da comunidade e nas pressões econômicas.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar as principais lutas da comunidade, que incluem o fortalecimento da escola local, para desenvolver o programa de educação diferenciada, para o desenvolvimento de um Turismo de Base Comunitária (TBC) como alternativa ao turismo de massa, e o combate à especulação imobiliária em áreas de proteção ambiental. Outra ação importante é a mediação de conflitos entre as duas associações de moradores.

Ponta Grossa

A comunidade pesqueira de Ponta Grossa está passando pela retomada da associação de moradores, evidenciando o desejo da comunidade de fortalecer sua representatividade e poder de ação coletiva.

A educação local está no centro das preocupações, com a escola da comunidade sob ameaça de fechamento. Esta situação foi agravada por um recente deslizamento de terra durante uma enchente, que afetou as instalações



escolares. A saída de uma professora conhecida por seu trabalho premiado e impactante na comunidade representou uma perda significativa para o ambiente educacional local.

Ponta Grossa apresenta um nível médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e participação nos cursos e nas atividades do Projeto Redes. Uma das principais iniciativas é a construção de uma Ação Formativa focada no fortalecimento da escola. Esta ação visa identificar estratégias para manter a escola em funcionamento e melhorar suas condições de infraestrutura. Além disso, o projeto está auxiliando na regularização dos Microempreendedores Individuais (MEI) de alguns comunitários, uma medida importante para fortalecer a economia local.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode continuar o apoio à reativação da associação de moradores, oferecendo orientação e recursos para sua estruturação efetiva. A preservação da escola local é uma prioridade, com a mobilização das famílias para o diálogo com a Secretaria Municipal de Educação. Desenvolver programas de capacitação para os pescadores locais e expandir o apoio à regularização de MEIs são ações que podem fortalecer significativamente a base econômica da comunidade. Promover atividades culturais e educacionais que valorizem a identidade e as tradições da comunidade pesqueira também pode contribuir para fortalecer o tecido social de Ponta Grossa.

Trindade

A comunidade de Trindade possui um extenso histórico de luta pela defesa de seu território, demonstrando uma forte tradição de mobilização e resistência. Atualmente, enfrenta o desafio de se organizar em meio à diversidade de associações comunitárias atuantes na região: Associação Caiçara de Trindade (ACT); Associação dos Barqueiros e Pequenos Pescadores da Trindade (ABAT) e Associação de Moradores de Trindade (AMOT), além de uma Coletivo de Mulheres. Este processo de organização é complexo, pois algumas associações enfrentam conflitos internos e mantêm relações delicadas com a prefeitura e outros órgãos governamentais. A comunidade busca fortalecer sua coesão e



representatividade através dessas diversas organizações, apesar dos desafios existentes.

Existem hoje várias organizações comunitárias atuantes em Trindade. O Coletivo de Mulheres de Trindade destaca-se como um grupo importante, com o qual o Projeto Redes tem mantido diálogo constante. Também há registros de participação da AMOT, ABAT e ACT, que participaram de atividades realizadas na comunidade.

Trindade possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alta procura e participação nos cursos da RFS e alta e crescente participação em atividades do Projeto Redes, principalmente no tema de Unidade de Conservação e dos cursos da RFS. Trindade tem áreas sobrepostas ao Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB) e recentemente houve a negociação de um termo de compromisso com uma família caiçara para regularizar sua presença no PNSB

O projeto também organizou uma reunião da Comissão Pastoral da Pesca (CPP) na comunidade, promovendo o diálogo sobre questões relacionadas à pesca. Através de ex cursista do Maré de Saberes, foram realizadas partilhas importantes, como uma sobre pesca em parceria com a Comunidade de Aventureiro da Ilha Grande, e outra focada em associativismo e juventude, envolvendo as associações ACT e ABAT. O projeto também facilitou a participação de comunitários em partilhas em outras comunidades, promovendo troca de experiências. Uma das aulas do curso de educação diferenciada foi realizada na comunidade, com a participação de uma professora comunitária.

Para fortalecer ainda mais a comunidade de Trindade até o próximo ano, o projeto Redes pode considerar várias ações. Primeiramente, pode-se dar continuidade e aprofundar o diálogo com o Coletivo de Mulheres de Trindade, apoiando a realização da ação sobre ervas medicinais que o grupo deseja implementar, inspirada na experiência de Ubatuba.

O projeto também pode trabalhar na mediação entre as diversas associações da comunidade, buscando promover maior coesão e cooperação. A realização de mais partilhas e intercâmbios com outras comunidades pode ser intensificada, dado o sucesso dessas iniciativas até o momento. A AFA sobre Turismo de Base Comunitária (TBC), prevista para ser realizada em Aventureiro

em conjunto com a comunidade da Praia do Sono, pode ser estendida para incluir Trindade, promovendo uma abordagem regional do tema.

3.2.2. Microterritório Costeira

Calhaus e Praia Grande da Cajaíba

As comunidades de Calhaus e Praia Grande da Cajaíba enfrentam desafios distintos em seus processos de luta e organização. Na Praia Grande da Cajaíba, a comunidade está engajada em um plano de desenvolvimento comunitário ambicioso, que visa projetar seu futuro próximo e a longo prazo. Este esforço de planejamento é uma resposta direta aos desafios históricos enfrentados pela comunidade, principalmente o assédio e os prejuízos causados pela grilagem de terras. Os poucos moradores que resistem na área estão envolvidos em processos judiciais contra grileiros, tornando a defesa de seus direitos territoriais uma luta contínua e árdua.

Em contraste, no Calhaus, o processo de organização comunitária enfrenta desafios diferentes. A comunidade tem demonstrado menos engajamento em questões como a regulamentação do cerco flutuante, embora tenha respondido positivamente à campanha “Cuidar é Resistir” durante a pandemia. Isso sugere que, apesar das dificuldades, há potencial para mobilização quando as questões abordadas são de interesse direto e imediato para os moradores.

Embora não existam organizações comunitárias formais, é evidente que existem estruturas de organização local em ambas as comunidades. Na Praia Grande da Cajaíba, a mobilização em torno do plano de desenvolvimento comunitário e a resistência contra a grilagem indicam a presença de lideranças e grupos organizados. No Calhaus, a resposta à campanha “Campanha Cuidar é Resistir” durante a pandemia sugere a existência de redes comunitárias, ainda que menos estruturadas.

Calhaus/Praia Grande tem médio índice de consolidação do trabalho de base, com uma comissão de base constituída, mas sem procura pelos cursos da RFS. Possui um número relativamente baixo de participação nas atividades, mas compatível com o tamanho da comunidade. Teve foco principal no tema de

Unidades de Conservação, por conta do desenvolvimento do plano comunitário da Praia Grande da Cajaíba, no âmbito da APA Cairuçu.

Na Praia Grande da Cajaíba, o projeto tem apoiado o desenvolvimento do plano comunitário, oferecendo recursos para enfrentar os desafios da grilagem e fortalecer a resistência local. Além disso, o projeto tem incentivado o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma alternativa econômica sustentável, o que não apenas fortalece a economia local, mas também reforça a identidade e os laços comunitários.

No Calhaus, embora o projeto Redes ainda não tenha conseguido estabelecer uma presença efetiva, seu envolvimento na questão da regulamentação do cerco flutuante demonstra um esforço para abordar questões relevantes para a comunidade pesqueira local.

Olhando para o futuro, algumas ações podem ser realizadas pelo Projeto Redes até o próximo ano para fortalecer ainda mais essas comunidades. Na Praia Grande da Cajaíba, o projeto deve continuar apoiando o plano de desenvolvimento comunitário, possivelmente oferecendo ações formativas sobre planejamento estratégico e gestão de projetos comunitários.

Para o TBC, o Projeto Redes pode organizar partilhas de experiências com outras comunidades que implementaram iniciativas bem-sucedidas nessa área. Isso não apenas forneceria inspiração e conhecimentos práticos, mas também poderia fortalecer as redes de solidariedade entre diferentes comunidades.

No Calhaus, o Projeto Redes precisa encontrar formas de aumentar o interesse e a participação da comunidade. Uma estratégia pode ser a realização de atividades sobre a importância da regulamentação do cerco flutuante, demonstrando os benefícios diretos para a comunidade pesqueira.

Martim de Sá/Cairuçu das Pedras/Saco das Anchovas

Na região de Martim de Sá, Cairuçu das Pedras e Saco das Anchovas, a comunidade enfrenta desafios significativos em termos de organização e luta por seus direitos. A ausência de uma associação de moradores formal é um reflexo das dificuldades enfrentadas, especialmente após a perda de Seu Maneco, uma liderança fundamental que desempenhava um papel crucial no território. Embora

tenham sido realizadas ações voltadas para o associativismo, essas iniciativas ainda não amadureceram o suficiente para gerar um impacto duradouro.

Esta comunidade possui um alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e cursista na RFS. Teve um número de atividades compatível com o tamanho da comunidade, tendo como principal tema o turismo de base comunitária.

Um comunitário de Martim de Sá, que participou do curso Maré de Saberes, foi um ponto de conexão importante para o conjunto de comunidades. No ano passado, ele facilitou uma partilha sobre Turismo de Base Comunitária (TBC), uma prática já existente na área, mas que ainda necessita de um aprofundamento nos seus princípios para alcançar todo o seu potencial. Infelizmente, o comunitário não deu continuidade aos trabalhos com o projeto na região, uma oportunidade perdida para fortalecer a organização comunitária.

O apoio do ICMBIO para formalizar acordos comunitários é uma iniciativa positiva, mas enfrenta obstáculos significativos devido a ameaças do tráfico de drogas e questões de perseguição política, que geram medo de os comunitários de se exporem. Além disso, o acesso às políticas públicas, aos serviços básicos e a questões relacionadas à terra são demandas urgentes que a comunidade enfrenta. A situação da falta de escola também é uma preocupação importante para essas comunidades, pois não acessa a educação escolar formal.

Para fortalecer a comunidade até o próximo ano, o Projeto Redes pode considerar várias ações. É crucial retomar e aprofundar as iniciativas de associativismo, talvez através de novas lideranças que possam emergir e dar continuidade ao trabalho iniciado. Promover o amadurecimento do TBC, com foco em formação e fortalecimento dos princípios dessa prática, pode ajudar a criar uma base econômica mais sólida e sustentável. Além disso, o projeto pode trabalhar em parceria com o ICMBIO para superar os desafios relacionados à formalização de acordos comunitários. Abordar as questões de segurança e perseguição política com sensibilidade e discrição pode ajudar a reduzir o medo entre os comunitários.

Ponta da Juatinga

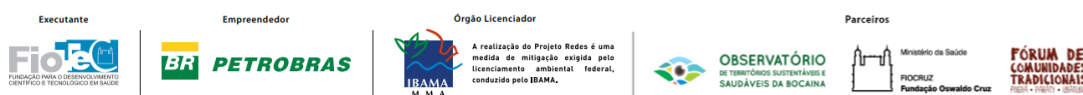
Na Ponta da Juatinga, a comunidade enfrenta desafios significativos em sua organização e luta por melhorias, especialmente após a perda de uma liderança crucial, cuja ausência desestabilizou a estrutura comunitária. Embora tenha havido uma tentativa de promover o associativismo, o medo da violência, provocada pelo tráfico de drogas, ainda persiste entre os moradores, dificultando a coesão e a mobilização coletiva. A promessa de instalação de placas solares para as comunidades que não receberam eletricidade por meio de postes ainda não se concretizou, deixando muitos ainda sem acesso à luz. Uma comunitária tem se destacado ao tentar melhorar o acesso à eletricidade, processo descrito no tópico sobre a APA Cairuçu no diagnóstico participativo. A questão do acesso à luz é o principal processo acompanhado pelo Projeto Redes na comunidade.

Ponta da Juatinga possui um índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com uma comissão de base com muitos nomes, com participação em atividades do Projeto Redes, mas sem procura pelos cursos da RFS. A partilha da pesca foi uma iniciativa que mobilizou algumas mulheres a se deslocarem até Ponta Negra numa atividade, despertando nelas o desejo de ver ações semelhantes acontecerem em sua própria comunidade. Essa mobilização demonstra um potencial latente para a organização comunitária, especialmente entre as mulheres.

Para fortalecer a comunidade até o próximo ano, o Projeto Redes pode retomar e fortalecer as iniciativas de associativismo e continuar focando na mediação junto ao poder público (MP; INEA E ICMBio) e ENEL, para a instalação das prometidas placas solares e do acesso à luz. Além disso, replicar a iniciativa de partilha da pesca dentro da própria comunidade pode incentivar a participação ativa e o empoderamento das mulheres.

Ponta Negra

Na comunidade de Ponta Negra, a educação emerge como um tema central, com a forte convicção de que deve ser desenvolvida dentro da própria comunidade para atender melhor às suas necessidades específicas. Após a tragédia causada pela última chuvas de 2022, a reforma das casas tornou-se uma



prioridade urgente, refletindo a luta contínua por condições de vida dignas e tornando central a discussão da Gestão de Riscos na comunidade. Outro desafio significativo enfrentado pela comunidade é o acesso à praia, que é restringido pelo condomínio de luxo Laranjeiras, afetando as comunidades caiçaras da Praia do Sono e Ponta Negra. Além disso, a saúde permanece uma questão crítica, com a comunidade lutando por melhores serviços e acesso.

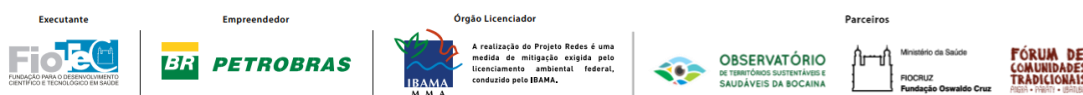
Ponta Negra possui um índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e cursistas da RFS, além de alto e crescente número de envolvimento em atividades do Projeto Redes. A Associação de Moradores da Ponta Negra tem uma relação colaborativa com o projeto.

A atuação de uma comunitária que participou do curso Maré de Saberes e agora contribui como educadora do projeto, destaca a importância da formação local. A iniciativa "Partilha de Mulheres da Pesca" foi um sucesso notável, demonstrando a eficácia da estratégia de mobilizar e articular as mulheres para atuarem nos territórios. Essa abordagem não só fortaleceu a coesão comunitária, mas também contribuiu para o empoderamento das mulheres e trazendo o foco da temática da pesca para o trabalho comunitário.

Para fortalecer a comunidade até o próximo ano, o Projeto Redes pode continuar a apoiar a educação diferenciada na escola, que sempre passou por problemas infraestruturais. O tema da gestão de riscos e desastres também é importante para estimular a colaboração com autoridades e organizações para garantir a reforma das casas afetadas pela enchente. Melhorar o acesso à saúde, talvez através de parcerias com serviços de saúde locais ou programas de saúde comunitária, pode ajudar a atender às necessidades críticas da comunidade. Finalmente, expandir a iniciativa de articulação das mulheres, aproveitando o sucesso da "Partilha de Mulheres da Pesca", pode continuar a fortalecer a organização comunitária e promover a liderança feminina em Ponta Negra.

Pouso da Cajaíba

Na comunidade de Pouso da Cajaíba, a luta e a organização comunitária estão em um momento de revitalização, especialmente após um longo período de inatividade da associação de moradores, que está desativada há 15 anos.



Recentemente, houve um movimento significativo para reativar essa associação, centrado em ações de promoção do associativismo.

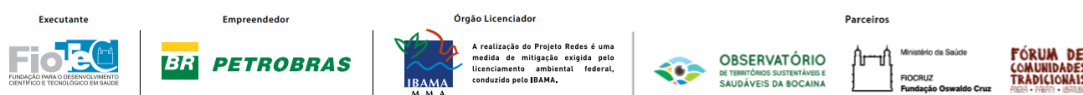
Pouso da Cajaíba possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, cursistas nos cursos da RFS e alta e crescente participação em atividades, principalmente nos temas de Educação, Turismo de Base Comunitária e Unidade de Conservação. A comunidade está sobreposta à Área de Proteção Ambiental do Cairuçu e à Reserva Ecológica Estadual da Juatinga.

Duas grandes iniciativas foram implementadas recentemente: uma focada na educação diferenciada e outra no TBC (Turismo de Base Comunitária). A criação de um grupo dedicado ao TBC está em andamento, aproveitando o lançamento do projeto Rede Nhanderekó, que visa fortalecer as práticas culturais e educacionais locais. A demanda por uma educação diferenciada é forte, com a comunidade buscando expandir suas ofertas para incluir o ensino médio e o EJA (Educação de Jovens e Adultos), além de realizar ações formativas para apoiar essas iniciativas.

O Projeto Redes desempenhou um papel crucial ao apoiar essas ações, especialmente ao fomentar a educação diferenciada e o TBC, que são vistos como pilares para o fortalecimento comunitário. Para continuar fortalecendo a comunidade até o próximo ano, o projeto pode focar em várias frentes no apoio à reativação da associação de moradores, com formações sobre associativismo, para consolidar a organização comunitária. Além disso, expandir as iniciativas de educação diferenciada, incluindo o desenvolvimento de currículos adaptados às necessidades locais e a formação de educadores, pode garantir que a educação atenda às expectativas da comunidade. O apoio contínuo ao grupo do TBC, talvez através de parilhas, pode fortalecer a identidade cultural e a coesão social.

Praia do Sono

A Praia do Sono tem demonstrado um processo de luta e organização comunitária fortes. A comunidade está engajada em diversas iniciativas que visam não apenas seu desenvolvimento socioeconômico, mas também a preservação de sua identidade cultural e a defesa de seus direitos territoriais. Um dos desafios



mais significativos enfrentados pela comunidade é a ação discriminatória¹ entre o Governo Federal, Estadual e o “grileiro de terra”, no qual a comunidade não fazia parte do processo e por meio da coordenação da justiça socioambiental do FCT, a comunidade teve conhecimento do processo e do risco de perder seu território, evidenciando a necessidade contínua de mobilização e resistência.

A organização comunitária na Praia do Sono é fortalecida por lideranças locais comprometidas. Educadores como Jadson e Leila, juntamente com a comunitária Rute, desempenham papéis cruciais na articulação e implementação de iniciativas locais. Essas lideranças atuam como catalisadores para o engajamento comunitário e como pontes entre a comunidade e projetos externos.

Praia do Sono possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, cursistas nos cursos da RFS e altíssima participação em atividades, principalmente nos temas de educação e cultura. O projeto facilitou a participação de comunitários nos oito cursos da Rede de Formação Socioambiental. Esta iniciativa tem sido fundamental para fortalecer os moradores com conhecimentos e habilidades essenciais para enfrentar os desafios socioambientais que a comunidade enfrenta. Ao empoderar os membros da comunidade com esse conhecimento, o Projeto Redes está fortalecendo a capacidade local de autogestão.

O encontro do Meso Inter, focado em planejamento e realizado na Praia do Sono, é outro exemplo de como o Projeto Redes está apoiando o fortalecimento da organização comunitária. Ao trazer esse evento para a comunidade, o projeto não apenas reconheceu a importância da Praia do Sono como um centro de mobilização, mas também reforçou a importância da participação comunitária em processos de decisão e planejamento.

As iniciativas de intercâmbio, como a partilha prevista com a comunidade do Aventureiro e a participação de comunitárias na partilha de pesca em Ponta Negra, demonstram o compromisso do Projeto Redes em promover a troca de experiências e fortalecer os laços entre diferentes comunidades. Essas ações não apenas ampliam o horizonte de conhecimento dos participantes, mas também

¹ Ação discriminatória é um termo técnico para designar ação legal específica para separar e titular terras públicas, chamadas de terras devolutas, do patrimônio imóvel particular.

criam redes de solidariedade que podem ser cruciais em momentos de adversidade.

Olhando para o futuro, uma ação pode ser o desenvolvimento de um programa de documentação e preservação dos saberes tradicionais da Praia do Sono. Isso não apenas ajudaria a preservar conhecimentos valiosos, mas também poderia ser usado como ferramenta de educação para as gerações mais jovens e como recurso para o desenvolvimento do turismo de base comunitária. Ainda, o projeto pode facilitar a criação de um comitê de jovens lideranças na Praia do Sono, oferecendo oportunidades de formação específicas para este grupo.

Saco Claro/Saco da Sardinha

Nas comunidades de Saco Claro e Saco da Sardinha, os processos de luta e organização enfrentam desafios significativos devido ao difícil acesso e à distância em relação a centros urbanos. A demanda por serviços públicos essenciais, como educação e saúde, é uma questão central que impulsiona a mobilização comunitária. No entanto, apesar das dificuldades, foram realizadas ações focadas em associativismo, buscando fortalecer a coesão e a capacidade de organização local. No entanto, muitos comunitários hesitam em se expor, o que representa um obstáculo adicional para a formação de uma organização comunitária robusta.

Saco Claro/Saco da Sardinha tem médio índice de consolidação do trabalho de base, com uma comissão de base constituída e um inscrito em curso da RFS. Possui um número relativamente baixo de participação nas atividades, mas compatível com o tamanho da comunidade.

Atualmente, não há menção explícita de organizações comunitárias formalmente estabelecidas, mas os esforços para promover o associativismo indicam uma tentativa de criar estruturas organizacionais que possam representar e defender os interesses da comunidade. A distância e o acesso limitado dificultam a participação dos moradores nos cursos e atividades oferecidas, o que limita as oportunidades de capacitação e desenvolvimento.

O projeto Redes tem desempenhado um papel importante ao tentar implementar ações de associativismo, mesmo diante das dificuldades de

participação. Para fortalecer ainda mais essas comunidades até o próximo ano, o projeto pode considerar a implementação de estratégias de articulação e mobilização. Além disso, o projeto pode ampliar a mobilização para melhorar o acesso a serviços públicos, através de programas móveis que possam visitar regularmente as comunidades.

Saco do Mamangá

No Saco do Mamangá, os processos de luta e organização comunitária enfrentam desafios significativos devido à extensão do território e às diversas necessidades de cada praia. Uma comunitária da comunidade do Currupira tem desempenhado um papel crucial ao apoiar a produção de artesanato local, especificamente o artesanato de caixeta, buscando alternativas para evitar intermediários e promover a venda direta. Essa iniciativa é um exemplo de como a comunidade está tentando se organizar para melhorar suas condições econômicas e preservar suas tradições culturais.

Saco do Mamangá tem índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com uma comissão de base constituída e um inscrito em curso da RFS. Possui um número relativamente baixo de participação nas atividades, com foco principal no tema de cultura/artesanato.

Uma ação notável promovida pelos caiçaras da região foi o Ajuntório de Saberes, realizado em 2023. Este evento foi uma confraternização que conseguiu unir as comunidades do Mamangá, servindo como um modelo eficaz de ação comunitária. O “Ajuntório de Saberes” não apenas fortaleceu os laços entre as comunidades, mas também destacou a importância da memória e do conhecimento tradicional como elementos unificadores.

Apesar da existência de uma associação que abrange todas as praias, sua atuação é limitada, principalmente porque o presidente não reside na região, o que dificulta a gestão e a implementação de ações contínuas. Além disso, a participação dos comunitários em cursos e atividades externas é dificultada pela localização remota, o que limita as oportunidades de capacitação e desenvolvimento.

O Projeto Redes tem o potencial de fortalecer essas comunidades ao promover eventos semelhantes ao Ajuntório de Saberes. Além disso, incentivar a formação de lideranças locais e buscar soluções para tornar a associação mais ativa e representativa pode ser fundamental.

3.2.3. Microterritório Norte de Paraty

Ilha do Araújo

A Ilha do Araújo enfrenta um desafiador processo de luta e organização comunitária, marcado por uma significativa desarticulação nos últimos anos. O principal obstáculo tem sido a interferência política da atual gestão da prefeitura municipal de Paraty, que resultou na desarticulação da Associação de Moradores e Amigos da Ilha do Araújo há aproximadamente oito anos. Esta situação foi agravada quando pessoas alinhadas com a gestão municipal venceram a eleição da associação, efetivamente paralisando suas atividades.

A comunidade tem enfrentado dificuldades consideráveis para retomar sua organização. Tentativas de reestabelecer estruturas comunitárias têm sido frustradas por conflitos internos e até mesmo ameaças entre os moradores, criando um ambiente de tensão e desconfiança que dificulta a mobilização coletiva.

Apesar desses desafios, existem indícios de resistência e esforços para manter algum nível de organização comunitária. Lideranças antigas, que por muitos anos fizeram parte da associação de moradores e da Associação de Associações de Moradores do Município de Paraty, além de participar ativamente do Conselho da Área de Proteção Ambiental do Caiuru, representam uma importante fonte de experiência e conhecimento para a comunidade.

Ilha do Araújo possui uma índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com participação em comissão de base, curso da RFS e atividades, mas com poucas pessoas mobilizadas. Em 2023, o Projeto Redes, em colaboração com um cursista do Maré de Saberes, realizou uma Ação Formativa Agrupada focada em Turismo Comunitário. Esta ação contou com a participação de

lideranças comunitárias demonstrando um esforço para reconectar com lideranças experientes e fomentar novas iniciativas de desenvolvimento local.

Mais recentemente, a equipe do Projeto Redes tem se concentrado em realizar visitas de convivência, buscando se aproximar das mulheres envolvidas na cadeia produtiva da pesca artesanal do camarão. Esta abordagem surgiu a partir da articulação com o projeto Povos, durante o qual essas mulheres expressaram preocupações sobre conflitos com áreas de algicultura na comunidade e a precariedade das condições de trabalho no beneficiamento de pescado.

Olhando para o futuro, uma prioridade deve ser a intensificação dos esforços para reativar a Associação de Moradores e Amigos da Ilha do Araújo. Isso poderia incluir a facilitação de diálogos comunitários para resolver conflitos internos. O projeto pode também expandir suas ações formativas, oferecendo cursos sobre resolução de conflitos, gestão comunitária e liderança participativa. Essas formações possuem potencial para ajudar a fomentar a geração de líderes comunitários e fortalecer a capacidade local de autogestão.

Outra ação importante é apoiar um programa específico para as mulheres envolvidas na cadeia produtiva da pesca artesanal do camarão. Isso poderia incluir ações formativas sobre direitos trabalhistas, segurança no trabalho e técnicas sustentáveis de beneficiamento de pescado. Além disso, o projeto pode facilitar diálogos com autoridades relevantes para abordar os conflitos com áreas de algicultura.

Ilha do Cedro

Apresenta uma estrutura organizacional estabelecida, representada pela Associação de Moradores da Ilha do Cedro. Esta organização comunitária tem desempenhado um papel fundamental nos processos de luta e defesa dos direitos dos moradores locais. Um exemplo significativo dessa atuação foi a articulação bem-sucedida com a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu – ICMBio, que resultou na obtenção do Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) para sete famílias da comunidade. Esta conquista representa um marco importante na

garantia do direito ao território e na promoção do uso sustentável dos recursos naturais.

No entanto, a comunidade enfrenta desafios em sua organização e coesão devido à presença de veranistas, que por vezes geram conflitos nas atividades da comissão de base. Esta situação tem dificultado a articulação comunitária, criando obstáculos para o trabalho da equipe do Projeto Redes na região.

Ilha do Cedro possui uma média consolidação do trabalho de base, com participação no curso da RFS e em poucas atividades, mas sem ainda constituir uma comissão de base. É uma ilha com baixa ocupação, o que limita o alcance no volume de participação.

O Projeto Redes tem conseguido realizar ações significativas para fortalecer a organização comunitária. Um exemplo recente e crucial foi o apoio prestado aos moradores da Praia do Canto, que não possuem o TAUS. Estes comunitários procuraram a equipe do projeto em busca de auxílio diante de ameaças de expulsão feitas por um suposto proprietário da praia. Em resposta, a equipe do Projeto Redes tem atuado ativamente no processo junto ao Ministério Público, buscando garantir a permanência dos comunitários em seu território tradicional.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode organizar ações formativas sobre direitos territoriais, gestão comunitária e resolução de conflitos, visando capacitar os moradores para lidar com as tensões causadas pela presença de veranistas. Outra ação importante é o desenvolvimento de estratégias de mediação entre os moradores tradicionais e os veranistas, buscando estabelecer um diálogo construtivo. O Projeto Redes também pode trabalhar na promoção de atividades que valorizem a cultura caiçara, fortalecendo a identidade comunitária e sensibilizando os veranistas sobre a importância da preservação das tradições locais. Por fim, o projeto pode auxiliar a Associação de Moradores na elaboração de um plano de desenvolvimento sustentável para a Ilha do Cedro, que contemple as necessidades e aspirações da comunidade tradicional, ao mesmo tempo em que aborde os desafios impostos pela presença de veranistas.

Praia Grande

A comunidade de Praia Grande apresenta uma estrutura organizacional estabelecida, representada pela Associação de Moradores e Pescadores da Praia Grande. No entanto, a atual gestão da associação é composta por veranistas, o que resulta em um distanciamento entre a liderança e os moradores locais. Diante desse cenário, o Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento dos laços comunitários e na promoção da participação ativa dos residentes.

Praia Grande possui uma alta consolidação do trabalho de base, com procura e seleção de cursistas da RFS e participação em atividades do Projeto Redes, mas precisa ainda constituir comissão de base. As iniciativas do Projeto Redes têm se concentrado em visitas de convivência, que visam estabelecer uma conexão mais próxima com a comunidade. Essas ações têm sido fundamentais para criar um ambiente de confiança e diálogo.

Como resultado desses esforços, o projeto conseguiu mobilizar a participação de membros da comunidade em importantes eventos e atividades formativas. Um exemplo notável foi a presença de uma moradora local na Partilha de Turismo de Base Comunitária realizada no Pouso da Cajaíba. Além disso, um comunitário teve a oportunidade de participar do curso de Saneamento Ecológico, adquirindo conhecimentos valiosos que podem ser aplicados em benefício da comunidade.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode manter e expandir as visitas de convivência, que têm se mostrado eficazes no fortalecimento dos vínculos comunitários. Essas ações visam não apenas promover a participação dos moradores em atividades e decisões que afetam diretamente suas vidas, mas também incentivar a retomada da organização comunitária de forma mais representativa e engajada. Adicionalmente, o projeto pode considerar a realização de ações formativas locais sobre temas relevantes para a comunidade, como gestão riscos, organização comunitária, desenvolvimento sustentável e turismo de base comunitária. Também pode ser benéfico oferecer apoio para auxiliar na reestruturação da associação, garantindo que ela seja verdadeiramente representativa dos interesses dos moradores locais.

São Gonçalo

A Comunidade de São Gonçalo apresenta uma história rica em processos de luta e organização, marcada principalmente pelo conflito fundiário com a Empresa White Martins. Após um período de desarticulação, a comunidade demonstrou sua resiliência ao reativar a associação de moradores, agora liderada por uma diretoria composta por 12 mulheres locais. Esta renovação na liderança comunitária representa não apenas a força da organização local, mas também o empoderamento feminino dentro da estrutura social da comunidade.

A principal organização comunitária atuante em São Gonçalo é a Associação de Moradores e Produtores Rurais de São Gonçalo (AMOSG), que tem se mostrado ativa e engajada nas iniciativas do Projeto Redes. Além disso, a comunidade conta com um coletivo de Turismo de Base Comunitária, que integra a Rede de Turismo de Base Comunitária da Rede Nhandereko. Este coletivo de TBC, desempenha um papel fundamental na estratégia de desenvolvimento local, especialmente no contexto do projeto de Vila Caiçara, que visa a retomada e gestão sustentável do território da praia.

São Gonçalo possui uma alta consolidação do trabalho de base, com grande número de pessoas mobilizadas em comissão de base, inscritos e cursistas da RFS, além de altíssimo e crescente envolvimento nas atividades, principalmente nos temas de turismo de base comunitária e unidade de conservação.

O Projeto Redes tem contribuído com diversas atividades, como nas reuniões da comissão de base, focadas na organização do coletivo de turismo e na precificação de roteiros turísticos já existentes da comunidade, têm sido cruciais para o fortalecimento e aprimoramento das iniciativas locais. Além disso, o projeto tem promovido a participação ativa dos membros da comunidade em cursos da Rede de Formação Socioambiental, ampliando assim o conhecimento e as capacidades dos moradores locais.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade de São Gonçalo. Uma prioridade pode ser o apoio contínuo ao desenvolvimento do projeto de Vila Caiçara, importante

para o fortalecimento da iniciativa de Turismo de Base Comunitária. Isso pode incluir a realização de ações formativas específicas sobre TBC e preservação cultural. Outra ação importante é o fortalecimento da capacidade de gestão da associação de moradores, com formações em elaboração de projetos e captação de recursos.

Tarituba

A comunidade de Tarituba se destaca por sua forte organização comunitária, centrada na preservação e valorização da cultura tradicional Caiçara. Um marco significativo em sua história de luta e organização foi a assinatura do primeiro termo de compromisso com a Estação Ecológica Tamoios – ICMBIO, que regulamentou a pesca artesanal em áreas sobrepostas pela unidade de conservação. Esta conquista demonstra a capacidade da comunidade em negociar e garantir seus direitos tradicionais, mesmo em face de desafios ambientais e legais.

Duas organizações comunitárias desempenham papel crucial em Tarituba: a Associação Ciranda de Tarituba e a Associação de Moradores de Tarituba. A Associação de Moradores, atualmente presidida por uma ex-cursista do Maré de Saberes e atual educadora mobilizadora do Projeto Redes, representa um exemplo concreto de como a formação e capacitação podem fortalecer a liderança local.

Tarituba possui uma alta consolidação do trabalho de base, com pessoas mobilizadas em comissão de base, inscritos e cursistas da RFS, além de alto e crescente envolvimento nas atividades, principalmente nos temas de educação e unidade de conservação. O projeto tem apoiado iniciativas locais focadas em temas prioritários para a comunidade, como educação, saúde e cuidado popular, saneamento e fortalecimento dos pescadores artesanais. Um exemplo notável de iniciativa local apoiada pelo Projeto Redes é o projeto comunitário de gestão de resíduos sólidos. Este projeto, que inclui compostagem e uma horta de plantas medicinais na escola, além de coleta de resíduos comunitários, demonstra o compromisso da comunidade com a sustentabilidade e a saúde ambiental.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar a expansão do projeto de gestão de resíduos sólidos, oferecendo apoio técnico para ampliar. Outra ação importante seria o fortalecimento da capacidade de gestão das associações locais, através de capacitação em administração, elaboração de projetos e captação de recursos. Isso poderia ajudar as organizações a se tornarem mais autônomas e eficientes na busca por soluções para os desafios da comunidade.

O Projeto Redes também pode desenvolver o tema da saúde comunitária, integrando o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais com práticas de cuidado popular. Isso pode incluir a criação de uma farmácia viva comunitária e a formação de agentes. Por fim, o Projeto Redes pode trabalhar na promoção da cultura Caiçara, apoiando a Associação Ciranda de Tarituba na organização de eventos culturais e na transmissão de conhecimentos tradicionais para as novas gerações.

3.2.4. Microterritório Norte de Ubatuba

Camburi/Quilombo do Camburi

Camburi/Quilombo do Camburi reúne uma comunidade que em parte se identifica como caiçara e em parte como quilombola, diferença que às vezes gera um certo tensionamento. Existem duas associações, a Associação de Amigos e Moradores de Camburi e a Associação dos Remanescentes do Quilombo do Camburi.

Os quilombolas tendem a participar mais ativamente das atividades comunitárias. No entanto, esforços têm sido feitos para ampliar a colaboração, como durante a pré-conferência da Conferência dos Povos, onde o automonitoramento e o diálogo com os pescadores ajudaram com uma maior aproximação entre os comunitários.

Camburi/Quilombo do Camburi possui um índice médio-alto consolidação do trabalho de base, com pessoas mobilizadas na comissão de base e nos cursos da RFS, e participação nas atividades do projeto, em especial no tema de organização comunitária.

Um dos eventos mais significativos é a corrida de canoas, que inicialmente era exclusiva para os locais, mas no ano passado atraiu participantes de Picinguaba, e está programada para ocorrer novamente este ano. Além disso, o Festival Cultural, é um marco importante que celebra a diversidade cultural e fortalece os laços comunitários.

A introdução de práticas como o automonitoramento e a discussão sobre maricultura, especialmente em face de interesses externos que buscam arrendar ou comprar terras, são exemplos de como o projeto tem ajudado a fortalecer a organização comunitária. A recente mudança na gestão do Parque Estadual da Serra do Mar trouxe um diálogo mais aberto, facilitando a resolução de questões territoriais e culturais.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar a implementação de um trabalho de identificação e documentação das dinâmicas sociais e culturais do Camburi, o que pode ajudar a mediar conflitos e promover uma compreensão mais profunda das necessidades e aspirações da comunidade. Além disso, a promoção de iniciativas que integrem caíças e quilombolas, pode ser fundamental para fortalecer a coesão comunitária. A continuidade do diálogo com as autoridades do Parque Estadual da Serra do Mar e a exploração de soluções sustentáveis para a maricultura podem também contribuir para um desenvolvimento mais harmonioso e sustentável da região.

Félix

Na comunidade do Félix, os processos de luta e organização estão centrados principalmente na reforma da capela local, um símbolo importante da identidade e história da comunidade. Este esforço de restauração tem unido os moradores, especialmente as famílias antigas que residem acima da BR-101, em contraste com os veranistas que ocupam a área mais próxima à praia. A divisão geográfica causada pela rodovia reflete também uma divisão social e econômica na comunidade.

Existem duas organizações comunitárias principais atuando no Félix: uma associação informal composta pelos moradores tradicionais e outra formada pelos veranistas. Esta última, embora se apresente como representante comunitária e

participe ativamente do Conselho do Meio Ambiente, é vista com certa desconfiança pelos moradores mais antigos, apesar de apoiar a reforma da capela. Existe ainda a Associação dos Barqueiros das Praias do Prumirim e Félix (ABPPF).

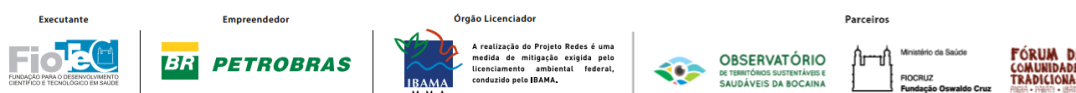
Félix possui um índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura pelos cursos da RFS. Tem uma baixa participação nas atividades do projeto.

O Projeto Redes tem contribuído para fortalecer as organizações comunitárias, uma ação que se destaca foi a articulação com um projeto de levantamento das capelas do norte de Ubatuba, que ajudou a contextualizar a importância histórica e cultural da capela do Félix. Além disso, o Redes ofereceu uma importante contribuição ao enfatizar a importância de reformar, em vez de reconstruir a capela, preservando assim sua autenticidade e valor histórico. A distribuição da publicação do Povos durante uma reunião comunitária também foi uma ação significativa, fornecendo informações valiosas e promovendo a conscientização sobre questões relevantes para a comunidade.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode facilitar um diálogo mais aberto entre os moradores tradicionais e os veranistas, buscando pontos de convergência e colaboração, especialmente em torno da reforma da capela. O projeto também pode oferecer apoio e orientação para a formalização da associação comunitária dos moradores tradicionais, fortalecendo assim sua representatividade e capacidade de ação. Além disso, o Redes pode desenvolver atividades focadas na preservação do patrimônio cultural e na gestão comunitária, aproveitando o interesse gerado pela reforma da capela. Outra ação potencial é a criação de um programa de documentação da história oral da comunidade, envolvendo tanto os moradores antigos quanto os mais jovens, para fortalecer os laços intergeracionais e preservar a memória local.

Picinguaba

Em Picinguaba, os processos de luta e organização comunitária giram em torno de questões cruciais como a gestão da Ilha das Couves e a preservação das tradições locais. A comunidade enfrentou desafios relacionados à gestão



comunitária da ilha, com conflitos que quase resultaram na perda desse importante recurso para interesses privados. No entanto, a resiliência da comunidade se manifesta na busca por soluções, como a possibilidade de contratar consultoria para melhorar a gestão antes de qualquer concessão privada.

Picinguaba possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base, um altíssimo número de participantes nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente nos temas de pesca e turismo de base comunitária.

A corrida de canoas emerge como um evento central na mobilização comunitária, envolvendo diversos aspectos da vida local. Este evento não apenas celebra a cultura tradicional, mas também serve como catalisador para a organização comunitária, englobando atividades como pesca, preparação de alimentos e arrecadação de fundos. A Associação Rancho Caiçara de Canoa de Ubatuba (ARCCA) desempenha um papel fundamental na organização deste evento, que já é reconhecido oficialmente pelo município.

Entre as organizações comunitárias atuantes, destacam-se a associação de barqueiros, que esteve envolvida nas questões da Ilha das Couves, a Picinguaba possui uma Associação de Moradores do Bairro de Picinguaba, que está retomando o diálogo com o Fórum de Comunidades Tradicionais, e a ARCCA, que tem status de utilidade pública desde 2017.

O Projeto Redes tem contribuído significativamente para fortalecer essas organizações comunitárias através de diversas ações. Uma das mais notáveis é o apoio ao levantamento detalhado sobre as canoas tradicionais, que inclui informações sobre origem, materiais, história e necessidades de conservação. Este trabalho não apenas preserva o conhecimento tradicional, mas também fornece base para um possível pedido de reconhecimento patrimonial. Além disso, o projeto tem auxiliado na articulação entre diferentes iniciativas comunitárias e na promoção do diálogo sobre questões ambientais e culturais.

Olhando para o futuro, uma prioridade pode ser o apoio à ARCCA na transformação de seu título de utilidade pública em uma política pública concreta, garantindo apoio municipal e estabelecendo um sistema transparente de prestação de contas. O projeto também pode auxiliar na elaboração do dossiê da

canoa, fundamental para o reconhecimento oficial desta tradição como patrimônio imaterial.

Além disso, o Redes pode facilitar formações e partilhas sobre gestão comunitária e turismo de base comunitária (TBC), especialmente focados na situação da Ilha das Couves. Isso ajudaria a comunidade a desenvolver habilidades necessárias para uma gestão mais eficaz e sustentável de seus recursos naturais e culturais. Por fim, o Redes pode trabalhar na mediação de conflitos internos da comunidade, promovendo diálogos construtivos entre diferentes grupos e interesses, e auxiliar na busca por financiamentos e parcerias que possam fortalecer as iniciativas locais de preservação cultural e ambiental.

Praia da Almada

Na Praia da Almada, os processos de luta e organização comunitária têm se concentrado em questões de regularização territorial e preservação das práticas tradicionais. Um marco significativo foi a obtenção do TAUS (Termo de Autorização de Uso Sustentável), que representa uma importante conquista para a comunidade em termos de segurança territorial. Além disso, a comunidade tem se empenhado na promoção do Turismo de Base Comunitária (TBC), realizando atividades educativas que envolvem escolas e demonstrações práticas das atividades tradicionais, como o funcionamento do cerco de pesca.

Praia da Almada possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de uma participação crescente nas atividades do projeto, principalmente nos temas de pesca e organização comunitária.

A comunidade conta com diversas organizações comunitárias atuantes. Entre elas, destacam-se a Associação de Moradores da Almada (AMA) e a Associação Rancho Caiçara de Canoa de Ubatuba (ARCCA). Estas organizações têm conseguido alinhar suas ações e atuar em conjunto, fortalecendo a representatividade e a capacidade de mobilização da comunidade. A ARCCA, em particular, tem desempenhado um papel crucial no registro e regularização das canoas tradicionais, uma atividade fundamental para a preservação da cultura e economia local.



O Projeto Redes tem contribuído para fortalecer essas organizações comunitárias através de diversas ações. Uma que se destaca é o apoio ao processo de regularização das canoas junto à Capitania dos Portos, especialmente para aquelas ainda utilizadas na atividade pesqueira. O projeto também tem auxiliado na criação de um banco de dados gerenciado pela ARCCA, que servirá como base para o automonitoramento da comunidade. Além disso, o Redes tem facilitado a articulação entre as diferentes associações, promovendo uma atuação mais coesa e efetiva.

Olhando para o futuro, o projeto pode intensificar o suporte ao programa de TBC, ajudando a expandir e diversificar as atividades oferecidas, potencialmente incluindo mais elementos da cultura local além da pesca.

Outra ação importante é trabalhar para fortalecer os laços com a AMA, buscando restabelecer uma relação mais próxima e colaborativa. Por fim, o Redes pode trabalhar na criação de um plano de desenvolvimento sustentável para a comunidade, integrando aspectos econômicos, culturais e ambientais, e buscando formas de valorizar e preservar as práticas tradicionais, como o uso das canoas, mesmo em um contexto de mudanças nas atividades econômicas locais.

Praia da Justa/Praia do Ubatumirim

Praia da Justa/Ubatumirim possui um índice alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alunos nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente no tema de organização comunitária. Há duas associações na comunidade: Associação de Moradores da Praia do Ubatumirim e a Associação dos Bananicultores do Ubatumirim.

A comunidade do Ubatumirim tem demonstrado uma organização comunitária sólida, principalmente através da atuação da Associação dos Bananicultores do Ubatumirim, localizada no sertão da região. Esta associação tem se destacado como a principal organização comunitária atuante. Os esforços da comunidade têm se concentrado em áreas cruciais para o desenvolvimento sustentável e a preservação da cultura local. A Associação dos Bananicultores tem sido particularmente ativa na promoção de práticas agrícolas sustentáveis,

com foco na produção de banana, um produto de grande importância econômica e cultural para a região.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento desta organização comunitária através de diversas ações. Uma das principais contribuições tem sido a realização de ações formativas abordando temas essenciais para a comunidade. Estas ações têm se concentrado em três áreas principais: ervas medicinais, quintais produtivos e turismo de base comunitária.

As ações formativas sobre ervas medicinais têm ajudado a preservar e valorizar o conhecimento tradicional da comunidade, além de promover práticas de saúde alternativas e sustentáveis. Já as formações sobre quintais produtivos têm incentivado a agricultura familiar e a segurança alimentar, contribuindo para a autonomia da comunidade. Por fim, as ações voltadas para o turismo de base comunitária têm aberto novas perspectivas econômicas para a região, permitindo que a comunidade explore seu potencial turístico de forma sustentável e respeitosa com a cultura local.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar uma série de ações até o próximo ano para fortalecer ainda mais a comunidade do Ubatumirim. Uma prioridade pode ser a expansão do programa de quintais produtivos, oferecendo apoio técnico e recursos para que mais famílias possam desenvolver suas próprias hortas e pomares. Isso não apenas melhoraria a segurança alimentar da comunidade, mas também poderia gerar renda extra através da venda do excedente de produção.

Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa mais estruturado de Turismo de Base Comunitária. Isso pode incluir a criação de roteiros turísticos que integrem a produção de banana, o uso de ervas medicinais e a cultura local.

Por fim, o Projeto Redes pode trabalhar na promoção e valorização dos produtos locais, especialmente a banana e as ervas medicinais. Isso pode incluir o desenvolvimento de uma marca local, a busca por certificações de origem e qualidade, e a criação de canais de comercialização direta com consumidores e empresas interessadas em produtos sustentáveis e de origem tradicional.

Praia do Estaleiro

A Praia do Estaleiro tem demonstrado uma capacidade de organização e luta comunitária, principalmente através da criação e atuação da Associação de Barqueiros e Pescadores do Estaleiro. Esta associação surgiu como uma resposta direta à necessidade de defender os direitos dos membros da comunidade em relação ao turismo náutico na Ilha das Couves, evidenciando a determinação da comunidade em proteger seus interesses econômicos e culturais.

Praia do Estaleiro possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alunos nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente no tema de pesca e defesa do território.

A Associação de Barqueiros e Pescadores do Estaleiro emerge como a principal organização comunitária atuante na região, desempenhando um papel crucial na representação e defesa dos interesses dos pescadores e barqueiros locais. Sua atuação vai além da mera representação, englobando também a participação ativa em iniciativas que visam o desenvolvimento sustentável e a preservação das tradições pesqueiras da comunidade. Há ainda uma Associação dos Moradores do Recanto Esquerdo da Praia do Estaleiro (AMOREPE), com menor nível de atuação.

O Projeto Redes tem contribuído para o fortalecimento da Associação de Barqueiros e Pescadores do Estaleiro através de diversas ações, como as ações formativas focadas na temática da pesca. Estas formações têm proporcionado aos membros da associação a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e habilidades, tanto em relação às técnicas de pesca quanto à gestão sustentável dos recursos marinhos.

Além disso, o projeto tem facilitado a participação da associação nas atividades da Frente de Luta da Pesca Artesanal. Esta iniciativa tem sido fundamental para conectar a comunidade do Estaleiro com outras comunidades pesqueiras, promovendo a troca de experiências e o fortalecimento da luta coletiva pelos direitos dos pescadores artesanais.

Um aspecto particularmente importante da colaboração entre o Projeto Redes e a associação é a parceria no processo de automonitoramento. Esta iniciativa demonstra o compromisso da comunidade com a sustentabilidade de

suas atividades e a preservação dos recursos marinhos, além de fortalecer a autonomia e a capacidade de gestão da associação.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode ampliar o fortalecimento da capacidade de gestão da Associação de Barqueiros e Pescadores do Estaleiro, com formações em elaboração de projetos e captação de recursos. Isso ajudaria a associação a se tornar mais autônoma e eficiente na busca por soluções para os desafios da comunidade. O Projeto Redes também pode trabalhar na ampliação do programa de automonitoramento, oferecendo apoio técnico para o desenvolvimento de um sistema mais robusto de coleta e análise de dados. Isso não apenas fortaleceria a gestão sustentável dos recursos marinhos, mas também poderia gerar informações valiosas para a defesa dos direitos da comunidade. Por fim, trabalhar na promoção do diálogo entre a comunidade do Estaleiro e os órgãos governamentais responsáveis pela gestão das áreas marinhas.

Prumirim

Em Prumirim, a comunidade tem se organizado em torno de eventos culturais e iniciativas de preservação das tradições locais. Uma comunitária tem desempenhado um papel fundamental na articulação política e cultural da comunidade. Dois grupos associativos desempenham papéis centrais na organização de atividades, a Associação dos Barqueiros das Praias do Prumirim e Félix (ABPPF) e a Associação de Moradores de Prumirim. A corrida de canoa na Praia do Leo se tornou um evento significativo, celebrando a cultura local com apresentações culturais e cirandas. Este ano, a corrida de canoa ocorrerá novamente, mas sem a festa que tradicionalmente a acompanha, refletindo um foco renovado em discussões sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC) e a sustentabilidade das práticas locais.

Prumirim possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alunos nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente no tema de pesca e organização comunitária.

As reuniões realizadas para divulgar os oito cursos planejados foram momentos importantes de organização comunitária, abordando temas como o automonitoramento da pesca em parceria com a Frente de Pesca. Essas reuniões,

que envolveram tanto a "turma de baixo" quanto a "turma de cima", destacaram a importância de práticas sustentáveis e a necessidade de um levantamento detalhado das canoas em Ubatuba. A ideia de partilhar experiências de TBC com a rede Nhandereko reflete o desejo da comunidade de manter o turismo mais autêntico e menos comercial.

Entre as organizações comunitárias atuantes, além das duas associações principais, destaca-se o grupo de fandango "Sementes do Prumirim", que, embora não diretamente ligado ao Projeto Redes, contribui para a preservação cultural. O Instituto Capiá oferece oficinas de artesanato, e o projeto "Bem Tocar as Crianças" promove a educação musical, fortalecendo o tecido cultural da comunidade.

O Projeto Redes tem apoiado a divulgação e implementação dos cursos e o envolvimento com o automonitoramento da pesca e a facilitação de rodas de conversa sobre TBC têm promovido uma maior conscientização e engajamento comunitário.

Para o próximo ano, o Projeto Redes pode ampliar iniciativas de TBC, garantindo que o turismo permaneça alinhado com os valores e tradições locais, e apoiar a documentação e promoção das práticas culturais, como o fandango, talvez através de publicações ou eventos que celebrem a história e a identidade local. Além disso, o Redes pode facilitar a criação de uma rede de colaboração entre as diferentes iniciativas culturais e educacionais, como o Instituto Capiá e o projeto "Bem Tocar as Crianças", promovendo sinergias que beneficiem toda a comunidade.

Puruba

A comunidade de Puruba enfrenta um desafio singular caracterizado por uma divisão interna entre duas áreas distintas: a "vila de baixo" e a "vila de cima". Esta divisão geográfica e social tem criado obstáculos para a unidade e a coesão comunitária, influenciando diretamente as dinâmicas de organização local.

Diante deste cenário complexo, o projeto tem realizado reuniões separadas com cada núcleo, buscando compreender as particularidades e necessidades específicas de cada grupo. Esta estratégia tem se mostrado eficaz como um

primeiro passo para estabelecer confiança e abrir canais de diálogo com ambas as partes da comunidade.

Na "vila de baixo", uma organização comunitária tem se destacado: o Coletivo de Mulheres de Puruba. Este grupo tem demonstrado uma notável capacidade de auto-organização e resistência, realizando reuniões mensais que se tornaram um espaço vital para o fortalecimento dos laços comunitários e o empoderamento feminino. Nestas reuniões, as mulheres compartilham conhecimentos sobre culinária, artesanato e corte e costura, além de discutirem questões relevantes para o bairro. Esta iniciativa não apenas preserva e valoriza os saberes tradicionais, mas também cria um fórum para o debate e a busca de soluções para os desafios locais.

Puruba tem um alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alunos nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente no tema de organização comunitária.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento desta organização comunitária. Ao apoiar as reuniões do Coletivo de Mulheres, o projeto tem contribuído para a consolidação deste espaço de troca e empoderamento. Além disso, a abordagem de realizar reuniões separadas com os dois núcleos da comunidade tem ajudado a criar um ambiente mais propício para a expressão das necessidades e aspirações de cada grupo, sem exacerbar as tensões existentes.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode estimular alguma mediação de conflitos, visando construir pontes entre a "vila de baixo" e a "vila de cima". Isso poderia incluir a realização de ações formativas com diálogos entre representantes dos dois núcleos. Outra ação importante é o fortalecimento e expansão das atividades do Coletivo de Mulheres. O projeto pode oferecer apoio para a formalização do coletivo, caso seja do interesse das participantes, além de proporcionar ações formativas sobre empreendedorismo popular, gestão de pequenos negócios e economia solidária.

Quilombo da Fazenda

No Quilombo da Fazenda, a comunidade tem se organizado em torno de processos de luta que visam a preservação de suas tradições e autonomia. A principal organização é a Associação da Comunidade dos Remanescentes de Quilombo da Fazenda. A obtenção do Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) representa uma conquista significativa, garantindo a segurança territorial e o direito de autogestão. Cristiano, educador de base e presidente da associação local, tem desempenhado um papel crucial na liderança dessas iniciativas, com o apoio do Projeto Redes. A documentação das práticas e histórias do Quilombo, especialmente no Quilombo da Fazenda assegura que as gerações futuras tenham acesso ao legado cultural da comunidade.

Quilombo da Fazenda possui uma alta consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, alunos nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto, principalmente no tema de turismo de base comunitária.

As visitas guiadas, que anteriormente exigiam a presença de guias do Parque Estadual da Serra do Mar (PESM), agora podem ser conduzidas por guias próprios do Quilombo, desde o lançamento do Turismo de Base Comunitária (TBC) em 2019. Essa mudança fortalece a autonomia da comunidade e permite uma experiência turística mais autêntica e alinhada com os valores locais.

A ARCCA (Associação Rancho Caiçara de Canoa de Ubatuba) também atua em colaboração com o Quilombo, estendendo suas atividades a outras comunidades, como Itamambuca, onde há uma vila tradicional. O levantamento de canoas, promovido pelo projeto Redes, abre oportunidades para identificar e integrar os tradicionais dessas áreas, fortalecendo a rede de comunidades tradicionais.

O Projeto Redes tem sido importante no fortalecimento das organizações comunitárias do Quilombo da Fazenda, apoiando a implementação do TAUS e facilitando a transição para guias locais no TBC. Além disso, o projeto tem promovido o levantamento de canoas, uma iniciativa que não apenas beneficia o Quilombo, mas também outras comunidades tradicionais na região.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar várias ações para continuar fortalecendo a comunidade do Quilombo da Fazenda. Uma prioridade é

a ampliação das iniciativas de TBC, garantindo que o turismo continue a ser uma fonte de renda sustentável e respeitosa com as tradições locais. O projeto também pode apoiar a documentação contínua das práticas culturais e históricas, talvez através de publicações ou eventos que celebrem a identidade do Quilombo.

3.2.5. Microterritório Sul de Ubatuba

Barra Seca

Na comunidade de Barra Seca e arredores, incluindo Enseada, Saco da Ribeira e Fortaleza, os processos de luta e organização estão centrados na preservação da atividade pesqueira tradicional. Um dos principais desafios enfrentados é a necessidade de registro das embarcações, com 19 canoas e 9 chatinhas identificadas na região. A comunidade busca obter laudos técnicos para regularizar suas embarcações, uma demanda que se tornou mais urgente devido às restrições impostas pela APA Marinha Litoral Norte.

As organizações comunitárias atuantes incluem a Colônia de Pesca local, que tem sido uma parceira importante na luta pelos direitos dos pescadores. Além disso, a Frente de Pesca emerge como um ator relevante na mediação entre a comunidade e as autoridades, como a Capitania dos Portos.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento dessas organizações comunitárias. Em 2022, o projeto realizou uma Ação Formativa Agrupada (AFA) focada na formalização da atividade pesqueira, tanto no Norte quanto no Sul da região. Essas análises, realizadas em parceria com a Colônia de Pesca, obtendo informações valiosas sobre a documentação necessária para a regularização. Como resultado direto dessas ações, o projeto conseguiu apoiar a comunidade com a obtenção de laudos de um engenheiro naval, essenciais para o registro das embarcações.

O projeto Redes também tem apoiado iniciativas de automonitoramento, fornecendo materiais didáticos e facilitando discussões sobre as práticas de pesca permitidas por lei. Essas ações têm beneficiado diversas comunidades, incluindo

Caçandoca, Estaleiro, Almada, Fortaleza, Enseada, Saco da Ribeira, Lázaro, Ubatumirim/Justa, Quilombo da Fazenda, Picinguaba e Camburi.

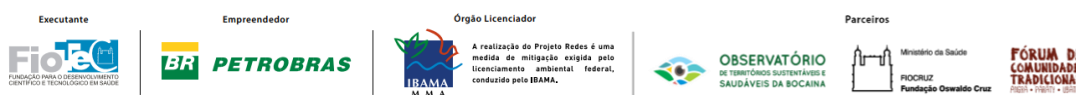
Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar algumas ações para continuar fortalecendo a comunidade. Uma prioridade é a intensificação do diálogo com a Capitania dos Portos para viabilizar a entrega coletiva dos laudos de registro das embarcações, simplificando o processo para os pescadores. O projeto também pode expandir suas iniciativas de automonitoramento, oferecendo mais treinamentos e recursos para que as comunidades possam gerenciar suas atividades pesqueiras de forma sustentável e em conformidade com as regulamentações.

Enseada

A comunidade da Enseada tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, principalmente através da atuação da Associação de Pescadores da Enseada. Esta associação tem se destacado como organização comunitária atuante na região, desempenhando um papel crucial na defesa dos interesses dos pescadores locais e na promoção de práticas pesqueiras sustentáveis.

Um dos processos de luta e organização mais significativos na comunidade é o projeto de automonitoramento da pesca artesanal. Esta iniciativa, realizada em parceria com a Associação de Pescadores da Enseada, representa um importante passo na direção da gestão sustentável dos recursos pesqueiros e do fortalecimento da autonomia da comunidade. Através deste projeto, os pescadores locais estão ativamente envolvidos na coleta e análise de dados sobre suas atividades pesqueiras, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos padrões de pesca e do estado dos recursos marinhos na região.

Uma das principais contribuições do projeto tem sido a realização de ações formativas focadas na temática da pesca e do automonitoramento. Estas formações têm proporcionado aos membros da associação a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos e habilidades, tanto em relação às técnicas de coleta e análise de dados quanto à compreensão da importância ecológica e econômica do monitoramento pesqueiro.



Além disso, o Projeto Redes tem facilitado a participação dos representantes da Associação de Pescadores da Enseada em encontros promovidos pela Frente de Luta pela Pesca Artesanal do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT). Esta conexão com um movimento mais amplo de defesa da pesca artesanal tem sido crucial para fortalecer a capacidade de articulação política da associação e para promover a troca de experiências com outras comunidades pesqueiras.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer ainda mais a comunidade da Enseada. Uma prioridade é a expansão e aprimoramento do projeto de automonitoramento da pesca artesanal. Isso poderia incluir o desenvolvimento de um sistema digital de coleta e análise de dados, tornando o processo mais eficiente e permitindo uma análise mais rápida e precisa das informações coletadas.

Outra ação importante é o fortalecimento da capacidade de gestão da Associação de Pescadores da Enseada. O projeto pode oferecer ações formativas em administração, elaboração de projetos e captação de recursos. Isso ajudaria a associação a se tornar mais autônoma e eficiente na busca por soluções para os desafios da comunidade pesqueira.

O Projeto Redes também pode trabalhar no desenvolvimento de um programa de diversificação econômica para a comunidade. Isso pode incluir a exploração de oportunidades no turismo de base comunitária, na aquicultura sustentável ou na agregação de valor aos produtos pesqueiros através de técnicas de beneficiamento. Tais iniciativas com potencial para complementar a renda dos pescadores e reduzir a pressão sobre os recursos pesqueiros.

Ilha dos Pescadores/Barra dos Pescadores

A comunidade da Ilha dos Pescadores, também conhecida como Barra dos Pescadores, tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, evidenciada pela recente criação da Associação de Moradores, Pescadores e Proprietários da Comunidade Tradicional da Ilha dos Pescadores. Esta nova organização comunitária surgiu como uma resposta direta à necessidade urgente

de enfrentar questões cruciais para a comunidade, principalmente a regularização fundiária do espaço, uma disputa que se arrasta há anos.

A formação desta associação representa um marco significativo nos processos de luta e organização da comunidade. Além de abordar a questão fundiária, a associação tem se engajado em outros temas vitais para o bem-estar da comunidade. Entre estes, destacam-se os diálogos sobre o tratamento do esgoto, uma questão fundamental para a saúde pública e a preservação ambiental, e a organização e uso do espaço do mercado do peixe, um ponto crucial para a economia local baseada na pesca.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento desta organização comunitária através de diversas ações. Uma das principais contribuições tem sido o apoio ao projeto de automonitoramento da pesca artesanal, no qual a comunidade tem sido uma parceira ativa.

Além disso, o Projeto Redes tem proporcionado um suporte valioso à recém-criada associação. Isso tem sido crucial para capacitar a associação a lidar com as complexas questões que enfrenta, desde a regularização fundiária até a gestão do mercado do peixe.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode prover ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade da Ilha dos Pescadores. Uma ação importante é o desenvolvimento de um programa de capacitação em gestão associativa. O projeto pode oferecer ações formativas em administração, elaboração de projetos e captação de recursos. Isso auxiliaria a recém-criada associação a se tornar mais eficiente e autônoma na busca por soluções para os desafios da comunidade.

O Projeto Redes também pode trabalhar no desenvolvimento de um plano de saneamento básico comunitário, com foco especial no tratamento de esgoto. Isso poderia incluir a realização de estudos técnicos, a busca por parcerias com instituições especializadas e a capacitação de membros da comunidade em técnicas de saneamento ecológico.

Por fim, o Projeto Redes pode trabalhar na ampliação e aprimoramento do projeto de automonitoramento da pesca artesanal. Isso significa, incluir o desenvolvimento de um sistema digital de coleta e análise de dados, a realização de ações formativas avançadas sobre técnicas de monitoramento e a promoção

de intercâmbios com outras comunidades pesqueiras envolvidas em iniciativas semelhantes.

Lázaro

Na comunidade de Lázaro e Ribeira, os processos de luta e organização têm se concentrado em fortalecer a infraestrutura comunitária e preservar as tradições locais. A Ribeira, sendo um importante ponto de ancoragem com seu píer, tem sido um local estratégico para diálogos sobre o projeto Redes. Esses esforços visam fortalecer a questão do rancho de pesca, com a comunidade buscando a obtenção de um Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) e a construção de um centro comunitário.

A maricultura é uma atividade significativa em Lázaro, e a comunidade tem recebido grupos interessados em Turismo de Base Comunitária (TBC), uma iniciativa que visa promover o turismo sustentável e culturalmente enriquecedor. Eventos como a corrida de canoas e o festival do mexilhão são exemplos de como a comunidade celebra e preserva suas tradições. Uma liderança central na comunidade, atua como vice-presidente da Associação local, diretor da Colônia de Pescadores e membro da ARCCA, demonstrando a forte organização comunitária presente.

A articulação com o Conselho dos Povos de Ubatuba é outra dimensão importante da organização comunitária. Outros comunitários estão como representantes dos caiçaras no conselho, e desempenham papéis cruciais na defesa dos interesses da região Sul, incluindo Fortaleza e Enseada.

O Projeto Redes tem fortalecido as organizações comunitárias em Lázaro e Ribeira. A introdução de cursos e o apoio ao automonitoramento têm capacitado a comunidade a gerenciar suas atividades de forma mais eficaz e sustentável. Além disso, o projeto tem facilitado diálogos importantes sobre a obtenção do TAUS e a construção de um centro comunitário, iniciativas que são essenciais para o desenvolvimento local.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar várias ações para continuar fortalecendo a comunidade. Uma prioridade pode ser o apoio contínuo à maricultura e ao TBC, garantindo que essas atividades sejam sustentáveis e

beneficiem a comunidade local. Além disso, o Redes pode intensificar a colaboração com o Conselho dos Povos de Ubatuba, promovendo uma representação ainda mais forte dos interesses caiçaras. A promoção de eventos culturais e esportivos, como a corrida de canoas e o festival do mexilhão, pode ser ampliada, atraindo mais visitantes e fortalecendo a identidade cultural da comunidade.

Maranduba

Na comunidade de Maranduba, os processos de luta e organização enfrentam desafios significativos devido à urbanização intensa e à predominância do turismo de massa, que caracteriza a região como um centro comercial. A comunidade de Maranduba, juntamente com Peres/Oeste e Praia Grande do Bonete, busca preservar suas tradições em meio a um ambiente cada vez mais urbanizado e dominado por casas de veranistas.

Apesar das dificuldades, há esforços para manter a identidade cultural e as práticas tradicionais, especialmente na Barra da Maranduba, que atrai pessoas da vizinha Caçandoca. No entanto, a urbanização e o turismo de massa apresentam desafios contínuos para a organização comunitária e a preservação das tradições locais.

O Projeto Redes, embora com atuação limitada na região, pode desempenhar um papel importante no fortalecimento das organizações comunitárias. Até agora, as ações do projeto não foram amplamente implementadas em Maranduba, mas há potencial para iniciativas futuras que possam apoiar a comunidade.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar algumas ações para fortalecer a comunidade de Maranduba. Uma abordagem é promover o desenvolvimento de um turismo mais sustentável e culturalmente sensível, que respeite e valorize as tradições locais. Além disso, o Redes pode apoiar a formação de associações comunitárias que representem os interesses dos moradores locais, ajudando a articular suas demandas junto às autoridades municipais. A promoção de eventos culturais e educativos que celebrem a história

e as tradições de Maranduba pode ajudar a fortalecer a identidade comunitária e a atrair um público que valorize essas características únicas.

Peres/Oeste

Na comunidade de Peres/Oeste, os processos de luta e organização enfrentam desafios únicos devido à sua localização remota e à falta de infraestrutura básica, como acesso à eletricidade. A região é acessível apenas por trilha ou barco, o que limita a interação com outras áreas e dificulta a implementação de atividades regulares. Apesar dessas dificuldades, algumas iniciativas foram realizadas, embora o progresso tenha sido lento.

Peres/Oeste apresenta um alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e cursistas. O principal tema trabalhado na comunidade foi a pesca artesanal. Uma caiçara local, desempenha um papel fundamental na organização comunitária. Ela participou do programa Maré de Saberes, que visa capacitar líderes comunitários, e anteriormente atuou como tesoureira da Associação de Maricultores do Estado de São Paulo (AMESP). Sua experiência e liderança são recursos valiosos para a comunidade de Peres/Oeste.

Há potencial para o projeto contribuir de maneira mais eficaz, apoiando a melhoria da infraestrutura local, facilitando o acesso a serviços básicos como eletricidade, o que poderia transformar a dinâmica comunitária e permitir um maior engajamento em atividades organizacionais.

Para o próximo ano, o Projeto Redes pode considerar a implementação de ações que promovam a conectividade e a comunicação dentro da comunidade de Peres/Oeste. Isso pode incluir o desenvolvimento de soluções sustentáveis para o fornecimento de energia, como a instalação de painéis solares, e a melhoria das rotas de acesso, tornando-as mais seguras e acessíveis.

O projeto também pode facilitar a criação de novas associações, para que possam representar melhor os interesses dos moradores locais. A promoção de eventos comunitários que celebrem a cultura caiçara e incentivem a participação dos moradores pode ajudar a fortalecer os laços comunitários e a identidade local.

Praia da Fortaleza

Na Praia da Fortaleza, a comunidade está engajada em diversos processos de luta e organização, buscando equilibrar os interesses de moradores tradicionais e veranistas. A Associação de Moradores da Fortaleza (AMFort) atua como uma entidade que tenta unir esses grupos, embora não represente completamente os caiçaras. Um dos principais temas de discussão é a documentação para pesca, que levou à participação de uma comunitária no encontro do Núcleo Jovem, onde surgiu a ideia de criar uma Associação de Pescadores de Fortaleza ou uma Associação dos Caiçaras. O projeto Redes tem desempenhado um papel importante nesse processo, apoiando a criação de estatutos e a formalização dessas associações. Além disso, essa comunitária foi contratada para atuar como educadora de base, fortalecendo ainda mais a organização comunitária.

Na escola local, os pais e mães estão envolvidos em atividades de apoio, e há um esforço contínuo para restabelecer o posto de saúde, que foi perdido devido à sua localização em uma casa particular. A comunidade está em diálogo com a prefeitura para resolver essa questão. O deslizamento ocorrido no ano passado e a perda de parte da estrada, que resultou na suspensão do serviço de ônibus, são desafios adicionais que a comunidade enfrenta. Em resposta, foi realizada uma reunião com o Coletivo de Educação Diferenciada, que mobilizou a participação de uma comunitária.

A comunidade também está envolvida em discussões com a Frente de Pesca para o automonitoramento da pesca boieira e artesanal, buscando apoio do TBC para proteger o recife local, que é um ponto turístico significativo. A parceria com a Fundação Florestal visa cuidar do recife, especialmente onde termina a trilha das 7 praias, que sofre com o impacto do turismo. Além disso, há um esforço para registrar as embarcações locais, com o apoio de um engenheiro naval de Paraty, que oferece serviços a preços acessíveis para atender às exigências da Capitania dos Portos.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode continuar a fortalecer a comunidade da Praia da Fortaleza ao apoiar a formalização das associações de pescadores e caiçaras, facilitando o diálogo com as autoridades para resolver

questões de infraestrutura e serviços públicos. A promoção de eventos culturais, como a corrida de canoa e rodas de conversa, pode ajudar a fortalecer a identidade comunitária e a participação local.

Praia Grande do Bonete

Na Praia Grande do Bonete, a comunidade enfrenta desafios significativos em termos de organização e infraestrutura, com acesso limitado apenas por trilha ou barco e sem fornecimento de eletricidade. Apesar dessas dificuldades, a comunidade demonstra uma capacidade de mobilização através de eventos culturais, como a corrida de canoa no dia de São Sebastião e o fandango, que são momentos importantes de união e celebração local.

O interesse no Projeto Redes tem sido limitado, com tentativas de diálogo que não resultaram em um envolvimento mais amplo. A equipe frequenta a comunidade, participa de festividades, realiza visitas de convivência, porém os comunitários seguem afirmando que não tem interesse em participar das ações da Rede de Formação Socioambiental. O contato principal do projeto na comunidade é com uma moradora não-caiçara, que tem sido a ponte para essas interações. Neste ano, houve uma tentativa de engajamento com a frente de agroecologia do FCT, mas apenas essa moradora participou, indicando um desafio em ampliar a participação comunitária.

Para fortalecer as organizações comunitárias, o Projeto Redes pode focar em estratégias que incentivem a participação mais ampla dos moradores, talvez através de iniciativas que integrem as tradições culturais locais, como o fandango e a corrida de canoa, com objetivos de desenvolvimento comunitário. A criação de espaços de diálogo que respeitem e valorizem as tradições locais pode ajudar a construir confiança e interesse no projeto.

Até o próximo ano, o Projeto Redes pode considerar ações que melhorem a infraestrutura local, como explorar soluções sustentáveis para o fornecimento de energia, com potencial de transformar a dinâmica da comunidade e facilitar maior engajamento. Além disso, o projeto pode trabalhar em parceria com líderes locais, para identificar e apoiar iniciativas que reflitam as prioridades e

necessidades da comunidade, promovendo assim um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável.

Quilombo da Caçandoca

No Quilombo da Caçandoca, a comunidade demonstra uma forte capacidade de organização através de sua associação, que é bem estruturada e gerencia um estacionamento para turistas que visitam a praia. Os recursos gerados por essa atividade são revertidos para a associação e a comunidade, fortalecendo a economia local. Embora o grupo Mulheres de Fibra tenha enfrentado desafios internos que podem ter levado ao seu término, a comunidade continua a se engajar em atividades culturais e tradicionais, como as festas da padroeira em outubro, que incluem a corrida de canoa.

Um dos processos de luta e organização em destaque é a retomada do cerco flutuante, um método tradicional de pesca. Em junho, a comunidade realizou um mutirão para reconstruir o cerco, em parceria com a Frente de Pesca, e o Projeto Redes. Além disso, a comunidade participa ativamente do Coletivo de Educação Diferenciada do FCT e conquistou a Licenciatura do Campo, que iniciou em setembro de 2024, com parte do curso ocorrendo na própria comunidade.

A comunidade enfrenta conflitos com um condomínio, que ocupa uma área que deveria ser território quilombola e caiçara. No curso de educação diferenciada de São Paulo, um dos módulos foi realizado no Quilombo da Caçandoca. A Rede Nhandereko e o Projeto Redes estão colaborando em parilhas de Turismo de Base Comunitária (TBC), com planos de realizar atividades no quilombo, embora tenham sido adiadas devido a questões de data e recursos.

O Projeto Redes pode focar em apoiar a implementação do curso de Licenciatura do Campo e do módulo de educação diferenciada, além de continuar a promover o TBC como uma fonte de renda sustentável. Monitorar e apoiar a manutenção do cerco flutuante também é crucial para preservar as práticas tradicionais de pesca.

Saco da Ribeira

A comunidade do Saco da Ribeira tem demonstrado uma notável capacidade de organização e luta, evidenciada principalmente pela atuação da Associação dos Pescadores do Saco da Ribeira. Com uma nova gestão à frente, esta associação tem se empenhado em um processo crucial de reivindicação por um espaço dedicado aos pescadores na praia. Este esforço representa um dos principais processos de luta e organização na comunidade, destacando a determinação dos pescadores em assegurar condições adequadas para o exercício de sua atividade tradicional.

Atualmente, os pescadores trabalham em um rancho construído por eles mesmos, sem autorização oficial. Esta situação ilustra tanto a necessidade premente de um espaço próprio quanto a iniciativa e a capacidade de auto-organização da comunidade pesqueira. A associação tem buscado uma solução mais permanente e legalmente reconhecida, engajando-se em diálogos com a Fundação Florestal para a possível doação do espaço para a associação. Este processo de negociação demonstra a habilidade da nova gestão em buscar vias institucionais para atender às necessidades da comunidade.

A Associação dos Pescadores do Saco da Ribeira emerge como a principal organização comunitária atuante na região. Além de liderar a luta por um espaço próprio, a associação tem se engajado em outras iniciativas importantes. Uma delas é a participação ativa no projeto de automonitoramento da pesca artesanal, demonstrando o compromisso da comunidade com práticas pesqueiras sustentáveis e com a gestão responsável dos recursos marinhos.

Outro aspecto notável da atuação da associação é sua participação ativa nas reuniões com a Associação Maricultores de São Paulo (AMESP). Este envolvimento nas discussões sobre a regulamentação de espaços de maricultura no estado demonstra a visão estratégica da associação em buscar diversificar as atividades econômicas da comunidade e garantir seus direitos em um cenário de mudanças no uso dos espaços marinhos.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento desta organização comunitária através de diversas ações. Uma das

principais contribuições tem sido o apoio ao projeto de automonitoramento da pesca artesanal.

Além disso, o Projeto Redes tem proporcionado suporte à associação em seus processos de diálogo e negociação, seja com a Fundação Florestal ou com outras entidades como a AMESP. Este apoio pode incluir desde orientações estratégicas até a facilitação de encontros e reuniões.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade do Saco da Ribeira. Uma prioridade pode ser o fornecimento de apoio jurídico especializado para auxiliar na questão da regularização do espaço dos pescadores. Isso pode incluir a realização de ações formativas sobre direitos territoriais e a elaboração de documentos técnicos que sirvam como base para a reivindicação da comunidade.

Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa de capacitação em gestão associativa. O projeto pode oferecer ações formativas em administração, elaboração de projetos e captação de recursos. Isso auxiliaria a nova gestão da associação a se tornar mais eficiente e autônoma na busca por soluções para os desafios da comunidade.

Por fim, o Projeto Redes pode facilitar a criação de uma rede de apoio entre comunidades pesqueiras da região, promovendo o compartilhamento de experiências e fortalecendo a capacidade de articulação política das associações de pescadores.

3.3. Meso SP

3.3.1. Microterritório Armação-Itapeirica

Praia da Armação - Praia do Pinto

As comunidades da Armação e Praia do Pinto, localizadas ao norte da Ilha, enfrentam uma situação crítica em termos de processos de luta e organização comunitária. O cenário atual é resultado de um longo histórico de deslocamento e expropriação, onde a população caiçara original tem sido gradualmente expulsa de suas terras devido à pressão da especulação imobiliária e do desenvolvimento do turismo de massa e de luxo.



Como resultado, atualmente há poucos moradores caiçaras nestas praias, e não existem organizações comunitárias formais atuantes. No entanto, o contato estabelecido com dois caiçaras durante a visita realizada no final de 2023 - um pescador e um trabalhador da área de turismo - sugere que ainda existem indivíduos com laços culturais e históricos com a região, mesmo que não residam mais ali.

Armação - Praia do Pinto tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base nem procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. O Projeto Redes, ao realizar uma visita exploratória a estas praias no final de 2023, deu um primeiro passo no processo de reconexão com a história e a cultura caiçara da região. Esta visita, durante a qual o projeto foi brevemente apresentado a dois caiçaras encontrados, representa uma ação inicial de mapeamento e estabelecimento de contatos que pode ser crucial para futuras intervenções.

Olhando para o futuro, algumas ações podem ser realizadas pelo Projeto Redes até o próximo ano para fortalecer a comunidade caiçara associada a estas praias. Como prioridades, serão intensificadas as visitas de convivência, e deve ser realizar um mapeamento mais abrangente dos caiçaras originários destas praias que ainda vivem na região, mesmo que em outras localidades. Isso pode incluir a coleta de histórias orais e a documentação das tradições culturais associadas a estas praias. O projeto pode também trabalhar na criação de um programa de memória cultural, para preservar e promover a história e as tradições caiçaras destas praias, com a produção de material educativo, a organização de exposições itinerantes e a criação de um arquivo digital acessível.

Curral

A comunidade do Curral tem demonstrado um processo de luta e organização centrado principalmente na preservação de suas práticas tradicionais de pesca e na resistência contra pressões externas. Um marco significativo nessa luta foi a conquista de um rancho de pesca, batizado em homenagem a "Senhor Pedro Leite do Vale", um caiçara nascido no próprio Bairro do Curral. Esta

conquista representa não apenas um espaço físico para as atividades pesqueiras, mas também um símbolo da resistência e da identidade cultural da comunidade.

O grupo de pescadores artesanais do Curral opera o único cerco de pesca existente no Canal da Ilhabela, uma prática que é simultaneamente uma fonte de subsistência e um elemento crucial da cultura caiçara local. No entanto, estes pescadores enfrentam desafios significativos, incluindo perseguições diretas por parte de um resort local. Esta situação ilustra o conflito entre as práticas tradicionais e os interesses do turismo de grande escala, um problema comum em muitas comunidades costeiras.

Embora não exista uma associação formal, a organização comunitária no Curral é liderada pelo grupo de pescadores artesanais. Duas lideranças de referência são mencionadas como figuras-chave neste processo de organização e resistência. Estas lideranças desempenham um papel crucial na articulação das demandas da comunidade e na coordenação de ações coletivas.

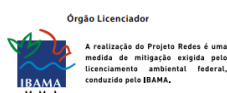
Curral apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura por cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto.

Olhando para o futuro, uma prioridade pode ser o apoio aos pescadores para enfrentarem as perseguições que sofrem do resort local. Isso pode incluir a orientação sobre seus direitos, assistência na documentação de incidentes de assédio e, possivelmente, a mediação de conflitos com o resort.

Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa de turismo de base comunitária centrado na pesca artesanal. Isso pode incluir a criação de roteiros turísticos que permitam aos visitantes conhecer o cerco de pesca, aprender sobre as técnicas tradicionais e a cultura caiçara. Tal iniciativa não apenas geraria renda adicional para a comunidade, mas também aumentaria a visibilidade e o apoio público para suas práticas tradicionais.

Itapeirica - Simão

Itapeirica – Simão tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base nem procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. Tal como as praias Armação/Praia do Pinto, em



Itapecirica – Simão a população caiçara foi historicamente vendendo suas terras por causa da pressão do mercado imobiliário e do crescimento do turismo, tanto de massa quanto de luxo.

Por isso, atualmente quase não se encontram caiçaras, pescadores ou moradores locais nessas praias. Atua nestes bairros a Associação de Moradores e Amigos de Bairros do Sul de Ilhabela, que é essencialmente composta por pessoas que não tem origem de comunidades tradicionais. Por outro lado, na Comunidade do Araçá, foi encontrado um comunitário que mencionou ter familiares em Itapecirica e a equipe buscará por esses contatos através dele.

Portinho

No Portinho, existem desafios de desarticulação e desconfiança dentro da comunidade, além da preocupação com a perda de território e direitos de pesca. Embora alguns comunitários demonstrem respeito pelas educadoras do projeto, a maioria prefere que a Petrobras e Projeto Redes não participem de suas iniciativas. Há um pescador e artesão receptivo que possui habilidades no trabalho artesanal com madeira e vidro, mas seu envolvimento com o Projeto Redes é limitado devido ao trabalho no parque, que o ocupa bastante. Tal como uma professora, envolvida em atividades educativas, sempre aberta ao diálogo, mas que ainda não se envolveu em ações específicas do Projeto.

Portinho apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída e procura pelos cursos da RFS, mas com decrescente participação em atividades do projeto. Lá atua a Associação de Monitores Ambientais e Ecoturismo de Ilhabela.

Em 2022, foram realizados dois encontros presenciais com a comunidade do Portinho, dando continuidade ao processo de construção da participação da comunidade nas ações do Projeto Redes, tendo como pautas a apresentação do Projeto Redes e as necessidades e demandas da comunidade. Nesse contexto foi levantada a possibilidade de apoiar a criação de uma associação. Em 2023 foram registradas participações em diversas atividades do Redes, mas houve um afastamento em 2024, o que demanda uma maior reflexão sobre as estratégias de retomada das atividades nesta comunidade.

Saco do Indaiá/Santa Teresa

A entrada das Redes na comunidade ocorreu principalmente por meio do preenchimento de formulários do Fórum dos Pescadores do Litoral de São Paulo sobre a pesca com rede boieira. No entanto, a comunidade local não se envolveu significativamente com essa iniciativa, e a relação entre o Projeto Redes e a comunidade ainda não está consolidada.

Saco do Indaiá/Santa Teresa tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. As estratégias para a mobilização desta comunidade são a intensificação dos esforços em visitas de convivência e convites para Ações Formativas para aproximação das educadoras com comunitários/as. Em Santa Teresa, atualmente residem algumas famílias caiçaras oriundas da Ilha Vitória que saíram de sua comunidade original por causa da escassez de água.

São Pedro

São Pedro tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa, com alguma atuação ainda no início da Fase 2, que não teve desdobramentos. Em São Pedro, as tentativas de contato com pessoas da comunidade não tiveram sucesso, com demonstrações de certa resistência a projetos externos, especialmente aqueles vinculados a entidades como a prefeitura e a Petrobras. Como estratégia de retomada de mobilização, tal como nas demais comunidades acima, a equipe deste microterritório tem investido nas visitas de convivência, através das quais paulatinamente vem se encontrando outros/as comunitários/as que ainda não tinham contato com o Projeto e que podem então significar uma nova possibilidade de mobilização.

Taubaté

Em Taubaté, o contato foi realizado com um comunitário caiçara que apresentou a comunidade à equipe, mostrou-se aberto em um primeiro momento, mas depois se fechou, alegando desconfiança a projetos.

Taubaté tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. Em 2023, foram realizadas visitas de Convivência com o objetivo principal de fazer contato com as comunidades do canal da Ilhabela, onde o projeto ainda não tinha entrado. A especulação imobiliária é uma das principais ameaças para esses moradores. Como próximos passos de aproximação das comunidades, a equipe deve manter contato com os comunitários, especialmente através de visitas de convivência e realização de reuniões na comunidade, dado que ela tem demonstrado interesse pelo tema do associativismo.

Bonete

A comunidade do Bonete está passando por um processo de reorganização e luta, centrado principalmente na formação de uma nova associação comunitária. Este processo reflete a busca contínua da comunidade por uma representação efetiva e alinhada com seus interesses. A história recente mostra uma série de tentativas de organização, com a criação e subsequente inativação de associações como a Bonete Sempre e a Resistência Caiçara, indicando os desafios enfrentados na manutenção de uma estrutura organizativa estável.

Bonete apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, participação nos cursos da RFS e alta e crescente participação em atividades do projeto.

Os principais processos de luta na comunidade estão focados na defesa do território e na preservação da cultura caiçara. Estes temas são particularmente relevantes devido à presença de veranistas na região, o que tem gerado conflitos e pressões sobre o modo de vida tradicional. A questão da venda de terrenos emerge como um ponto de tensão, com divergências entre aqueles que veem a

venda como um direito individual e outros que a percebem como uma ameaça à integridade do território e da cultura caiçara.

Atualmente, não há uma organização comunitária formalmente ativa no Bonete. No entanto, uma família tradicional está liderando os esforços para retomar a associação, demonstrando a persistência do espírito de organização comunitária. A formação desta nova associação representa uma oportunidade para a comunidade reafirmar sua identidade e defender seus interesses coletivos.

Por conta do posicionamento de algumas lideranças comunitárias, desvincularam-se do apoio do Projeto Redes por divergências políticas manifestas, o que interrompeu o processo de colaboração para a nova associação de moradores.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade do Bonete, caso consiga tratar as divergências entre algumas lideranças da comunidade e o projeto. Tais divergências têm sido mantidas por algumas pessoas na comunidade do Bonete que são integrantes do Coletivo de Educação Diferenciada de Ilhabela, uma das entidades autoras da carta manifesto de outubro de 2023, a qual pedia paralisação do Projeto Redes. Uma prioridade deve ser o apoio à formação e consolidação da nova associação comunitária. Isso pode incluir a oferta de ações formativas sobre gestão associativa, elaboração de estatutos, e processos democráticos de tomada de decisão. Outra ação importante é a realização de um diagnóstico participativo da comunidade, focando nas questões de território e cultura caiçara. Isso auxiliaria a mapear os desafios específicos enfrentados pelo Bonete e a identificar estratégias de ação que reflitam as necessidades e aspirações da comunidade. Por fim, o projeto pode promover intercâmbios entre o Bonete e outras comunidades que enfrentam desafios semelhantes, para inspirar novas estratégias de organização e resistência, além de fortalecer as redes de solidariedade entre comunidades tradicionais.

3.3.2. Microterritório Baía dos Castelhanos

Canto da Lagoa

A comunidade do Canto da Lagoa está envolvida em processos de luta e organização, principalmente centrados na questão territorial, na preservação ambiental e no desenvolvimento de um turismo sustentável. Um dos principais processos de luta foi a remoção do estacionamento da praia, uma conquista alcançada após anos de mobilização comunitária. Esta vitória demonstra a capacidade da comunidade de influenciar políticas locais em favor da preservação ambiental e da qualidade de vida dos moradores.

Outro processo importante é o enfrentamento ao turismo de massa, que tem sido uma preocupação crescente para a comunidade. Este desafio tem motivado a busca por alternativas mais sustentáveis, como o Turismo de Base Comunitária (TBC).

As principais organizações comunitárias atuantes no Canto da Lagoa são a Castelhanos Vive (CV) e a Associação de Moradores (AMOR) Castelhanos. A Castelhanos Vive tem se destacado por sua atuação abrangente, focando não apenas na questão territorial, mas também na organização comunitária, preservação ambiental e desenvolvimento do TBC. Por outro lado, a AMOR Castelhanos parece ter uma abordagem diferente, não priorizando tanto as questões relacionadas ao turismo de massa.

Canto da Lagoa apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base, mas com participação nos cursos da RFS e uma razoável participação em atividades do projeto. O Projeto Redes tem contribuído para fortalecer estas organizações comunitárias, o projeto tem apoiado as iniciativas de TBC desenvolvidas pela Castelhanos Vive, através de ações formativas e facilitação de parcerias.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer ainda mais a comunidade do Canto da Lagoa. Uma prioridade deve ser o fortalecimento contínuo do TBC. O projeto pode facilitar intercâmbios com outras comunidades que têm experiências bem-sucedidas em TBC, promovendo a troca de conhecimentos e boas práticas. O projeto também pode oferecer apoio à Castelhanos Vive em suas iniciativas de proteção territorial

e ambiental, com ações formativas sobre legislação ambiental, direitos territoriais de comunidades tradicionais e estratégias de monitoramento ambiental comunitário.

Canto do Ribeirão

A comunidade do Canto do Ribeirão tem demonstrado um processo de luta e organização focado principalmente na gestão do turismo e na preservação do território. Um marco significativo nessa luta foi a conquista do estacionamento comunitário, que resultou na remoção dos carros da praia, representando uma importante vitória para a preservação ambiental e a qualidade de vida local. Além disso, a comunidade obteve um decreto que permite a cobrança pelo uso do estacionamento, visando gerar renda e melhorar a gestão do território.

O Turismo de Base Comunitária (TBC) emerge como uma questão central, embora enfrente desafios em sua implementação, especialmente em relação à Associação de Moradores Castelhanos (AMOR). A comunidade também lida com as implicações da estrada parque, buscando equilibrar o desenvolvimento turístico com a preservação ambiental.

As principais organizações comunitárias atuantes no Canto do Ribeirão são a AMOR e a Castelhanos Vive (CV). A CV, embora mais recente, tem ganhado espaço e atua em uma escala diferente, focando em questões específicas da comunidade sem a pretensão de representar toda a Baía. A AMOR, por outro lado, parece ter uma abordagem diferente em relação ao TBC, indicando possíveis divergências nas estratégias de desenvolvimento local.

Canto do Ribeirão tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades foi em número razoável, principalmente no tema da pesca.

O Projeto Redes pode implementar ações para fortalecer as organizações comunitárias, como, por exemplo, a elaboração de um protocolo de consulta para a comunidade da Baía de Castelhanos, fortalecendo a autonomia e o direito à participação nas decisões que afetam o território. O projeto também pode realizar ações formativas com a frente de luta da pesca do Fórum de Comunidades

Tradicionais, ampliando a capacidade de articulação e defesa dos direitos dos pescadores locais. Além disso, o Projeto Redes pode organizar ações formativas sobre o funcionamento de uma associação de moradores, contribuindo para fortalecer a governança local e a participação comunitária. Outra ação formativa importante pode focar a gestão de unidades de conservação, considerando a relação da comunidade com as diversas UCs - em especial a Resex Castelhanos e as do entorno, o Parque Estadual da Ilhabela e a APA Marinha Litoral Norte.

Figueira

A comunidade da Figueira enfrenta processos de luta e organização centrados principalmente em questões de acesso e território. Um dos principais desafios é o conflito silencioso com o late Clube no Sombrio, onde o acesso à praia é frequentemente restrito, violando o direito constitucional de livre acesso às praias brasileiras. Este conflito reflete uma luta mais ampla pela preservação dos direitos das comunidades tradicionais frente aos interesses privados.

A questão do acesso é particularmente crítica para a Figueira, que só pode ser alcançada por barco ou trilha, destacando a importância da mobilidade marítima e terrestre para a comunidade. Esta situação de relativo isolamento influencia muitos aspectos da vida comunitária, desde o acesso a serviços básicos até as possibilidades de desenvolvimento econômico.

Figueira tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. A principal organização atuante em Figueira é a Associação de Moradores AMOR Castelhanos.

O Projeto Redes pode implementar ações para fortalecer as organizações comunitárias na Figueira e na região da Baía de Castelhanos como um todo. Uma iniciativa é o apoio na elaboração de um protocolo de consulta para a comunidade da Baía de Castelhanos, fortalecendo a autonomia e o direito à participação nas decisões que afetam o território. Este protocolo é particularmente relevante para a Figueira, dada a sua situação de acesso restrito e os conflitos com interesses privados. Outra ação formativa importante pode focar a gestão de unidades de conservação, considerando a relação da comunidade com as diversas UCs - em

especial a Resex Castelhanos e as do entorno, o Parque Estadual da Ilhabela e a APA Marinha Litoral Norte. A facilitação de diálogos entre a comunidade da Figueira e outras comunidades da região que enfrentam desafios semelhantes pode ser intensificada, promovendo a troca de experiências e a elaboração de estratégias conjuntas.

Guanxumas - Saco do Eustáquio

A comunidade de Guanxumas - Saco do Eustáquio, enfrenta desafios principalmente devido ao êxodo de grande parte de seus moradores. Este fenômeno de esvaziamento populacional representa um dos principais processos em curso na comunidade, refletindo as pressões econômicas e sociais que afetam muitas áreas costeiras tradicionais. Apesar disso, a comunidade demonstra uma notável resistência à especulação imobiliária, sendo um dos poucos lugares que consegue manter-se relativamente preservado nesse aspecto.

Um processo importante de organização sazonal ocorre durante o verão, quando famílias retornam à comunidade para trabalhar, principalmente no setor de serviços como restaurantes.

Guanxumas - Saco do Eustáquio tem médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base e somente uma inscrição em cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa.

Não são mencionadas organizações comunitárias formais atuantes em Guanxumas - Saco do Eustáquio. Esta ausência de estruturas organizativas estabelecidas representa um desafio para a articulação dos interesses comunitários e para a implementação de projetos de desenvolvimento local.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode colaborar num mapeamento detalhado da comunidade, localizando as famílias que ainda residem permanentemente na área e aquelas que retornam sazonalmente. Este mapeamento serviria como base para compreender melhor as dinâmicas locais e fortalecer lideranças.

Outra ação importante é a facilitação de encontros comunitários, tanto durante a alta temporada quanto nos períodos de menor movimento. Estes encontros podem servir como espaços de diálogo para discutir os desafios e

oportunidades da comunidade, e potencialmente iniciar o processo de formação de uma organização comunitária formal.

O Projeto Redes pode também explorar o potencial para o desenvolvimento de iniciativas de Turismo de Base Comunitária em Guanxumas - Saco do Eustáquio, incluindo ações formativas sobre turismo de base comunitária e apoio na elaboração de um plano de turismo sustentável que valorize a cultura e o ambiente local. O projeto pode facilitar a realização de entrevistas com os moradores mais antigos, a coleta de fotografias históricas e a produção de materiais que registrem as tradições da comunidade, ajudando a fortalecer a identidade local e criar um senso de continuidade mesmo com as mudanças populacionais.

Guanxumas de Búzios

Nesta comunidade o contato foi feito com uma comunitária que é originária, mas não mora mais lá. A comunidade tem 5 famílias que quase não ficam por lá, de acordo com ela. Ficam mais nas casas alugadas ou de parentes na parte urbana de Ilhabela e em São Sebastião.

Guanxumas de Búzios tem médio índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. A aproximação se deu a partir de uma comunitária que atua no Projeto como educadora de Base. Para além do esvaziamento da comunidade, a questão da difícil navegabilidade do mar é um fator que prejudica a participação.

Ilha Vitória

Ilha Vitória apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base, mas com participação nos cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto.

Em 2024, houve uma visita de convivência na Ilha Vitória onde se verificou que a população, composta por 23 famílias, está sofrendo constantemente com falta de água. A Prefeitura transporta água em caixas d'água de 5 mil litros até o píer, porém essa quantidade não vem sendo suficiente para suprir todas as

residências da Ilha, trazendo transtornos à comunidade. A distribuição da água também está irregular e em quantidade insuficiente, por parte da municipalidade. Durante a visita foi dialogado com 15 pessoas, que relataram a situação na comunidade calamitosa, ainda mais com a escassez das chuvas neste período. O Projeto Redes está auxiliando a população local em uma campanha para arrecadar recursos para a comunidade adquirir uma bomba para levar água para todas as residências, além de seguir no acompanhamento das famílias.

Porto do Meio - Ilha de Búzios

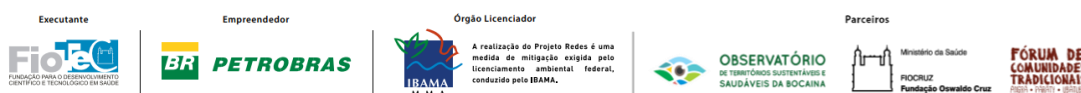
Porto do Meio - Ilha de Búzios apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base, mas com participação nos cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto.

Foi realizada uma visita de convivência há dois anos na comunidade para entrega do vale gás da campanha do FCT. Na oportunidade, visitou-se a escola e houve boa abertura para trabalhar com ações do projeto com a professora. Há um bom diálogo com uma liderança da comunidade que é presidenta da Colônia de Pesca de Ilhabela. Ela sempre participa representando a comunidade e a colônia em ações do Redes como partilha de pesca na Cocanha e em Castelhanos. Esteve presente em uma reunião de comissão de macro envolvendo o FCT e as quatro colônias de pesca do Litoral Norte de SP, cujos temas foram a pesca artesanal; a regulamentação dos cercos flutuantes, artesanato, educação diferenciada e oficinas nas escolas saberes tradicionais.

A equipe já está dando prioridade a essas comunidades isoladas no seu planejamento de campo. A equipe está em articulação com a Defensoria Pública do Estado e representantes da Incubadora de Tecnologias Sociais do OTSS para auxiliar estas três comunidades (Porto do Meio-Ilha dos Búzios, Guanxuma de Búzios e Ilha Vitória) quanto a essa temática da falta de água, incluindo visitas técnicas às comunidades.

Praia da Fome

A comunidade da Praia da Fome está envolvida em processos de luta e organização, centrados principalmente em três bandeiras: a defesa do território, o



desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) e o fortalecimento da organização comunitária. Estes processos refletem a busca da comunidade por autonomia, sustentabilidade econômica e preservação de seu modo de vida tradicional.

A questão territorial emerge como uma preocupação central, indicando possíveis pressões ou ameaças ao território tradicional da comunidade. Paralelamente, há um esforço para desenvolver o TBC como uma alternativa ao modelo de turismo atual, dominado por agências externas que utilizam a Praia da Fome apenas como ponto de parada em roteiros mais amplos, sem gerar benefícios significativos para a comunidade local.

A principal organização comunitária atuante na Praia da Fome é uma associação recém-formada chamada Associação Força Caiçara da Praia da Fome, estabelecida por volta de dezembro de 2023. Esta associação representa um passo importante no processo de organização comunitária, fornecendo uma estrutura formal para articular as demandas e interesses locais.

O Projeto Redes desempenhou um papel importante no fortalecimento desta organização comunitária, principalmente através do apoio direto dos educadores do projeto na formação da associação. Esta ação demonstra o compromisso do Projeto Redes em fomentar a autonomia e a capacidade organizativa da comunidade.

Praia da Fome apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema do turismo de base comunitária.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar a recém-formada associação, com ações formativas sobre gestão associativa, elaboração de projetos e captação de recursos, visando consolidar a capacidade operacional da associação. Outra ação importante é o desenvolvimento de um programa de Turismo de Base Comunitária. O projeto também poderia trabalhar no fortalecimento da capacidade da comunidade de defender seu território. Isso pode envolver a realização de ações formativas sobre direitos territoriais de comunidades tradicionais, legislação ambiental e estratégias de monitoramento territorial comunitário.



Praia da Serraria

A comunidade da Praia da Serraria está atualmente envolvida em um processo de luta e organização, motivado principalmente pela ameaça de um projeto de resort planejado pela Prefeitura. Este cenário tem catalisado a mobilização comunitária, levando os moradores a iniciarem o processo de criação de uma associação local.

Outro processo importante é a busca pela extensão da área da Reserva Extrativista (RESEX) para incluir o terreno de marinha local.

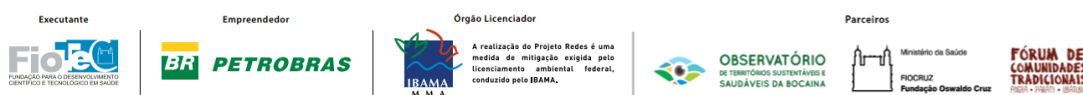
Praia da Serraria tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. Mais recentemente, com a mudança na equipe, houve a retomada da mobilização nessas comunidades, com a realização de visitas de convivência, mas de um modo geral não há interesse na participação nos cursos da RFS.

Atualmente, não há uma organização comunitária formal atuante na Praia da Serraria, mas o processo de criação de uma associação está em andamento. A ausência de uma estrutura organizativa estabelecida tem sido um desafio para a articulação dos interesses comunitários.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar a criação e formalização da associação comunitária. Isso poderia incluir a realização de ações formativas sobre associativismo, gestão organizacional e liderança comunitária. Outra ação importante seria a promoção de ações formativas sobre instrumentos legais de proteção territorial, como a extensão da RESEX e a possibilidade de obtenção de um Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS). Estas formações possuem potencial de fortalecer a comunidade para defender seus direitos territoriais de forma mais efetiva.

Praia Mansa

A comunidade da Praia Mansa tem um processo de luta e organização centrado na preservação de sua identidade cultural e na defesa de seus direitos territoriais.



Praia Mansa apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base, mas com participação nos cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto. Uma liderança local comunitária tem se destacado nesse processo, envolvida com o Projeto Redes por um período considerável. Sua presença e atuação prolongada no projeto sugerem um compromisso contínuo com o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade, bem como uma ponte importante entre as iniciativas do projeto e as necessidades e aspirações locais.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar a elaboração de um protocolo de consulta para a comunidade da Baía de Castelhanos, ferramenta fundamental para garantir o direito da comunidade à consulta prévia, livre e informada sobre decisões que afetam seu território, fortalecendo assim sua autonomia e capacidade de autogestão.

Além disso, o projeto pode realizar ações formativas com a frente de luta da pesca do Fórum de Comunidades Tradicionais. Estas ações são particularmente relevantes para comunidades costeiras como a Praia Mansa, onde a pesca desempenha um papel importante na economia e na cultura local.

O Projeto Redes também pode organizar ações formativas para esclarecer o funcionamento de uma associação de moradores. Para a Praia Mansa, isso pode significar o fortalecimento de estruturas organizacionais existentes ou o incentivo à criação de novas.

Praia Vermelha (Ilhabela)

A Praia Vermelha, situada em Ilhabela, apresenta características únicas que moldam seus processos de luta e organização comunitária. Um aspecto fundamental da dinâmica local é o acesso à praia, que se dá através de uma trilha pelo Canto da Lagoa, passando pela Praia dos Castelhanos. Esta particularidade geográfica não apenas influencia a vida cotidiana dos moradores, mas também tem implicações para as questões de preservação ambiental, turismo e desenvolvimento local. A Associação de Moradores Castelhanos (AMOR) atua nesta comunidade

Praia Vermelha (Ilhabela) apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, sem comissão de base, nem procura pelos cursos da RFS. Tinha uma participação razoável em atividades do projeto até 2023, mas teve uma diminuição em 2024, por conta das restrições da associação local em relação ao Projeto Redes

O Projeto Redes pode organizar ações formativas sobre associação de moradores e sobre unidades de conservação, considerando a relação da comunidade com as diversas UCs - em especial a Resex Castelhanos e as do entorno, o Parque Estadual da Ilhabela e a APA Marinha Litoral Norte. Outra ação importante é realizar formação sobre Turismo de Base Comunitária adaptado às características únicas da Praia Vermelha. Considerando o acesso restrito à praia, este programa pode focar em experiências de ecoturismo de baixo impacto, valorizando a cultura local e a preservação ambiental.

Sombrio

A comunidade do Sombrio, juntamente com as outras praias da Baía, está envolvida em processos de luta e organização, centrados principalmente na regularização fundiária e no fortalecimento da pesca artesanal. Estes processos refletem a busca da comunidade por segurança territorial e pela preservação de suas atividades econômicas tradicionais.

Um marco importante nessa luta foi a criação da Reserva Extrativista (RESEX) municipal na Baía de Castelhanos, em 2020. Esta conquista representa um avanço significativo na proteção do território e dos modos de vida tradicionais da comunidade. Além disso, em Castelhanos, houve a obtenção do Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) em 2015, que posteriormente evoluiu para a criação da RESEX em 2020, demonstrando um processo contínuo de fortalecimento dos direitos territoriais.

A principal organização comunitária atuante na região é a Associação de Moradores Castelhanos (AMOR), fundada em 2005. Esta associação tem um papel abrangente, representando todas as praias da Baía. A AMOR tem sido uma força motriz nos processos de luta da comunidade, tendo sido fundamental na

conquista da RESEX municipal e mantendo um foco constante nas questões de regularização fundiária e fortalecimento da pesca artesanal.

Sombrio tem baixo índice de consolidação do trabalho de base, possui comissão de base, mas não houve procura por cursos da RFS. A participação em atividades também foi baixa. As ações específicas do Projeto Redes para fortalecer as organizações comunitárias no Sombrio e na região vão no sentido de apoiar as iniciativas da associação local, especialmente em relação às questões territoriais e pesqueiras. Recentemente, com a mudança da equipe, houve a retomada da realização de visitas de convivência.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode oferecer ações formativas sobre gestão de projetos sociais, saúde comunitária e desenvolvimento econômico local, fortalecendo a diversificação das ações comunitárias.

Outra ação importante é o apoio à implementação efetiva da RESEX municipal. O Projeto Redes pode facilitar ações formativas sobre gestão participativa de unidades de conservação, elaboração de planos de manejo e monitoramento ambiental comunitário, fortalecendo a capacidade da comunidade de gerir seu território de forma sustentável.

3.3.3. Microterritório Norte de São Sebastião e Caraguatatuba

Araçá

A comunidade do Araçá está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma busca por preservação cultural, desenvolvimento econômico sustentável e justiça socioambiental. Um dos principais processos em andamento é a valorização do artesanato caiçara, evidenciado pelas ações formativas realizadas em parceria com a Associação de Pescadores e Comunidades Tradicionais do Araçá (APECO). Este processo demonstra um esforço para fortalecer as práticas culturais tradicionais e, ao mesmo tempo, criar oportunidades econômicas para a comunidade.

Outro processo importante é a luta por justiça socioambiental. Este processo envolve ações como reuniões com o Ministério Público Federal e o

automonitoramento da Rede Boieira, indicando uma preocupação ativa com a proteção do meio ambiente e dos direitos da comunidade.

As organizações comunitárias atuantes no Araçá são principalmente a APECO e o grupo da Escola Comunitária do Araçá. Infelizmente, existem algumas divergências entre estas duas organizações, o que pode representar um desafio para a coesão e eficácia das ações comunitárias.

Araçá apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de altíssimo e crescente número de participações em atividades do projeto, em especial no tema cultura, artesanato e defesa do território.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento das organizações comunitárias. Uma ação crucial foi o apoio dado pelos educadores do projeto à etapa de registro e fundação da APECO. Além disso, quando surgiram atritos em relação ao projeto, as coordenadoras e a nova equipe de educadores do projeto foram capazes de mediar e resolver essas questões em maio de 2024.

Uma ação particularmente impactante foi a realização de ações formativas comunitárias sobre valorização do artesanato caiçara, em parceria com a APECO. Estas ações, divididas em quatro oficinas temáticas (crochê, carpintaria naval, bijuteria sustentável e cestaria), não apenas fortaleceram as habilidades artesanais da comunidade, mas também promoveram a valorização da cultura caiçara.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode facilitar encontros de mediação de conflitos e ações formativas sobre trabalho colaborativo e governança participativa. Outra ação importante é dar continuidade e expandir as iniciativas de valorização do artesanato caiçara. O Projeto Redes pode apoiar o desenvolvimento de estratégias de comercialização para os produtos artesanais, incluindo ações formativas sobre empreendedorismo popular e turismo de base comunitária.

Camaroeiro

A comunidade do Camaroeiro está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma busca pela preservação da cultura e da história local, bem como pelo fortalecimento da atividade pesqueira. Um dos principais processos em andamento é o registro e valorização da história da comunidade, evidenciado pelo trabalho de uma comunitária, pescadora e escritora, que lançou um livro baseado em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) documentando a trajetória do Camaroeiro. Este processo demonstra um esforço para manter viva a memória coletiva e fortalecer a identidade da comunidade.

Outro processo importante é a preservação e promoção do artesanato tradicional, representado pela atuação de uma artesã e caiçara de quinta geração. Este trabalho não apenas mantém vivas as técnicas artesanais tradicionais, mas também contribui para a economia local e a valorização da cultura caiçara.

As organizações comunitárias atuantes no Camaroeiro incluem a Associação de Pescadores e Pescadoras, embora seu contato com o Projeto Redes seja descrito como distante. Além disso, o Entreposto de Pesca emerge como um ponto importante de articulação comunitária.

Camaroeiro apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de cultura e pesca.

As ações específicas do Projeto Redes para fortalecer as organizações comunitárias no Camaroeiro se baseiam principalmente em contatos individuais com figuras-chave da comunidade. O projeto estabeleceu conexões com o Entreposto de Pesca e com as artesãs caiçaras.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode buscar um diálogo mais próximo com a Associação de Pescadores e Pescadoras, oferecendo apoio para o fortalecimento institucional da associação, incluindo ações formativas sobre elaboração de projetos e captação de recursos.

Outra ação importante é o apoio à produção, disseminação e valorização do livro escrito por uma comunitária sobre a história da comunidade. O Projeto Redes pode facilitar a realização de eventos de leitura, discussões comunitárias

sobre a história local e até mesmo a inclusão deste material em programas educacionais locais, estratégias que valorizam o trabalho e o senso de identidade e pertencimento da comunidade. O projeto também pode trabalhar no desenvolvimento de iniciativas de turismo de base comunitária que integrem a pesca artesanal e o artesanato local.

Cocanha

A comunidade da Cocanha se destaca por seus processos de luta e organização bem estruturados, centrados principalmente na atuação da Associação de Pescadores e Maricultores da Praia da Cocanha (MAPEC). Esta associação tem se mostrado uma força significativa, demonstrando uma capacidade notável de articulação e mobilização comunitária. Os processos de luta e organização na Cocanha estão focados no desenvolvimento sustentável da comunidade, com ênfase em atividades como o turismo de base comunitária e o monitoramento ambiental, evidenciados pelas ações formativas realizadas em parceria com o Projeto Redes.

A MAPEC emerge como a principal organização comunitária atuante na Cocanha, sendo descrita como a associação mais bem estruturada do mesoterritório. Sua existência e atuação eficaz sugerem um alto nível de coesão e organização comunitária, bem como uma capacidade de representar e defender os interesses dos maricultores e da comunidade em geral.

Cocanha apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema pesca/maricultura, organização comunitária e unidade de conservação.

Embora o Projeto Redes não tenha tido influência direta na formação ou estruturação da MAPEC, suas ações recentes têm contribuído para fortalecer e ampliar as capacidades desta organização comunitária. Em 2024, o projeto realizou três ações significativas em parceria com a MAPEC. Em abril, foi realizada uma Ação Formativa Ampliada (AFA) sobre Turismo de Base Comunitária, demonstrando um esforço para diversificar as atividades econômicas da comunidade de forma sustentável. Em agosto, ocorreu uma Ação

Formativa Comunitária (AFC) focada no Automonitoramento da Rede Boieira, indicando um compromisso com a preservação ambiental e o empoderamento da comunidade na gestão de seus recursos naturais. Por fim, em setembro, a comunidade sediou o primeiro Tempo Escola (TE1) do curso de Educação Diferenciada, evidenciando um investimento na formação e capacitação dos membros da comunidade de acordo com suas especificidades culturais e territoriais.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode aprofundar as iniciativas de Turismo de Base Comunitária, oferecendo apoio para o desenvolvimento de roteiros turísticos que valorizem a cultura local e as atividades de maricultura. Outra ação importante é a expansão do programa de automonitoramento da Rede Boieira. O Projeto Redes pode oferecer suporte para a aquisição de equipamentos de monitoramento, realizar ações formativas avançadas sobre técnicas de coleta e análise de dados ambientais, e facilitar a articulação da comunidade com instituições de pesquisa e órgãos ambientais.

O projeto também pode trabalhar no fortalecimento da educação diferenciada na comunidade. Isso pode envolver o apoio à implementação de um currículo escolar que integre os conhecimentos tradicionais da maricultura e da cultura caiçara, bem como realizar formação para educadores locais sobre Educação Diferenciada.

Enseada (São Sebastião)

A comunidade da Praia da Enseada e Porto Grande, em São Sebastião, está envolvida em processos de luta e organização que estão centrados na busca por fortalecimento dos laços comunitários e na melhoria das condições de saneamento local. A realização de um módulo do Tempo Escola do Curso de Saneamento Ecológico na região indica um interesse ativo da comunidade em questões de saúde ambiental e infraestrutura básica, sugerindo que este pode ser um dos principais focos de mobilização e organização comunitária.

Enseada (São Sebastião) apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além

de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema da pesca Peixe de Varal - Cultura e Gastronomia Local Caiçara.

As ações do Projeto Redes para fortalecer as organizações comunitárias na Praia da Enseada e Porto Grande têm se concentrado principalmente no estabelecimento e fortalecimento de vínculos com a comunidade. As visitas de convivência realizadas pela equipe do projeto demonstram um esforço para compreender melhor as dinâmicas locais e construir relações de confiança com os moradores. Além disso, o suporte logístico e de infraestrutura oferecido para a realização do módulo do Tempo Escola do Curso de Saneamento Ecológico representa uma contribuição significativa para a capacitação da comunidade em questões cruciais de saúde ambiental.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode oferecer uma série de formações complementares sobre temas relacionados, como gestão de resíduos sólidos, conservação de recursos hídricos e educação ambiental. Isso ajudaria a aprofundar os conhecimentos adquiridos no curso e a desenvolver projetos práticos de melhoria do saneamento local.

Além disso, o projeto pode facilitar a articulação entre a comunidade da Praia da Enseada e Porto Grande com outras comunidades da região que enfrentam desafios semelhantes, envolvendo a organização de intercâmbios, a formação de redes de apoio mútuo e o compartilhamento de experiências bem-sucedidas em saneamento ecológico e outras áreas de interesse comum.

Pontal da Cruz

A comunidade do Pontal da Cruz, em São Sebastião, está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma preocupação com a gestão dos recursos hídricos e o desenvolvimento sustentável da região. A participação de representantes da comunidade na reunião de articulação institucional promovida pelo PEA Porto em junho de 2024 demonstra um engajamento ativo nas discussões sobre questões ambientais e de gestão territorial que afetam diretamente a vida dos moradores. A organização comunitária atuante na comunidade é a Associação de Amigos e Pescadores de Pontal da Cruz.



Pontal da Cruz apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, sem procura pelos cursos da RFS e razoável participação em atividades do projeto.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade do Pontal da Cruz. O projeto pode trabalhar no fortalecimento da associação comunitária, envolvendo ações formativas sobre associativismo e elaboração de projetos, visando aumentar a capacidade da comunidade de se articular e buscar soluções para seus desafios de forma mais estruturada. Outra ação importante é o apoio à participação continuada da comunidade nos espaços de governança regional, como o Comitê das Bacias Hidrográficas do Litoral Norte.

Porto Novo

A comunidade de Porto Novo está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma busca por fortalecimento da atividade pesqueira, ampliação do conhecimento sobre projetos de desenvolvimento local e preparação para enfrentar riscos ambientais. A iniciativa da Associação de Pescadores e Pescadoras do Porto Novo em convidar o Projeto Redes para uma reunião com a comunidade demonstra um esforço para ampliar o acesso a informações e oportunidades para a comunidade. Além disso, o interesse em participar do curso de Gestão de Riscos indica uma preocupação com a resiliência comunitária frente a possíveis ameaças ambientais ou sociais.

A principal organização comunitária atuante em Porto Novo mencionada é a Associação de Pescadores e Pescadoras do Porto Novo, que opera no entreposto de pesca local. Esta associação parece desempenhar um papel crucial na articulação dos interesses da comunidade pesqueira e na busca por oportunidades de desenvolvimento e capacitação.

Porto Novo apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, participação nos cursos da RFS e participação significativa em atividades do projeto, principalmente no tema da pesca.

Dentre as ações do Projeto Redes, está a participação em reunião da Associação de Pescadores e Pescadoras. Esta ação contribuiu para ampliar o conhecimento sobre o Projeto entre as lideranças comunitárias, potencialmente abrindo novas possibilidades de colaboração. Além disso, as visitas de convivência realizadas em agosto de 2024 foram fundamentais para auxiliar os comunitários na inscrição no curso de Gestão de Riscos e na preparação para participarem como feirantes no Encontro Internacional de Territórios e Saberes (EITS).

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode dar prosseguimento no acompanhamento dos participantes do curso de Gestão de Riscos, auxiliando a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Isso pode envolver a facilitação de ações formativas complementares e o suporte na elaboração de um plano de gestão de riscos específico para Porto Novo.

O projeto também pode trabalhar no fortalecimento da Associação de Pescadores e Pescadoras, oferecendo ações formativas sobre gestão organizacional, elaboração de projetos e captação de recursos. Isso aumentaria a capacidade da associação de implementar suas próprias iniciativas e buscar financiamento para melhorias no entreposto de pesca e outras infraestruturas necessárias.

São Francisco

A comunidade de São Francisco é um bairro urbanizado de São Sebastião com a presença de pescadores artesanais. A participação de pescadores e moradores de São Francisco na reunião de articulação institucional promovida pelo PEA Porto em junho de 2024 demonstra um envolvimento ativo nas discussões sobre questões ambientais e de gestão territorial que impactam diretamente a vida da comunidade. Possui organizações comunitárias como os Ateliês de Cerâmica do São Francisco; a Colônia de Pescadores Z14 Almirante Tamandaré e a Associação Rosas Negras.

São Francisco apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema da pesca.



Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode realizar ações formativas sobre gestão de recursos hídricos, aproveitando o interesse demonstrado pela comunidade neste tema. Estas formações podem abordar temas como conservação de mananciais, uso racional da água, saneamento básico e participação comunitária na gestão dos recursos hídricos. Outra ação importante é o apoio à participação continuada da comunidade nos espaços de governança regional, como o Comitê das Bacias Hidrográficas do Litoral Norte.

Tabatinga

A comunidade de Tabatinga está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma forte presença da atividade pesqueira artesanal e um compromisso com a preservação e monitoramento dos recursos marinhos. A existência da Associação dos Pescadores de Tabatinga (APTAB) demonstra um nível significativo de organização comunitária, especialmente no setor pesqueiro. O fato de o presidente da APTAB também ser membro da diretoria da Colônia de Pesca de Caraguatatuba indica uma articulação importante entre as organizações locais e regionais, potencializando a capacidade de representação e defesa dos interesses dos pescadores artesanais.

Tabatinga apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base indicada e um cursista na RFS, mas uma baixa participação em atividades do projeto.

As ações do Projeto Redes que ajudaram a fortalecer as organizações comunitárias em Tabatinga incluem a realização de uma formação sobre automonitoramento da pesca artesanal, com foco na rede boieira, em parceria com a Frente de Luta da Pesca Artesanal do FCT (Fórum de Comunidades Tradicionais).

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode aprofundar o programa de automonitoramento da pesca artesanal, através de ações formativas avançadas sobre técnicas de coleta e análise de dados, bem como o apoio na aquisição de equipamentos para o monitoramento. O projeto pode também facilitar a articulação entre a comunidade e instituições de pesquisa, promovendo a

validação científica dos dados coletados e sua incorporação em políticas de manejo pesqueiro.

3.3.4. Microterritório Sul de São Sebastião

Barequeçaba

Barequeçaba apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, um cursista na RFS e um número razoável de participações em atividades do projeto, em especial nos temas de pesca, cultura e turismo de base comunitária, como o “Minicurso de TBC na Cocanha” e de outros projetos, como os cursos do "O mar está pra peixe", condicionante ambiental da Fundação Florestal, onde foi possível realizar diversas articulações, como por exemplo a inscrição e participação de um comunitário no curso de Gestão de Riscos da RFS, participação em espaços de formação sobre o automonitoramento da pesca com a rede boeira, acompanhamento de visita do Supremo Tribunal Federal e do núcleo de Povos e Comunidades Tradicionais da Defensoria Pública Estadual.

Barra do Sahy

A comunidade da Barra do Sahy está envolvida em processos de luta e organização, com destaque para a resistência contra a desapropriação de casas, condenadas por estarem em áreas de risco. Este processo de luta demonstra a capacidade da comunidade de se mobilizar e articular em defesa de seus direitos, especialmente no que diz respeito à moradia e ao território.

A Barra do Sahy conta com uma variedade de organizações comunitárias atuantes, refletindo a diversidade de interesses e necessidades locais. Entre elas estão a "Sociedade de Amigos", a Prosan (uma associação náutica que se aproxima de uma associação de pescadores), a Associação de Moradores da Vila do Sahy (AMOVILA), a União dos Atingidos e o Coletivo Pé de Barro, estas duas últimas surgidas a partir da tragédia-crime de 2023. Esta multiplicidade de

organizações indica uma comunidade com forte tecido social e capacidade de articulação.

Barra do Sahy apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de desastres e riscos.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel importante no fortalecimento das organizações comunitárias na Vila do Sahy. Uma ação particularmente importante foi o apoio decisivo dado durante o processo de ameaça de desapropriação de casas. O projeto contribuiu significativamente ao escrever cartas ao Ministério Público e documentos à Defesa Civil, ajudando a barrar a desapropriação. Esta ação demonstra a capacidade do Projeto Redes de oferecer apoio jurídico e técnico em momentos críticos para a comunidade.

Além disso, o projeto foi estruturante para o surgimento da União dos Atingidos, uma organização que nasceu na comunidade e desempenha um papel importante na defesa dos direitos dos moradores afetados por diversos tipos de ameaças ou impactos.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode dar continuidade ao apoio às organizações locais, especialmente em questões relacionadas à moradia e ao território. Isso pode incluir a realização de ações formativas sobre direitos habitacionais, legislação urbana e estratégias de resistência legal contra desapropriações injustas.

Barra do Una

A comunidade da Barra do Una está envolvida em processos de luta e organização que demonstram uma busca por melhorias na qualidade de vida local e preservação ambiental. Um dos principais processos em andamento é a iniciativa de tratamento de resíduos, que reflete uma preocupação com a sustentabilidade e a saúde ambiental da comunidade. Além disso, há esforços voltados para a promoção cultural e o desenvolvimento de atividades esportivas, como o surf, indicando uma busca por diversificação das atividades comunitárias e valorização da cultura local.



Barra do Una apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura por cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto.

As organizações comunitárias atuantes na Barra do Una incluem a Sociedade Amigos da Barra do Una (SABU), uma associação de veranistas, e o Coletivo de Alunos e Professores da Escola Sebastiana Bittencourt (REUNA). A SABU, por ser uma associação de veranistas, tem um foco em questões relacionadas ao uso sazonal do território e à infraestrutura turística, e seus interesses nem sempre vão convergir com os dos comunitários tradicionais.

O REUNA, por outro lado, emerge como uma iniciativa local mais abrangente, liderada por professoras da comunidade. Este coletivo se destaca por sua atuação em áreas diversas como tratamento de resíduos, cultura e surf, demonstrando uma abordagem integrada para o desenvolvimento comunitário. O potencial de integração do REUNA ao coletivo de educação diferenciada sugere uma oportunidade de maior envolvimento do Projeto Redes no futuro.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade da Barra do Una. Uma prioridade deve ser o estabelecimento de um contato mais próximo com as organizações locais, especialmente o REUNA.

Boiçucanga

A comunidade de Boiçucanga está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma busca por melhorias nas condições de vida e trabalho dos pescadores, empoderamento feminino e sustentabilidade ambiental. Um dos principais processos em andamento é a regularização da documentação dos pescadores, uma iniciativa crucial para garantir os direitos e a formalização da atividade pesqueira na região. Paralelamente, há um movimento emergente de organização das mulheres da comunidade, indicando uma busca por maior participação e representatividade feminina nas decisões e ações comunitárias.

As organizações comunitárias atuantes em Boiçucanga incluem a associação de pescadores (APB), que mantém um alinhamento com a Prefeitura. Além disso, há o Espaço Cultural Escambau, que se destaca como um parceiro

importante, especialmente em iniciativas de sustentabilidade ambiental, como o projeto de reciclagem de guimbas de cigarro. Há também um projeto Composta Boiçucanga, SindServ (Sindicato dos Servidores), Projeto Buscapé, e um coletivo de mulheres em formação, que representa uma nova frente de organização comunitária.

Uma educadora do projeto tem contribuído para fortalecer estas organizações comunitárias através de diversas ações. Uma contribuição significativa do Projeto Redes foi o apoio de um educador no processo de regularização da documentação dos pescadores, uma ação que fortalece diretamente a categoria e sua organização. Além disso, uma educadora tem trabalhado no processo de formação do coletivo de mulheres, demonstrando o compromisso do projeto com o empoderamento feminino na comunidade.

O projeto também tem promovido ações relacionadas à gestão de riscos, tendo realizado um dos encontros sobre este tema na comunidade. Esta iniciativa contribui para aumentar a resiliência e a capacidade de resposta da comunidade frente a possíveis desastres ou emergências.

Boiçucanga apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de desastres e defesa do território.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade de Boiçucanga. Uma prioridade deve ser a continuidade e expansão do apoio à regularização da documentação dos pescadores. O projeto poderia oferecer ações formativas sobre direitos trabalhistas e previdenciários específicos para pescadores, além de facilitar o acesso a serviços de assistência jurídica quando necessário.

Outra ação importante seria o fortalecimento do coletivo de mulheres em formação. O Projeto Redes poderia oferecer ações formativas sobre liderança feminina, empreendedorismo e participação política. Além disso, poderia facilitar intercâmbios com outros coletivos de mulheres da região, promovendo a troca de experiências e o fortalecimento de redes de apoio mútuo.

O projeto também poderia intensificar sua parceria com o Espaço Cultural Escambau, expandindo as iniciativas de sustentabilidade ambiental. Isso poderia

envolver a realização de ações formativas sobre gestão de resíduos sólidos, economia circular e educação ambiental. Além disso, o projeto poderia apoiar a elaboração de novos projetos ambientais que envolvam a comunidade de forma mais ampla.

Boracéia

A comunidade de Boracéia enfrenta processos de luta e organização complexos, marcados pela fragmentação geográfica e social. O bairro é dividido entre os municípios de São Sebastião e Bertioga, o que dificulta a coesão comunitária e a implementação de políticas públicas unificadas. A comunidade de pescadores, em particular, é descrita como fragmentada, indicando desafios na articulação de interesses comuns e na mobilização coletiva.

Boracéia apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de cultura.

Um elemento significativo na região é a presença de uma aldeia indígena, que, embora não esteja formalmente integrada ao Projeto Redes, demonstra processos de organização e desenvolvimento notáveis. Esta comunidade indígena está envolvida em diversas iniciativas, incluindo turismo de base comunitária, educação diferenciada (com uma escola que atende até o ensino médio), agroecologia, manejo sustentável da palmeira juçara e implementação de saneamento ecológico. Estes processos refletem uma busca por autonomia, sustentabilidade e preservação cultural.

As organizações comunitárias atuantes em Boracéia incluem a Associação dos Amigos de Boracéia, que é composta principalmente por pessoas de fora da comunidade. A comunidade indígena parece ter estruturas de organização efetivas para implementar suas diversas iniciativas. A identificação da necessidade de integrar a comunidade indígena ao projeto e a demanda pela construção de um rancho para os pescadores indicam potenciais áreas de atuação futura.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano, uma prioridade deve ser a integração da comunidade indígena ao

projeto. Isso pode envolver a realização de encontros para compreender melhor as necessidades e aspirações desta comunidade, bem como identificar formas de apoiar e ampliar suas iniciativas já existentes em turismo de base comunitária, educação diferenciada, agroecologia e saneamento ecológico.

Camburi (São Sebastião)

A comunidade de Camburi, em São Sebastião, está envolvida em processos de luta e organização que refletem uma busca por desenvolvimento sustentável, preservação cultural e resiliência comunitária. Um dos principais processos em andamento é o desenvolvimento de iniciativas de saneamento ecológico, demonstrando uma preocupação com a saúde ambiental e a qualidade de vida local. Paralelamente, há esforços na área cultural e econômica, evidenciados pelo trabalho com artesanato e a manutenção de uma casa de vendas e uma Vila Caiçara, que servem tanto para geração de renda quanto para preservação da cultura tradicional.

Outro processo importante é o trabalho sobre gestão de riscos, realizado em conjunto com a União dos Atingidos. Esta iniciativa reflete uma consciência da comunidade sobre a importância da preparação e resposta a possíveis desastres ou emergências, especialmente relevante considerando a localização costeira de Camburi.

Camburi (São Sebastião) apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, participação nos cursos da RFS (muitos inscritos) e crescente participação em atividades do projeto.

As organizações comunitárias atuantes em Camburi incluem o Instituto Lobo Guará, um grupo de capoeira que desempenha um papel importante na preservação cultural e na mobilização da juventude local, a ASCAM (Associação de Surf de Cambury), RENOVA CAMBURY (Associação Comunitária), e a Rede Brotar.

Além disso, a existência de uma Vila Caiçara e os projetos de saneamento ecológico sugerem a presença de estruturas organizativas, ainda que informais, na comunidade.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade de Camburi. Uma prioridade clara, baseada na demanda expressa pela comunidade, deve ser a realização de ações formativas sobre associativismo. Estas formações poderiam focar na criação e gestão de grupos de base e associações populares, fornecendo ferramentas e conhecimentos essenciais para fortalecer a organização comunitária formal.

Outra ação importante é o apoio ao desenvolvimento e expansão das iniciativas de saneamento ecológico. O Projeto Redes pode oferecer ações formativas sobre tecnologias de saneamento sustentável, gestão de recursos hídricos e educação ambiental. Além disso, pode auxiliar na elaboração de projetos para captação de recursos destinados a melhorar a infraestrutura de saneamento na comunidade.

Além disso, o Projeto Redes pode intensificar o apoio às ações de gestão de riscos. Isso poderia incluir a realização de ações formativas sobre prevenção e resposta a desastres, a elaboração de um plano comunitário de gestão de riscos e a facilitação de diálogos com órgãos de defesa civil e outras instituições relevantes.

Ilha do Montão de Trigo

A comunidade da Ilha do Montão de Trigo enfrenta processos de luta e organização únicos, marcados pelo seu isolamento geográfico e pela forte preservação da cultura caiçara. Um dos principais processos em andamento está relacionado à regularização do uso do território, evidenciado pela existência de um Termo de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) ou Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) referente ao rancho de pesca na praia. Este processo reflete a busca da comunidade por garantir seus direitos de uso tradicional do território, essencial para a manutenção de suas práticas pesqueiras e modo de vida.

Ilha do Montão de Trigo apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de educação. As organizações comunitárias presentes nessa comunidade são



Associação dos Moradores da Comunidade Tradicional da Ilha Montão de Trigo e a Associação dos Moradores e Amigos da Ilha Monte de Trigo - AMAI.

Uma ação significativa foi o convite feito a uma professora local para participar do coletivo de educação diferenciada.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode implementar ações até o próximo ano para fortalecer a comunidade da Ilha do Montão de Trigo, apesar dos desafios logísticos. Uma prioridade deve ser o desenvolvimento de estratégias para superar as dificuldades de acesso, possivelmente através de parcerias com instituições que possuam embarcações adequadas ou explorando opções de comunicação à distância.

O projeto também pode trabalhar no fortalecimento da participação da professora local no coletivo de educação diferenciada. Isso pode envolver o fornecimento de apoio para que ela possa compartilhar as experiências e desafios educacionais específicos da ilha, bem como trazer de volta para a comunidade as aprendizagens e recursos desenvolvidos pelo coletivo.

Juqueí

A comunidade de Juqueí enfrenta processos de luta e organização complexos, marcados por uma forte pressão da elite e do turismo de alto padrão, evidenciada pela presença de uma guarita para controlar o acesso à praia. Um dos principais processos de luta é a resistência da última família de pescadores que permanece na praia, representando a persistência da cultura e economia tradicionais frente à gentrificação do local.

Além disso, a comunidade está lidando com as consequências de uma tragédia recente, que resultou na destruição da escola local e deixou marcas profundas, especialmente nas crianças. Este evento traumático desencadeou novos processos de luta, focados na recuperação psicológica da população e na busca por segurança frente aos riscos geológicos iminentes, como um morro que está em movimento e ameaça desabar.

As organizações comunitárias atuantes em Juqueí não são mencionadas. No entanto, figuras como uma artesã de taboa, e a família de um pescador, os

últimos pescadores da praia, emergem como pontos de resistência e preservação da cultura tradicional.

Juqueí apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de desastres.

As ações específicas do Projeto Redes para fortalecer as organizações comunitárias em Juqueí, vão no sentido da identificação das necessidades urgentes da comunidade, como ações de saúde mental e gestão de riscos.

Olhando para o futuro, o Projeto Redes pode apoiar a realização de uma oficina de gestão de riscos, conforme identificado pela própria comunidade. Esta oficina poderia abordar técnicas de prevenção, preparação e resposta a desastres, com foco especial nos riscos geológicos enfrentados pela comunidade.

Outra ação crucial seria o apoio à implementação de um programa de saúde mental comunitária. O Projeto Redes pode facilitar parcerias com profissionais de saúde mental e organizações especializadas em trauma coletivo, oferecendo ações formativas para lideranças locais sobre primeiros socorros psicológicos e técnicas de apoio mútuo.

Maresias

Na comunidade de Maresias, os processos de luta e organização são evidentes através da atuação de diversas entidades locais. A Associação de Pescadores, onde o educador do Projeto Redes atua como secretário, está em processo de regularização. Esta associação tem desempenhado um papel importante na luta pelos direitos dos pescadores, especialmente na gestão dos ranchos de pesca, um esforço apoiado pelo projeto Redes por meio da elaboração de um Termo de Ajustamento de Uso Sustentável (TAUS). Além disso, o projeto tem promovido ações de coleta de lixo, plantio de árvores e a futura instalação de um banheiro ecológico, contribuindo para a sustentabilidade local.

Maresias apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de defesa do território



e pesca. SOS Maresias, Desengarrando Mentos, Mareginga, Associação de Surf Maresias (ASM).

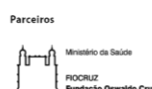
Na comunidade, também se destaca a atuação do grupo SOMAR, que funciona como uma espécie de "fiscais da praia", zelando pela preservação do ambiente costeiro. No entanto, há uma disputa interna entre três grupos de pescadores, o que demonstra a complexidade das dinâmicas sociais locais. O Coletivo de Amigos da Praia é outra organização que contribui para a coesão comunitária através de suas atividades culturais e ambientais.

O projeto Redes tem desempenhado um papel significativo no fortalecimento dessas organizações comunitárias. Recentemente, nos dias 19 e 20 de julho, foi realizada uma Ação Formativa Agrupada em Maresias, que resultou na fundação do Coletivo de Educação Diferenciada de São Sebastião e Caraguatatuba. Essa iniciativa não apenas promoveu o intercâmbio de conhecimentos, mas também incentivou a criação de novos grupos que podem atuar em prol da educação e da sustentabilidade na região.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar a implementação de ações que visem fortalecer ainda mais a comunidade. Isso pode incluir o apoio jurídico para regularizar e consolidar as associações existentes, além de fomentar o turismo de base comunitária, promovendo a cultura local e gerando renda para os moradores.

Paúba

Na comunidade de Paúba, os processos de luta e organização se manifestam principalmente através da interação com os pescadores locais e o Movimento dos Pescadores e Pescadoras (MPP). Apesar de não haver uma associação formal de moradores, a AMOPaúba representa os interesses dos veranistas. O projeto Redes tem focado em trabalhar diretamente com os pescadores, auxiliando na documentação necessária para a manutenção dos direitos de pesca, especialmente em relação ao cerco, uma prática tradicional que está em risco de ser perdida. Contudo, é importante notar que alguns pescadores já não exercem mais a atividade, refletindo as mudanças socioeconômicas na região.



Paúba apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, procura pelos cursos da RFS e baixa participação em atividades do projeto. A atuação comunitária é limitada devido ao pequeno número de moradores permanentes, mas a presença do MPP é vital para a defesa dos interesses dos pescadores.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode expandir suas ações em Paúba ao incentivar o Turismo de Base Comunitária, promovendo a cultura local e valorizando as práticas sustentáveis. Além disso, a realização de ações formativas e partilhas pode ajudar a capacitar os pescadores e outros moradores, fortalecendo a coesão social e a resiliência comunitária. Essas iniciativas não apenas preservariam as tradições locais, mas também promover o desenvolvimento econômico sustentável da comunidade.

Santiago

Em Santiago, a comunidade enfrenta desafios relacionados à especulação imobiliária, com a pressão de um condomínio para remover o rancho de pesca local. Essa situação reflete um dos principais processos de luta na região, onde a preservação dos espaços tradicionais de pesca é essencial para manter a cultura e o modo de vida das famílias caiçaras. A presença de moradores ligados ao Coletivo Caiçara, embora importante para a defesa dos direitos locais, tem dificultado algumas ações do projeto Redes, devido às complexas dinâmicas internas.

Santiago apresenta médio índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, mas sem procura por cursos da RFS e uma baixa participação em atividades do projeto.

O projeto Redes tem contribuído para o fortalecimento das organizações comunitárias ao auxiliar na elaboração de estratégias de apoio jurídico, essencial para enfrentar os desafios legais impostos pela especulação imobiliária. Além disso, o projeto tem potencial para oferecer suporte técnico e logístico na realização da cartografia social, uma ferramenta vital para a defesa territorial.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar a implementação de ações que promovam o Turismo de Base Comunitária, valorizando a cultura caiçara e gerando alternativas econômicas sustentáveis para os moradores.

ToqueToque Grande

Em ToqueToque Grande, a comunidade enfrenta desafios relacionados à organização e à preservação de suas tradições culturais. Apesar de não haver uma associação formal de moradores, a presença de líderes comunitários é importante. Algumas lideranças têm se destacado por seu interesse em revitalizar tradições locais, como a folia de reis, especialmente após a festa de Santana, que inclui manifestações culturais como a congada e a folia de reis. No entanto, até o momento, não houve uma ação direta do projeto Redes para apoiar essas iniciativas.

A visão negativa que a comunidade tem em relação a projetos externos é um obstáculo, resultante de experiências anteriores em que seus conhecimentos foram utilizados sem o devido retorno ou reconhecimento.

Mas ainda assim Toque-Toque Grande apresenta índice médio-alto de consolidação do trabalho de base, com comissão de base constituída, participação nos cursos da RFS e participação em atividades do projeto.

Para fortalecer a comunidade, o projeto Redes pode desempenhar um papel importante ao oferecer ajuda para um melhor suporte organizacional, ajudando a formalizar grupos de interesse que possam representar melhor os moradores. Além disso, o projeto pode estabelecer uma parceria mais próxima com líderes locais, promovendo ações formativas e partilhas que valorizem e revitalizem as tradições culturais, como a folia de reis. Investir no Turismo de Base Comunitária pode também ser uma estratégia eficaz para gerar renda e valorizar a cultura local, promovendo um desenvolvimento sustentável até o próximo ano. Essas ações podem ajudar a reconstruir a confiança da comunidade em projetos externos, garantindo que suas tradições e conhecimentos sejam respeitados e promovidos.

ToqueToque Pequeno

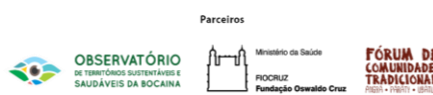
Em Toque-Toque Pequeno, a comunidade está engajada em processos de luta e organização que buscam integrar práticas educacionais diferenciadas e a preservação ambiental. A diretora da escola local desempenha um papel crucial ao abrir espaço para o diálogo e implementar atividades de educação diferenciada, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e adaptado às necessidades da comunidade. Em colaboração com o projeto Redes, há planos para a criação de uma horta escolar, que não só enriquecerá o currículo educacional, mas também fortalecerá a conexão dos estudantes com práticas sustentáveis e alimentação saudável.

A comunidade conta com a atuação da associação Sociedade dos Amigos de Toque Toque Pequeno (SAPEQUE), responsável por cuidar da praia, e que inclui membros do Coletivo Caiçara.

ToqueToque Pequeno apresenta alto índice de consolidação do trabalho de base, com comissão de base e participação nos cursos da RFS, além de alto número de participações em atividades do projeto, em especial no tema de desastres.

O projeto Redes pode fortalecer essas iniciativas comunitárias ao apoiar diretamente a criação da horta escolar e ao colaborar com a SAPEQUE em suas atividades de preservação e educação ambiental. No entanto, um desafio recente ocorreu quando uma ação planejada no rancho de pesca foi assumida pela prefeitura, indicando a necessidade de uma maior articulação entre os projetos comunitários e as autoridades locais.

Para o próximo ano, o projeto Redes pode considerar a promoção do Turismo de Base Comunitária como forma de ajudar a gerar renda e aumentar a conscientização sobre a importância da cultura e do meio ambiente locais.



4. Organizações comunitárias de abrangência macroterritorial

O texto sobre as organizações de abrangência macroterritorial será apresentado após revisão junto às organizações. Por ora, são apresentados aqui os resumos sobre os coletivos de apoio à educação diferenciada.

4.1. Coletivos de Apoio à Educação Diferenciada (CAED)

4.1.1. CAED/Paraty

O Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada (CAED) de Paraty surgiu em 2015, reunindo lideranças das comunidades tradicionais, educadores e parceiros comprometidos com a causa da educação adaptada às realidades locais. Desde sua fundação, o CAED tem como objetivo principal defender e promover a Educação Diferenciada para as comunidades tradicionais de Paraty, reconhecendo a importância de um ensino que respeite e valorize as particularidades culturais e os saberes ancestrais dessas populações.

Atualmente, o CAED mantém-se ativo e atuante, realizando reuniões regulares e trabalhando em duas frentes principais: nas escolas da rede municipal, onde desenvolve metodologias e reorienta currículos, e diretamente nos territórios das comunidades tradicionais. Esta abordagem abrangente permite que o coletivo atue tanto no sistema formal de educação quanto nas práticas educativas informais que ocorrem no seio das comunidades.

Um dos principais desafios enfrentados pelo CAED é a busca por um alinhamento efetivo entre as demandas das comunidades e a implementação de políticas públicas adequadas. Este processo exige um diálogo constante e por vezes complexo com as instâncias governamentais, visando garantir que as especificidades das comunidades tradicionais sejam devidamente consideradas e atendidas no âmbito educacional.

Apesar dos desafios, o CAED acumula conquistas significativas desde sua criação. Em 2015, o coletivo teve papel fundamental na Conferência para elaboração do Plano Municipal de Educação, onde foi construída coletivamente uma meta específica para a educação das comunidades tradicionais de Paraty, um direito obtido através da mobilização popular. Nos anos seguintes, o CAED contribuiu para a expansão do ensino fundamental em diversas comunidades,

como a Praia do Sono, Pouso da Cajaíba, Saco do Mamanguá, Ponta Negra, Trindade, Paraty Mirim e Quilombo do Campinho.

Um marco importante foi alcançado em 2019, quando, após uma audiência pública organizada pela Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), foi assinado o decreto que instituiu a modalidade de Escolas do Campo no município. Esta conquista representa um avanço significativo no reconhecimento das particularidades educacionais das comunidades tradicionais.

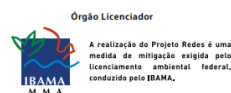
O CAED também se destaca pela produção de conhecimento sobre a realidade educacional das comunidades tradicionais de Paraty. O coletivo elaborou um dossiê abrangente sobre o tema, inicialmente em 2018, com atualizações em 2019, 2021 e 2022. Este documento apresenta um balanço dos direitos conquistados e das demandas ainda existentes, servindo como uma importante ferramenta de apoio jurídico e de planejamento para futuras ações.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial no fortalecimento do CAED, contribuindo para a consolidação de uma rede de cooperação que envolve universidades, educadores do território, lideranças comunitárias e outros parceiros. Este apoio tem sido fundamental para ampliar o alcance e a eficácia das ações do coletivo, permitindo uma troca de conhecimentos e experiências que enriquece o trabalho em prol da Educação Diferenciada.

Olhando para o futuro, o CAED - Paraty continua seu trabalho incansável na promoção de uma educação que respeite e valorize as tradições e os modos de vida das comunidades tradicionais. Com o apoio contínuo do Projeto Redes e o engajamento das comunidades, o coletivo segue enfrentando os desafios e construindo um modelo educacional mais inclusivo e culturalmente sensível, contribuindo assim para a preservação e o fortalecimento das identidades tradicionais de Paraty.

4.1.2. CAED/Angra dos Reis

O Coletivo de Educação Diferenciada de Angra dos Reis iniciou a tomar forma em 2019, emergindo de uma série de rodas de conversa que identificaram a necessidade premente de mobilização no município. Este movimento nascente contou com o apoio valioso de parceiros de diversas instituições e organizações,



bem como dos educadores envolvidos no Programa de Educação Ambiental da Costa Verde em sua primeira fase.

O objetivo central deste coletivo é promover e defender a educação diferenciada, um modelo educacional que respeita e valoriza as particularidades culturais e os saberes tradicionais das comunidades locais. Esta missão ganhou força graças à formação acadêmica de alguns integrantes em Licenciatura em Educação do Campo, que serviu como uma ponte vital entre o conhecimento universitário e as necessidades educacionais dos povos tradicionais.

Atualmente, o coletivo mantém-se ativo, buscando estabelecer um diálogo construtivo com as autoridades educacionais locais. Um dos principais desafios enfrentados tem sido justamente a dificuldade de comunicação efetiva com a Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis, um obstáculo que o grupo tem se empenhado em superar para avançar em suas propostas.

Apesar dos desafios, o coletivo já conta com conquistas significativas. Um marco importante ocorreu em 2019, quando lideranças comunitárias da Ilha Grande participaram de uma audiência pública em Paraty sobre educação diferenciada. Este evento, promovido pelo presidente da comissão de educação da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), o deputado estadual Flávio Serafini, representou um passo importante no reconhecimento das demandas educacionais específicas das comunidades tradicionais da região.

O Projeto Redes tem o potencial de desempenhar um papel crucial no fortalecimento deste coletivo. Seu apoio poderia se materializar através da facilitação de ações formativas para capacitar os membros do grupo em questões de gestão educacional e apoio jurídico. Além disso, o Projeto Redes poderia contribuir para a articulação do coletivo com outras iniciativas similares, ampliando sua rede de contatos e recursos.

Olhando para o futuro, o Coletivo de Educação Diferenciada de Angra dos Reis continua seu trabalho incansável na busca por um modelo educacional que respeite e valorize as tradições e os modos de vida das comunidades locais. Com o possível apoio do Projeto Redes e o engajamento contínuo das comunidades, o coletivo segue enfrentando os desafios e construindo pontes para um diálogo mais efetivo com as autoridades educacionais.

Seu objetivo é criar um sistema educacional mais inclusivo e culturalmente sensível, que não apenas preserve, mas também fortaleça as identidades tradicionais de Angra dos Reis. Este esforço coletivo representa uma importante contribuição para a diversidade cultural e educacional da região, prometendo benefícios duradouros para as gerações presentes e futuras das comunidades tradicionais locais.

4.1.3. Coletivo Educação Solidária/Ilha Grande

O Coletivo de Educação Diferenciada de Angra dos Reis nasceu em 2016, fruto de uma mobilização comunitária durante uma greve de professores. Seu objetivo principal é fortalecer a cultura caiçara no ambiente escolar e promover uma maior integração entre a comunidade e as atividades educacionais.

Desde sua fundação, o Coletivo tem atuado de forma significativa na região. Uma de suas principais ações foi trazer personalidades locais, como pescadores, parteiras e artesãos, para realizar atividades com os alunos e suas famílias, enriquecendo o processo de aprendizagem com conhecimentos tradicionais. A partir de 2017, o grupo ampliou sua atuação, conquistando representação no Conselho Escolar e dando voz às demandas da comunidade, mães e associação de moradores.

Um dos desafios enfrentados pelo Coletivo foi a questão do transporte escolar marítimo, essencial para os alunos que residem em outras praias. O grupo atuou ativamente nessa questão, realizando questionamentos e denúncias para garantir um serviço adequado e seguro.

Entre as principais conquistas do Coletivo, destaca-se sua participação efetiva em audiências públicas sobre educação, onde buscou cobrar do poder público a implementação de políticas educacionais mais adequadas à realidade local. Um exemplo disso é a luta por um currículo escolar diferenciado para a Educação do Campo, reconhecendo as particularidades e direitos da comunidade caiçara.

4.1.4. CAED/Ubatuba

O Coletivo de Educação da Praia do Sono emergiu em 2016, em um momento de significativa mobilização social. Sua gênese está intrinsecamente ligada a uma greve de professores que catalisou o apoio da comunidade, especialmente das mães de alunos, evidenciando a necessidade de uma participação mais ativa da comunidade nas questões educacionais.

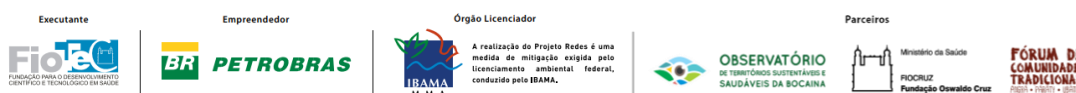
O objetivo primordial deste coletivo é fortalecer a presença da cultura caiçara no ambiente escolar, promovendo uma educação que valorize e preserve as tradições locais. Para alcançar este fim, o coletivo tem atuado de forma inovadora, trazendo para dentro da escola figuras emblemáticas da comunidade, como pescadores, parteiras e artesãos, para compartilhar seus conhecimentos e experiências com os alunos e suas famílias.

Desde 2017, o Coletivo de Educação Diferenciada de Paraty tem mantido uma atuação constante e significativa. Sua presença no Conselho Escolar, representando comunitários, mães e a associação de moradores, tem sido um canal importante para vocalizar as demandas e preocupações da comunidade. Esta representação tem permitido ao coletivo influenciar diretamente nas decisões que afetam a educação local.

Um dos desafios enfrentados pelo coletivo foi a questão do transporte escolar marítimo. O grupo assumiu um papel ativo na fiscalização e denúncia de irregularidades relacionadas ao barco escolar que faz o traslado de alunos de outras praias. Esta atuação demonstra o compromisso do coletivo não apenas com a qualidade do ensino, mas também com a segurança e o bem-estar dos estudantes.

Entre as principais conquistas do Coletivo de Educação Diferenciada de Ubatuba destaca-se sua participação efetiva em audiências públicas sobre educação. Nestas ocasiões, o grupo tem se posicionado de forma contundente, cobrando do poder público a implementação de políticas educacionais efetivas. Uma das principais reivindicações tem sido a adoção de um currículo escolar diferenciado para a Educação do Campo, reconhecendo este como um direito fundamental da comunidade.

O Projeto Redes desempenha um papel crucial no fortalecimento das ações do Coletivo de Educação Diferenciada de Ubatuba que se materializa



através da oferta de ações formativas em gestão educacional e apoio jurídico, capacitando os membros do coletivo para uma atuação ainda mais eficaz. Além disso, o Projeto Redes facilita a articulação do coletivo com outras iniciativas similares, ampliando sua rede de contatos e recursos.

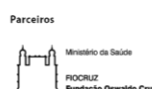
Olhando para o futuro, o Coletivo de Educação Diferenciada de Ubatuba continua seu trabalho incansável na busca por uma educação que não apenas respeite, mas celebre e fortaleça a identidade caiçara. Com o potencial apoio do Projeto Redes e o engajamento contínuo da comunidade, o coletivo segue enfrentando os desafios e construindo um modelo educacional mais inclusivo e culturalmente sensível.

Esta iniciativa representa um importante passo na preservação e valorização da cultura caiçara através da educação. Ao trazer os saberes tradicionais para dentro da escola e lutar por um currículo diferenciado, o Coletivo não apenas enriquece a experiência educacional dos alunos, mas também fortalece os laços comunitários e contribui para a perpetuação de um rico patrimônio cultural. Seu trabalho serve como um inspirador exemplo de como a mobilização comunitária pode transformar positivamente a realidade educacional local.

4.1.5. CAED/Ilhabela

O Coletivo de Educação Diferenciada da Ilhabela surgiu em 2020, nascendo de uma convergência de iniciativas que incluíam um projeto de identidade cultural caiçara nas escolas comunitárias, a chegada do PEA Costa Verde Fase I, e um intercâmbio enriquecedor com o coletivo de Paraty. Esta gênese multifacetada reflete a complexidade e a riqueza das demandas educacionais das comunidades tradicionais da região.

O objetivo primordial deste coletivo é promover e implementar uma educação diferenciada que respeite e valorize a cultura caiçara, adaptando o processo educativo às realidades e necessidades específicas das comunidades locais. Este propósito se mostra especialmente crucial diante dos desafios enfrentados, que incluem a falta de diálogo com o poder público e o contexto preocupante de desterritorialização, impulsionado pela entrada de grandes



empreendimentos e pela especulação imobiliária no município, muitas vezes com o apoio do governo local.

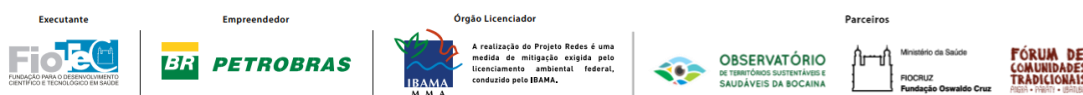
Apesar destes obstáculos, o Coletivo de Educação Diferenciada da Ilhabela tem alcançado conquistas significativas. Um marco importante foi a promulgação do Decreto Municipal nº 8267/2020, que instituiu as escolas das comunidades como Escolas do Campo, reconhecendo oficialmente suas particularidades. Além disso, o coletivo conseguiu angariar aliados no Conselho Municipal de Educação e, em 2021, articulou reuniões formativas com professores das escolas do campo, realizadas pela Secretaria Municipal de Educação, abordando temas como currículo, Projeto Político Pedagógico e métodos de ensino-aprendizagem diferenciados.

O ano de 2022 trouxe novos desafios e oportunidades. O coletivo se envolveu ativamente na elaboração do edital do processo seletivo para contratação de professores das escolas do campo, buscando incluir bibliografia especializada em povos e comunidades tradicionais e educação do campo. Além disso, manteve diálogo constante com o Conselho Municipal de Educação de Ilhabela e estabeleceu articulações com o Coletivo de Educação Popular de Ilhabela, que atua em escolas urbanas.

Na esfera estadual, o Coletivo de Educação Diferenciada da Ilhabela, em conjunto com o coletivo de Ubatuba, conquistou participação na elaboração das Diretrizes Curriculares das Escolas do Campo do Estado de São Paulo para comunidades tradicionais, quilombolas e assentamentos. Esta participação resultou na construção do Marco Conceitual das Escolas Caiçaras, um documento fundamental que define o que é uma comunidade caiçara e como deve ser orientada sua educação escolar.

O Projeto Redes tem desempenhado um papel crucial no apoio ao Coletivo de Educação Diferenciada da Ilhabela. Através da articulação com o Projeto Escolas do Território da Universidade Federal Fluminense (UFF), o Projeto Redes facilitou a realização de reuniões formativas essenciais em 2021. Embora estas atividades tenham sido interrompidas em 2022 devido à mudança na gestão municipal, o impacto positivo dessas iniciativas permanece.

Em 2023, houve um afastamento do CAED/Ilhabela em relação ao Projeto Redes, por divergências políticas. Olhando para o futuro, seria importante



restabelecer a relação do Coletivo de Educação Diferenciada da Ilhabela com o Projeto Redes, reconhecendo sua importância para a construção da Rede de Formação Socioambiental.

4.1.6. CAED/Mangaratiba

Em meados de 2023, mais precisamente no dia 16 de julho, nasceu uma iniciativa promissora no cenário educacional de Paraty e Angra dos Reis. Fruto de uma ação formativa amplamente participativa, o Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada surgiu com um propósito claro e urgente: fortalecer a luta por uma educação verdadeiramente inclusiva e adaptada às realidades locais.

Desde o seu início, o Coletivo tem demonstrado um compromisso inabalável com sua missão. Suas atividades tiveram como ponto de partida o Curso de Educação Diferenciada da Rede de Formação Socioambiental, contando com o valioso trabalho do núcleo de acompanhamento. A dinâmica de atuação do grupo é marcada por encontros mensais presenciais, com a louvável prática de alternar os locais de reunião entre as comunidades dos integrantes, promovendo assim uma verdadeira imersão nas realidades que buscam transformar.

Contudo, o caminho a ser percorrido não está isento de obstáculos. O principal desafio identificado pelo Coletivo é a falta generalizada de compreensão sobre o que realmente significa Educação Diferenciada. Esta lacuna de entendimento se estende por todo o território, abrangendo comunidades, escolas e até mesmo a secretaria de educação, onde frequentemente o conceito é confundido com educação inclusiva em seu sentido mais restrito.

Apesar de sua recente formação, o Coletivo já está empenhado em ações concretas e impactantes. Atualmente, seu foco principal está na elaboração de um minucioso dossiê que visa denunciar a situação precária da educação e das instalações escolares nas comunidades atendidas. Este documento promete ser um instrumento poderoso para dar visibilidade às questões enfrentadas e impulsionar mudanças necessárias.

Nesta jornada, o apoio do Projeto Redes tem sido fundamental. Sua contribuição se materializa através do fornecimento de diárias para cobrir os



custos de deslocamento e alimentação dos integrantes do Coletivo em suas visitas às diversas comunidades. Este suporte logístico é crucial para garantir a continuidade e eficácia das ações do grupo.

À medida que o Coletivo de Apoio à Educação Diferenciada avança em sua missão, fica evidente o potencial transformador desta iniciativa. Ao promover uma compreensão mais profunda e abrangente do que significa uma educação verdadeiramente adaptada às necessidades e realidades locais, o Coletivo está lançando as bases para uma mudança significativa no panorama educacional da região. Com persistência, colaboração e o apoio contínuo de parceiros como o Projeto Redes, o futuro da educação em Mangaratiba se desenha com cores mais vibrantes e inclusivas.

4.1.7 CAED/Caraguatatuba e São Sebastião

O Coletivo de Educação Diferenciada de São Sebastião e Caraguatatuba é uma iniciativa recente, tendo sua origem em um encontro sobre educação diferenciada realizado em Maresias em 2024. Este grupo nasceu com a missão de fortalecer e promover uma abordagem educacional que respeite e valorize as particularidades das comunidades tradicionais presentes nesses dois municípios do litoral paulista.

Desde sua fundação, o Coletivo tem se empenhado em atuar como uma ponte entre as comunidades locais e as instituições educacionais. Seu principal foco é a implementação de práticas pedagógicas que reflitam a riqueza cultural e os saberes tradicionais da região, buscando uma educação mais contextualizada e significativa para os estudantes.

No entanto, o caminho não tem sido sem obstáculos. Um dos maiores desafios enfrentados pelo Coletivo é estabelecer um diálogo produtivo com as autoridades públicas. O grupo busca a implementação efetiva da educação diferenciada nas redes de ensino estaduais e municipais, um processo que demanda persistência e articulação constante.

Outro desafio significativo é a conscientização das comunidades escolares sobre a importância de uma educação que valorize e fortaleça as tradições locais.

O Coletivo trabalha para disseminar essa ideia, mostrando como tal abordagem pode enriquecer a experiência educacional e fortalecer os laços comunitários.

Apesar de sua curta existência, o Coletivo já conta com o apoio valioso do Projeto Redes, que tem sido um parceiro desde sua concepção. Este suporte tem sido fundamental para impulsionar as ações do grupo e pode ser ainda mais ampliado no futuro. O Projeto Redes tem o potencial de continuar contribuindo através da organização de mais ações formativas, oferecendo apoio jurídico quando necessário, e facilitando a interconexão entre os diversos coletivos de educação diferenciada que estão surgindo na região.

Esta colaboração entre o Coletivo e o Projeto Redes representa um passo importante na construção de uma rede de apoio à educação diferenciada, prometendo fortalecer não apenas as práticas educacionais, mas também a própria identidade cultural das comunidades tradicionais de São Sebastião e Caraguatatuba.

Tabela 6: Síntese sobre os coletivos de apoio à educação diferenciada (2024)

	Fundação	Objetivo	Ações	Desafios	Conquistas	Apoios
CAED/Paraty	2015	Promover a Educação Diferenciada para comunidades tradicionais de Paraty.	Desenvolvimento de metodologias educacionais nas escolas municipais e nas comunidades.	Alinhamento entre demandas comunitárias e políticas públicas.	Contribuição para o Plano Municipal de Educação e expansão do ensino em várias comunidades; reconhecimento das Escolas do Campo em 2019.	Projeto Redes fortalece a rede de cooperação com universidades e lideranças comunitárias.
CAED/Angra dos Reis	2019	Defender a Educação Diferenciada respeitando as culturas locais.	Mobilização para dialogar com as autoridades educacionais.	Dificuldades de comunicação com a Secretaria Municipal de Educação.	Participação em audiência pública sobre educação diferenciada.	Projeto Redes pode fortalecer o coletivo por meio de capacitação e articulação com outras iniciativas.
Col. Ed. Solidária/Angra	2016	Fortalecer a cultura caiçara e integrar a comunidade à educação.	Participação de pescadores, parteiras e artesãos no ensino escolar; representação no Conselho Escolar.	Questões com o transporte escolar marítimo.	Ações em audiências públicas e luta por currículos diferenciados para a Educação do Campo.	Participou da CPP da Rede de Formação Socioambiental

CAED/Ubatuba	2016	Valorizar e preservar a cultura caiçara através da educação.	Trazer lideranças comunitárias para as escolas e representar as comunidades no Conselho Escolar.	Transporte escolar marítimo e segurança dos estudantes.	Participação em audiências públicas e luta por currículos diferenciados.	Projeto Redes fortalece as ações do coletivo com formação e articulação.
CAED/Ilhabela	2020	Implementar a educação diferenciada, respeitando a cultura caiçara.	Formação com professores, participação no Conselho Municipal de Educação, criação das Diretrizes Curriculares para as Escolas do Campo.	Falta de diálogo com o poder público e desafios de des-territorialização.	Decreto Municipal reconhecendo as Escolas do Campo e criação do Marco Conceitual das Escolas Caiçaras.	Projeto Redes facilitou reuniões formativas na Fase 1, houve menos interação nos últimos anos.
CAED/Mangaratiba	2023	Fortalecer a educação diferenciada e adaptada à realidade local.	Elaboração de um dossiê sobre a precariedade educacional e encontros mensais.	Falta de compreensão sobre Educação Diferenciada.	Abertura de turmas EJA.	Projeto Redes apoiou criação e fornece apoio logístico para as atividades do coletivo.
CAED/Caraguatatuba e S. Sebastião	2024	Promover práticas pedagógicas que respeitem as culturas tradicionais.	Atuação como ponte entre as comunidades e as instituições educacionais.	Estabelecimento de diálogo com autoridades e conscientização das comunidades escolares.	.	Projeto Redes apoiou a criação e organiza ações formativas

5. Conclusão

Este relatório traz um esforço inédito de detalhamento das atividades do Projeto Redes nas comunidades, focado na contribuição do projeto para o fortalecimento das organizações comunitárias. Foi construído a partir de diversas fontes: dados do monitoramento, oficinas de formação e planejamento, reuniões, revisão de educadores e coordenadores, além da revisão bibliográfica sobre o tema. Além de uma visão geral sobre a questão das organizações comunitárias, optou-se por um olhar detalhado por cada comunidade, para que o relatório fosse não somente uma sistematização do trabalho realizado e das condições pré-existentes à entrada do projeto, mas também um instrumento de planejamento das ações no último ano desta fase e um registro para orientar o trabalho na próxima fase.

Considerando as diversas modalidades de apoio às organizações comunitárias verificadas, pode-se destacar: apoio à formação de novas organizações, formalização de organizações existentes, desenvolvimento de

temas geradores de interesse das organizações comunitárias, atividades formativas relacionadas ao associativismo, revitalização de organizações inativas, seleção de lideranças comunitárias para os cursos da Rede de Formação Socioambiental, incentivo a novas lideranças nas associações, articulação em rede entre comunidades, formação e fortalecimento de coletivos, articulação com movimentos sociais e mediação entre organizações comunitárias e poder público.

É possível notar diferentes graus de mobilização existentes em cada comunidade, desde aquelas em que o próprio contato com comunitários é estruturalmente difícil, por conta do acesso, do baixo número de pessoas ou de dificuldades próprias da entrada do projeto, até as que possuem associações constituídas, regularizadas e atuantes, com incidência na gestão ambiental e nas políticas públicas. As diferentes características das comunidades devem ser consideradas, para que não se padronize a avaliação. Um caminho possível, ao longo do ano, é qualificar o trabalho de base não só em termos comparativos entre as 111 comunidades, com os mesmos parâmetros e limiares, mas utilizar um indicador que pondere os limites próprios de cada situação. Logo, a maneira de medir o grau de engajamento de uma comunidade de difícil acesso em que habitam 2 a 3 famílias - caso de Parnaioca, na Ilha Grande, por exemplo - não pode ser a mesma de uma comunidade com dezenas de famílias, como é o caso de São Gonçalo, em Paraty, ou o Quilombo da Marambaia, em Mangaratiba, que apresentam alta procura por cursos e participação em atividades do projeto.

O desempenho do Redes nas 111 comunidades não é homogêneo, há variações multicausais no grau de engajamento. Aqui é importante registrar essas diferenças e apontar possíveis caminhos. Mas não é possível esmiuçar todas as causas que implicam nessas diferenças. Quando o quadro perdura ao longo dos anos ou quando há uma concentração de muitos casos problemáticos num microterritório, a análise e a resposta devem ser mais específicas.

A principal finalidade do relatório é servir à orientação do trabalho formativo desenvolvido em cada comunidade, ao mesmo tempo possibilitando uma visão geral que permita enxergar as convergências e sinergias num âmbito meso e macroterritorial. Até o final da Fase 2, será possível identificar os avanços obtidos em cada comunidade, não só através de indicadores quantitativos, mas também

com descrições qualitativas mais densas sobre a contribuição do Projeto Redes no fortalecimento das organizações comunitárias.

Referências bibliográficas

FARO, Amanda Regis. Organização comunitária e a produção do comum: potências e contradições na comunidade caiçara da Praia do Sono. Tese de Doutorado/UFF, Niterói, 2021

FEITOSA, Annagesse; SILVA, Iby Montenegro. Conflitos por terra e repressão no campo na região da Costa Verde, litoral Sul Fluminense. In: Leonildes S. de Medeiros (org.) Conflitos por terra e repressão no campo no estado do Rio de Janeiro (1946-1988). Relatório Final. Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, 2015

FIOTEC. Plano de trabalho do PEA Costa Verde Fase 2 (Projeto Redes), 2021

FIOTEC. Relatório anual do Projeto Redes, 2022.

GALLO, Edmundo; NASCIMENTO, Vágner (org.) O território pulsa: territórios sustentáveis e saudáveis da Bocaina: soluções para a promoção da saúde e do desenvolvimento sustentável territorializados. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019

MINERAL ENGENHARIA E MEIO AMBIENTE. Projeto de Educação Ambiental. Diagnóstico participativo PEA Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. Revista Eletrônica da AGB, n. 3, ano 3, 2006

RIBEIRO, José Rafael. Meio ambiente, desenvolvimento e democracia: SAPE e a difícil trajetória do movimento ambientalista em Angra dos Reis. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2007

WALM ENGENHARIA E TECNOLOGIA AMBIENTAL LTDA. Projeto de Educação Ambiental da Costa Verde. Diagnóstico participativo PEA no Litoral de São Paulo. São Paulo. 2012.

